

ÍNDICE DE FONTES: VESTÍGIOS DA SEMANA DE 22 NO ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

SEMANA DE 22

Promovidas pelo Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo
Conselho Estadual de Cultura

Academia Paulista de Letras
Sessão do Seminário de Literatura.

Museu de Arte de São Paulo
do Ilme. 1922 e a Exposição da
S. São Paulo-Sintonia de Alma

João Pedro
"Esses intrépidos rapazes e
Modernos", de
a da Companhia

Capa do catálogo da Semana de Arte
Moderna, 1922.

Piotim (detalhe), 1927, óleo de
Raimundo de Toledo, SP

Municipal
al (obras musicais posteriores
2) com a Orquestra Filarmônica.
do a seguir o bailado
da Lobos.



SEMANA DE 22 / SEMANA 82
SEMANA DE 22 / SEMANA 82

Inauguração da Exposição de Arte - Semana
de Arte Moderna de São Paulo - 1922

20 h - 22h

Piotim na semana de 22.





SEMANA DE ARTE MODERNA



**CENTENÁRIO DA SEMANA
DE ARTE MODERNA
NO THEATRO MUNICIPAL
DE SÃO PAULO**



SUMÁRIO

7	Apresentação Direção
9	Apresentação Gerência
11	Apresentação Coordenação
14	Introdução
18	O processo de levantamento das fontes
22	Breve Balanço da Semana: Algumas Leituras
26	Um percurso pelas fontes do Theatro Municipal de São Paulo
27	1972
34	1982
41	1992
44	1997
46	2002 e 2006
50	2009
52	2012
60	Considerações finais
62	Fontes
64	Bibliografia
68	Epílogo - Complexo Modernismo: a história da Semana de Arte Moderna pelo acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo
94	Anexo - Transcrição do conjunto de Programas de Espetáculos e Eventos

DARIUS MILHAUD (1892-1974)
SAUDADES DO BRASIL

a / Botafogo / Leme / Copacabana / Ipanema / Gávea
/ Tijuca / Sumaré / Paineiras / Laranjeiras / Paissandu

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)
CHOROS Nº 11

- Allegro Preciso ma non Troppo
- Andante quasi Moderato
- Allegro Moderato

solista: MARCO ANTONIO DE ALMEIDA

MAESTRO DAVID MACHADO

ente conhecido como maestro e regente de ópera, David
eigou-se na Alemanha com Wolfgang Sawalisch e Carl
alia, com Sergiu Calibidache e Franco Ferrara, quando
ma di Merito e o diploma de *Opore regendo no Teatro*
o Teatro Massimo de Palermo, permaneceu por doze anos
grande teatro italiano. Como diretor artístico e regente
restra Sinfônica de Porto Alegre (1978-1981), organizou
ópera e exerceu funções com produções em real-
gravadas em discos. Em Montevideu, foi diretor artístico
r da Orquestra Sinfônica do Sodia (1986-1990), dedicou
tação a uma grande atividade operística, concertos e gra-
po e disco. David Machado legou para os próximos anos
internacionais e já tem agendas para os próximos anos

Secretaria de Educação e Cultura
Departamento de Cultura

Semana de Arte Moderna
Cinquentenário da

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Cultura e Turismo
Conselh
com

Prefeitura de São Paulo

Departamento de Cultura

Dr. S. V. FERREIRA

INTRODUÇÃO

EVENTO INCONTORNÁVEL da história da cultura brasileira, a Semana de Arte Moderna motiva acaloradas discussões. Seja para reafirmar seu sentido disruptivo nas artes, o que invariavelmente acontece de forma laudatória, seja para rever criticamente seus pressupostos, o fato é que o evento ainda encontra lugar de destaque nas disputas políticas da memória.

No contexto do seu centenário, o Theatro Municipal de São Paulo (TMSP), local que abrigou essa programação, busca os vestígios da Semana de Arte Moderna (também conhecida como Semana de 22) no seu acervo. Na intenção de contribuir com o debate sobre a memória fabricada do episódio, esta publicação apresenta um conjunto de fontes que registram como a Semana de 22 foi retomada na programação do Municipal ao longo dos últimos cem anos.

O *Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo* apresenta documentos históricos relevantes para o estudo e debate sobre o tema. Trata-se da seleção de Programas de Espetáculos e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo que registram a programação das ocasiões em que o Theatro sediou celebrações e retomadas críticas da Semana de 22 nos anos de 1972, 1982, 1992, 1997, 2002, 2006, 2009 e 2012. Por meio da análise do conjunto dessas fontes, é possível identificar que, nessas efemérides, o Municipal não apenas retomou, mas atualizou a Semana de Arte Moderna. Isso fica patente no conjunto de fontes, uma vez que, a cada ocasião, a instituição evidenciou novos artistas e intelectuais em diálogo com diferentes compreensões sobre o papel do evento ocorrido em 1922. Assim, ainda que a Semana de Arte Moderna seja um tema de pesquisa de grande relevância no país e bastante pesquisado, este *Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo* revela como a análise de novos documentos pode contribuir para contar histórias plurais, fugindo de uma narrativa única sobre o passado, apontando caminhos e perspectivas de investigação e propondo novos

O PROCESSO DE LEVANTAMENTO DAS FONTES

2 Para conhecer mais o acervo do IEB-USP, acesse <https://www.ieb.usp.br/acervo/> e http://200.144.255.59/catalogo_eletronico/

ESTE Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo foi concebido pelo Núcleo de Acervo e Pesquisa do Theatro Municipal de São Paulo. Como o próprio título anuncia, trata-se do levantamento de fontes primárias presentes no Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo que se caracterizam como vestígios da Semana de Arte Moderna na programação do Theatro ao longo dos últimos cem anos. Nas diferentes consultas ao acervo, foi identificada a ausência de fontes primárias da Semana, revelando que os principais documentos sobre o evento estão em outros acervos como o programa da Semana de Arte Moderna de 1922, com capa de Emiliano Di Cavalcanti, pertencente à Coleção Mário de Andrade, que está acondicionado no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP), assim como o catálogo da exposição da Semana de 1922, também com capa de Emiliano Di Cavalcanti, do Arquivo Anita Malfatti, também sob a guarda do IEB-USP².

Diante dessa lacuna, a área da Pesquisa, do Núcleo de Acervo e Pesquisa, formulou novas perguntas ao acervo do Theatro Municipal: Quais fontes poderiam ser elencadas como vestígios da Semana de 22? Como o Municipal revisitou esse tema ao longo das últimas décadas? O que a programação das festividades de retomada da Semana de 22 pode nos revelar? Essas e outras perguntas conduziram o processo de mapeamento e levantamento de outras tipologias de documentos: os Programas de Espetáculos e Eventos que retomaram o tema da Semana de Arte Moderna de 1922 no Theatro Municipal de São Paulo.

O processo de pesquisa foi longo e minucioso, envolvendo a consulta a dezenas de caixas, com centenas de envelopes de guarda da documentação. Mesmo sem o correto acondicionamento e catalogação ideal do acervo, tais consultas foram possíveis graças ao empenho e à qualidade do trabalho realizado por toda uma geração de trabalhadores do Theatro Municipal, que colaboraram para o estabelecimento das condições de guarda e acondicionamento das peças do acervo. As equipes de figurino – formada por aderecistas, figurinistas, camareiras – e da cenotécnica, ao longo dos anos, realizaram a guarda e a identificação dos objetos, como também a equipe arquivística do Museu do Theatro Municipal³, que colaborou com a organização do Centro de Documentação e Memória da Praça das Artes. O projeto Traje em Cena, de meados de 2005 e 2006, sob a coordenação do professor Fausto Viana e da professora Elizabeth Ribeiro Azevedo, com apoio da Fundação Vitae, marcou um momento em que foram elaboradas melhores condições de acondicionamento, bem como o início da catalogação e documentação de parte da coleção de figurinos.⁴

Para o levantamento de fontes, foi necessário criar um método de pesquisa por amostragem: abrimos todas as caixas de Programas de Espetáculos e Eventos cuja datação remetia aos decênios que possivelmente indicassem alguma solenidade comemorativa da semana, ou seja, 1922, 1932, 1942, 1952, 1962, 1972, 1982, 1992, 2002 e 2012. Assim, todo o conteúdo anual dessas caixas foi consultado, buscando alguma referência à Semana de Arte Moderna. Nesse processo, foi selecionado o conjunto de oito anos de Programas de Espetáculos e Eventos, sendo o primeiro de 1972, passando por 1982, 1992, 1997, 2002, 2006, 2009 e 2012. Os anos não terminados em 2 foram localizados utilizando outros métodos, como a busca no Portal de Acervos, bem como a pesquisa nos acervos de imprensa. Dessa forma, o conjunto de fontes aqui apresentado é resultado de uma seleção de documentos que não é, e não pretende ser, a totalidade dos episódios que rememoram a Semana de 1922 no espaço do Theatro, pois foram vários os espetáculos de corpos artísticos que retomaram ou dialogaram com esse tema ao longo do tempo.

A documentação dos Programas de Espetáculos e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo caracteriza-se como um registro majoritariamente em papel, com capa, contracapa, páginas contendo publicidade (apresentando hábitos e características de cada época), com informações como título, ficha técnica com elenco ou o nome do corpo artístico (Orquestra Sinfônica Municipal, Balé da Cidade de São Paulo, por exemplo), data, direção de cena, figurino, entre outras. Esses documentos registram a programação tanto de espetáculos quanto de eventos ocorridos nas dependências do Complexo Theatro Municipal. Nesta categoria podemos elencar diversas ocorrências como bailes de Carnaval, formaturas, festas beneficentes, convenções partidárias, entre outros.

3 O Museu do Theatro Municipal (MTM) foi criado pelo Decreto municipal n. 7.729, de 9 de outubro de 1968, sendo regulamentado em 1983 vinculado ao Departamento do Patrimônio Histórico (DPH), responsável pelos acervos museológicos municipais. Inicialmente, sua coleção ocupava três salas do Theatro Municipal e as exposições ocorriam no Saguão e no Salão Nobre. Foi transferido para o Edifício Martinelli e, por fim, para o prédio existente abaixo do Viaduto do Chá, onde foi desativado. Seu acervo encontra-se no Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo, na Praça das Artes.

4 Além disso, o projeto abarcou a criação de uma Base de Dados, que disponibilizou as informações catalogadas no Portal de Acervos Artísticos e Culturais da Prefeitura de São Paulo, um importante instrumento de pesquisa. Para acessar o Portal de Acervos, utilize o link: <http://www.acervosdacidade.prefeitura.sp.gov.br/PORTALACERVOS/>

O CORO DOS CONTRÁRIOS - 2002

QuestionAR o que é concreto, o que é pre-
visível, a técnica pela técnica, o conceito
do belo do padrão, do bom gosto. O gosto
ao gosto?
QuestionAR a aprovação obediente, passiva,
típica de “colonizados” diante do que é
acenado (imposto?) como bem aceitável.
QuestionAR a hemorragia de informações
que aprimoram nosso desempenho, mas
também alimentam nossa ansiedade, a ne-
cessidade de justificAR, cada instante nos-
sas preferências, a impessoalidade e a inse-
gurança que nos rouba o privilégio de errAR.
A MENTE QUER RESPIRAR.
CantAR em nosso tempo, os nossos dias,
nossas dúvidas, fraquezas, nossa ingenui-
dade e grandeza, nossa generosidade
em assimilAR, muitas vezes sem o filtro da
crítica, tudo o que nos atrai, nos comove,
nos perturba.
CantAR nossa coragem e irreverência pARA
digerir tudo isso, pARA transformAR o que
devoramos, em busca talvez de nossa iden-
tidade.
Re – avaliAR o que herdamos pARA criAR
outros parâmetros. Ou ainda recusá-los.
CantAR os “nossos sotaques”, nossas dife-
renças, o que é sublime e o que repugna
sem receio de não agradAR, sem esmolAR
o aplauso fácil e complacente.
O sonho sempre, não a miragem.

Diversidade, sim, não o individual
Elite – inevitável, nunca a exclusão
Técnica imprescindível, substituição
Inovar pela ação, não pela reprodução
Re – ação
O CORPO QUER RESPIRAR!
Diminuir as dificuldades temporais e
que nos separAR de pensadores,
visitores e obras que respeitamos e
sem o medo de profaná-las.
AproximAR esse canto das pessoas
mais do que olhos e ouvidos exa-
ustos.
Não se conformAR com o esquecido
com o que morre sem DAR frutos,
já nasce velho.
Não aceitAR a raduga crônica daq-
ue
ainda nem foi vivido, pois em
confirmAREmos seres incompleto
bres, hipocriativos, sonolentos.
Não se contentAR com modismos e
de toda a espécie, mas tornAR esse
único cada momento, cada even-
to
advento sonoro, porque sagrado,
gerado, porque vivo.
Mudar a direção do olhar quant
for preciso, com a mesma dignid
que tentamos OLHAR para dentro
mesmos, o que nunca é fácil.
O ESPÍRITO QUER RESPIRAR...

A R
A(ma)R-TE

CORAL PAULISTANO

Regente Titular MARA CAMPOS. Regente Assistente TIAGO PINHEIRO. Pianistas ROSANA CIVILE FIGUEIREDO. Sopranos ANITA DEIXLER, CLÁUDIA ARCOS, DÊNIA CAMPOS, ELIANE DE AQUINO, GISELE AFECHÉ, HELOISA PETRI, HYE KYUNG HONG KIM, LEA DENISE M. REZÉNDE, MITSUE SAKAMOTO, RITA MOREIRA, SAMIRA MOREIRA, SIRA MILANI, VERA PLATT. Contraltos ANDRÉIA DE ABREU, ELIETTI GORSKI D. KÁTIA NOVAES, KEILA DE MORAES, LLANA CONRADO, LUCIA M. P. STOPIGLIA, MARIA LUCIA WALDOW

BREVE BALANÇO DA SEMANA: ALGUMAS LEITURAS

5 COELHO, Frederico. A semana de cem anos. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 19, n. 41, 2021, p. 29. DOI: 10.11606/issn.2178-0447. ars.2021184567. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/184567>. Acesso em: 8 jan. 2022

6 Idem, p. 31.

7 SIMIONI, Ana Paula. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Revista Perspective*, 2013, p. 1-17. Disponível em: <http://perspective.revues.org/5539>. Acesso em: 13 jan. 2022.

8 Idem, p. 3.

AO PROPOR NOVAS LEITURAS da história da Semana de Arte Moderna, Fred Coelho aponta a necessidade de revisão do mito de origem da arte moderna brasileira:

(...) ao mesmo tempo que a centralidade do modernismo paulista apagou os demais modernismos brasileiros, talvez só possamos pensar nesses outros modernismos porque o modelo paulista se espalhou como vetor histórico e estético sobre os demais espaços modernos ao redor do país⁵.

A semana pulsa em nosso imaginário nacional pelo seu excessivo caráter histórico de fundação, origem, começo, início e sua qualidade de progressão, ruptura que instaura o novo rumo aos avanços permanentes das artes brasileiras. A semana permanece em debate porque sua marca enquanto um divisor de águas a devolve sempre a essa espécie de progressão que precisa ser criticada na própria ideia de progresso nela embutida⁶.

Muitos fatores colaboraram para que a Semana de Arte Moderna fosse considerada o marco inaugural do Modernismo brasileiro, consolidando-se como um discurso canônico. Ana Paula Simioni⁷ corrobora a ideia de que tal narrativa permanece em disputa. A pesquisadora afirma que esta visão foi a mais difundida, sendo inicialmente elaborada pelos próprios intelectuais e artistas pertencentes ao círculo modernista. Isso ocorreu em razão da grande projeção das ideias do grupo na imprensa da década de 1920, uma vez que alguns deles – como Menotti del Picchia e Oswald de Andrade – possuíam vínculos estreitos com jornais como *Correio Paulistano* e *Jornal do Commercio*, entre outros. Na época, a imprensa constituía-se como espaço de difusão de ideais e de encontro entre intelectuais – era, portanto, a principal instância de produção cultural⁸, uma espécie de arena de propagação dos ideais do grupo.

9 COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 16.

10 A citar SOUZA, Antonio Candido de Mello, *Literatura e cultura de 1900 a 1945*. In: *Literatura e sociedade*, São Paulo, (1953) 2000.

11 Ver mais em BRITO, Ronaldo. *Análise do circuito. Malasartes, 1975*. In: BRITO, Ronaldo. *Experiência crítica*. Textos selecionados. Organização Sueli de Lima. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

Fred Coelho⁹ afirma que, até 1940, a figura do crítico de jornal conduzia muitos aspectos da vida literária e do debate público nacional. Porém, com a estruturação das universidades, em especial a Universidade de São Paulo (USP), ocorreu a ascensão das análises literárias acadêmicas como os trabalhos de Antonio Candido¹⁰ e Afrânio Coutinho, intelectuais que retomaram a memória da Semana de Arte Moderna, valorizando-a como ato de ruptura, produzindo estudos com a perspectiva triunfal do Modernismo que marcam um novo momento no pensamento brasileiro. Dessa forma, Simioni considera esse período circunscrito entre 1940 e 1970 como a segunda fase do processo de glorificação do Modernismo, envolvendo, por um lado, a força dos trabalhos acadêmicos e, por outro lado, o movimento de aquisições de coleções de arte modernistas patrocinadas pelo poder público.

Depois disso, em 1972, o Modernismo alcança a sua consagração máxima, legitimado por vários agentes como a universidade, o mercado de arte, os intelectuais, o meio cultural e o Estado. Já ao final dos anos 1970, cresce a revisão crítica¹¹ que contesta as relações entre a arte e o mercado, bem como os limites formais do Modernismo brasileiro.

Após este brevíssimo balanço introdutório, agora convidamos os leitores a mergulhar no percurso pelos documentos. Nele, vamos cruzar décadas de programação celebrativa da Semana no Theatro Municipal, passando por vários atores, artistas, gestores e adentrando diferentes olhares da Semana.

prosseguiu-os mais tarde na Europa
iaferro, Cortot e Friedrich Wuehner,
ado diversas vezes em concursos
mio no Concurso Magda Tagliatferro,
no Concurso da Academia
/erão do Mozarteum de Salzburgo —
cebeu o prêmio "hors-concours"
ulista de Críticos Teatrais de
e solista, suas interpretações têm
reconhecidas pelo público e pela
países. Tem tocado com orquestra,
e mestros ilustres, no Brasil e no
o: Jean Fournet, Enrique Jordá,
sim, Edouard van Remooterl,
Dlaf Roots, Edoardo De Guarnieri,
ri, Eleazar de Carvalho, Simon Blech,
sky, Thomas Baldrer, Roberto
ablo Komlos, Souza Lima, Armando
occhino, Benito Juarez, John
Pacheco, Olivier Toni, entre outros.
dedicado a obras de Schumann,
grande sucesso e excelente
o camerista, integra o Trio Brasileiro,
durante o Festival Internacional
tem se apresentado com êxito
Como pedagogo, tem formado
derável de jovens pianistas, alguns
Brasil e no Exterior.
iretor dos Seminários de Música
Paulo.
departamento de Música da
São Paulo e da Faculdade de Música
de São Paulo; tem sido convidado
ara lecionar nos Cursos
Teresópolis e de Curitiba.
ra participar do juri do Concurso
anadã (1977).
pa luar de destaque no cenário

Interpretes programados para tocar Villa-Lobos
na Semana, quem nos conta: "Havia em todo caso,
uma expectativa de simpática curiosidade em redor
de nós. O causador do fracasso foi Graça Aranha.
Era ele o advogado do novo credo. A sua oração
inaugural ia sendo atentamente seguida pelo público
que enchia o Municipal da Paulicéia. De vez em
quando um sorriso, até alguns aplausos. E Graça
Aranha foi demolindo, um após outro, os ídolos
antigos. Bach, Beethoven, Wagner foram caído
sucessivamente. O público ia se divertindo com a
demolição enquanto o orador o demolidor, com a
mão sacudida para derrubar o pai do Carlos Gomes,
foi a sentar. Que Graça Aranha pusesse abaixo
o semi-deus dos Oratórios; e o das Sinfonias; e o da
Tetralogia; estava muito direito. Era uma brincadeira
inocente. Mas bulir com o pai do Guaraní, paulista
ali de Campinas!... Isso era: um desáforo e inércia
castigo. Foi uma vaia tremenda, formidável,
um harulho de todos os infernos. Ninguém mais
se entendia muito pouco. O muito foi, aos poucos,
serenando. Consta que houve até intervenção da
polícia para conter os exaltados: das galerias, foi
nessa atmosfera efervescente que a música de
Villa-Lobos a sua entrada em São Paulo. E depois
assimilar que público paulista se revelou
nessa circunstância, perfeitamente educado, e de
um cavalheirismo irrepreensível. Depois de sair
com a sua paleta o discurso de Graça Aranha
e os protestos e Menotti, de Miró, de Benard,
de Oswald, recebeu com palmas Villa-Lobos e seus
interpretes quando entraram em cena. Mas
todos nós, Paulina d'Amorim, Alfredo Gomes,
Frederico Nascimento, Frutuoso Lima e eu,
estávamos contrariados e não nós. Paulina, Remia, de
emoção e de modo a não terminar desatada numa
crise de lágrimas. Frederico Nascimento e Pequening,
artista de arpa e prêmio de coração, ouvindo

Secreto de Sete Janturas - Collecção de 6 peças	
Nº 1 - Chromo - Nº 2	2\$000
» 2 - A viola	3\$000
» 3 - Chromo - Nº 3	2\$500
» 4 - Sonho	3\$000
» 5 - Japonezas	2\$500
» 6 - Sino de Aldeia	1\$500
Completo	12\$000
de Luar	3\$500
ão no Estio - Cantico brasileiro	3\$500
gem (A)	4\$000

EM FRANCEZ

tr Fanée - Op. 18	4\$500
orietas :	
Nº 2 - Luna d'Octobre	2\$500

UM PERCURSO PELAS FONTES DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

1972

O primeiro registro de comemorações da Semana de Arte Moderna no acervo do Theatro Municipal de São Paulo é de 1972, quando dos 50 anos da efeméride. Tal evento ocorreu nos dias 3, 5 e 30 de maio e foi promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, por meio da Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo, e do Conselho Estadual de Cultura. O fato de o primeiro vestígio celebrativo da Semana de 22 remeter ao ano de 1972¹² é bastante significativo, pois confirma os apontamentos das pesquisas¹³ sobre a consagração do Modernismo na ocasião do cinquentenário, num amplo processo que envolveu diversos agentes, até mesmo a política cultural praticada pelo arcabouço estatal.

Segundo Frederico Coelho, em 1972 a Semana deixa de ser um “evento divisor de águas apenas para a crítica universitária e os especialistas em literatura e artes plásticas e torna-se um momento definitivo na história cultural brasileira”¹⁴. Tal ocasião marca a participação efetiva do Estado, pois o governo ditatorial de Médici realizou grande investimento na propaganda ufanista, estabelecendo a retomada da Semana de Arte Moderna como uma comemoração oficial da nação. Dessa forma, foram muitas as ações envolvendo a programação federal e estadual prestando homenagens à Semana de 22, buscando marcar um senso de orgulho nacionalista na população, de acordo com o projeto de governo do regime militar.

Assim, em maio de 1972, o evento envolveu outras instituições culturais para além do Theatro Municipal de São Paulo, como o Masp¹⁵, a Academia Paulista de Letras, o Theatro São Pedro, bem como as embaixadas brasileiras em Lisboa e Paris. A vasta comissão organizadora, incumbida de selecionar a programação, foi coordenada pelo jornalista e membro da Academia Paulista de Letras, Nilo Scalzo, o artista plástico Walter Wey e a diretora técnica dos Museus Históricos Pedagógicos, Leonilda Pádula.

¹² Para repercussão desta programação na imprensa, ver: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720114-29688-nac-0007-999-7-not/busca/Semana+22+ser%C3%A1+festejada+maio>. Acesso em: 8 jan. 2022.

¹³ Para saber mais sobre os estudos que analisaram como, a cada década da efeméride, a Semana de Arte Moderna foi retomada e reinventada, ver SIMIONI, Ana Paula. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Revista Perspective*, 2013, p. 1-17. Disponível em: <http://perspective.revues.org/5539>. Acesso em: 13 jan. 2022.

Sobre este tema, ver mais em ALAMBERT, Francisco. A reinvenção da Semana (1932-1942). *Revista USP*, [S. l.], n. 94, p. 107-118, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i94, p. 107-118. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/45182>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Ver também COELHO, Frederico. A semana de cem anos. *ARS (São Paulo)*, [S. l.], v. 19, n. 41, p. 26-52, 2021. DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021.184567. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/184567>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Ver mais em: VALLEGO, Rachel. *Nostalgia moderna: a consagração do Modernismo e o mercado de arte nos anos 1970 na doação do Banco Central do Brasil para o MAC USP*. São Paulo, 2019.

¹⁴ COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 109

As comemorações em torno do cinquentenário da Semana de 1922, além do tom de celebração, ficaram marcadas pela valorização de uma certa identidade artística nacional. Isso ficou evidente na estrutura da programação, que segmentou as atividades em apresentações e discussões que demarcavam as influências dos modernistas, o evento da Semana de 1922 em uma breve ressonância da produção artística e literária dos participantes, e as transformações em decorrências do movimento original.

No palco do Theatro Municipal, por exemplo, ocorreram concertos em três noites e um espetáculo de balé. O primeiro dia contou com um concerto em homenagem aos ícones da literatura romântica brasileira que antecederam o ápice modernista. Como exemplo, poemas e textos de Gonçalves Dias, Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Luis Guimarães Filho e Vicente de Carvalho são musicados e regidos por maestros e solistas contemporâneos. Dentre os homenageados no concerto, apenas Menotti del Picchia participou da Semana em 1922, mas todos ocuparam cadeiras na Academia Brasileira de Letras.

Na segunda noite de apresentações no Theatro Municipal, a pianista Guiomar Novaes¹⁶, aos 76 anos, atendendo ao pedido do público – bem como feito em 22 –, tocou *Variações sobre o Hino Nacional Brasileiro*, de Louis Moreau Gottschalk, e o Quarteto de Cordas Municipal apresentou o *Terceiro quarteto*, de Villa-Lobos.

Por fim, no último dia, apresentaram-se leituras de desdobramentos da obra modernista, como o concerto da Orquestra Filarmônica de São Paulo regida por Souza Lima com o Corpo de Baile do Teatro Municipal¹⁷, cuja segunda parte foi o bailado *Uirapuru*, de Heitor Villa-Lobos, com coreografia de Johnny Franklin, cenários e figurinos de Francisco Giaccheri.

¹⁵ Além da exposição do Masp, *Semana de 22: antecedentes e consequências*, o vão do museu recebeu o Circo Piolin. Na ocasião, seu criador Abelardo Pinto representou a arte circense no cinquentenário em 1972. Isso significou um reconhecimento para as artes circenses. Para saber mais, ver: <https://acervo.mis-sp.org.br/fotografia/comemoracao-da-semana-de-22-circo-piolin>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Ver também: <https://www.google.com/url?q=https://masp.org.br/acervo/obra/circo-piolin-no-vao-do-masp-1&sa=D&source=docs&ust=1641674883802576&usq=AOvVaw0sgsWkfUp0w9e rFJG4DiF7>. Acesso em: 8 jan. 2022.

Ver mais: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/fazenda/pesquisa/?p=19404>. Acesso em: 8 jan. 2022. Para acessar parte da repercussão na imprensa, ver: http://memoria.bn.br/DocReader/Hotpage/HotpageBN.aspx?bib=089842_08&pagfis=31014&url=http://memoria.bn.br/docreader#. Acesso em: 8 jan. 2022.

¹⁶ Para mais detalhes sobre o concerto de Guiomar Novaes, ver página de *O Estado de S. Paulo*: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19720507-29784-nac-0028-999-28-not/busca/Guimar+Novaes>. Acesso em: 8 jan. 2022.

¹⁷ O termo "Corpo de Baile do Teatro Municipal" foi reproduzido exatamente como aparece na fonte original.

SEMANA DE 22

Programa das comemorações do cinquentenário

Promovidas pelo Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo
Conselho Estadual de Cultura

MAIO 1972



Capa do catálogo da Semana de Arte Moderna, 1922.

'Piolim' (detalhe), 1927, óleo de Reis Júnior, Coleção particular, SP



2 - 19 h Museu de Arte de São Paulo
Inauguração da Exposição de Arte 'Semana de 22: antecedentes e consequências'.

20 h Museu de Arte de São Paulo
Piolim na 'Semana de 22'.



CAPAS DOS EVENTOS DE 3, 5 E 30
DE MAIO DE 1972. FONTE: CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO.



Mário de Andrade fotografado por Benedito Duarte.

3 - 10 h Academia Paulista de Letras
Com a presença do Exmo. Senhor Governador
do Estado, instalação solene do Seminário de
Literatura: 'A Semana de 22 e suas
consequências'.

14 h Academia Paulista de Letras
Primeira sessão do Seminário de
Literatura e projeção do filme sobre Mário de
Andrade.



21 h Teatro Municipal
Concerto musical - manifestações que
antecederam a 'Semana de 22'.

4 - 14 h Academia Paulista de Letras
Segunda Sessão do Seminário de Literatura.



José Medina (1894 -), diretor dos
Filmes: 'Como Deus castiga' (c. 1919),
'Exemplo regenerador' e 'Fragmentos da vida' (1929).

18 h Museu de Arte de São Paulo
Conferência de José Medina sobre Cinema
Brasileiro em 22 - com projeção do filme
'Exemplo regenerador'.

5 - 14 h Academia Paulista de Letras
Terceira sessão do Seminário de Literatura.

18 h Museu de Arte de São Paulo
Projeção dos filmes 'Fragmentos da Vida' e
'Dois 'prontos' de sorte'.

Guiomar Novais (1896 -)



21 h Teatro Municipal
Concerto musical - programa da Semana de 22 -
com Guiomar Novais.





6 - 9 h Academia Paulista de Letras
Quarta sessão do Seminário de Literatura.

16 h Museu de Arte de São Paulo
Projeção do filme '1922 e a Exposição da Indústria' e 'São Paulo-Sinfonia de uma Metrópole'.



21 h Teatro São Pedro
Espetáculo teatral 'Esses intrépidos rapazes e sua maravilhosa Semana de Arte Moderna', de autoria de José Carlos Queiroz, pela Companhia de Beatriz Segall.

Heitor Villa Lobos (1887 - 1959).



30 - 21 h Teatro Municipal
Concerto musical (obras musicais posteriores à Semana de 22) com a Orquestra Filarmonica. Será apresentado a seguir o bailado 'Uirapuru' de Villa Lobos.

5/5/72

TEATRO MUNICIPAL



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PROGRAMAS DOS EVENTOS DE 1972.
FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

A comemoração de 60 anos da Semana de Arte Moderna ocorreu entre 12 e 19 de fevereiro de 1982. Em contraste com a organização do cinquentenário – um evento de reverberações nacionais e internacionais –, tal celebração sediada no Theatro Municipal foi promovida apenas pela Prefeitura do Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, ainda que outros festejos tenham tomado lugar na cidade (como na Academia Paulista de Letras e na Bienal de 1982). Nos 60 anos da Semana de Arte Moderna, o secretário Municipal de Cultura de São Paulo era o poeta e crítico Mário Chamie, cuja obra reconhecia o caráter revolucionário do movimento modernista. Sua secretaria programou eventos no Theatro Municipal, além de exposições, shows e mostras de filmes.

Um dos aspectos interessantes desse documento é o texto de abertura de Mário Chamie, da programação intitulada *Semana de 22/Semana de 82*, revelando sua leitura sobre a retomada da Semana de Arte Moderna. Em suas palavras:

(...) qualquer retrospectiva que se faça da Semana de 22 não deve esgotar-se na pura comemoração do acontecimento. Transcorridos sessenta anos, mais do que a celebração, cabe-nos rever os caminhos de sua força e os equívocos de sua possível fraqueza¹⁸.

Chamie retoma algumas concepções levantadas no cinquentenário, como considerar a Semana de 22 um marco que repercutiu em todas as áreas e tendências culturais, políticas e sociais do país. Porém, Chamie se apresenta menos taxativo quanto a uma unidade interpretativa sobre o evento original. Seu texto aponta uma compreensão do Modernismo menos contemplativa, sem intenção de replicar as noites da Semana e mais próxima das reinterpretações e aplicações criativas dela. Além disso, como o trecho acima demonstra, Chamie sinaliza indícios de abertura para a revisão crítica:

O lugar legítimo dessa revisão é, por direito de origem, o Teatro Municipal de São Paulo. Nas mesmas escadarias, no mesmo palco, na mesma platéia, estaremos reencontrando fotos,

¹⁸ CHAMIE, Mário. *Semana de 22/Semana de 82*, texto de abertura do Programa de Espetáculos e Eventos de 12, 13 e 14 fevereiro de 1982 do Theatro Municipal de São Paulo. Fonte: Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo.

painéis, documentos, perfis, esculturas, peças musicais e filmes que nos resgatam 22 para a análise e a avaliação atual de 82¹⁹.

A programação *Semana de 22/Semana de 82* é formada por uma exposição, projeção de filmes e concertos. A primeira, respectivamente, nomeada *Semana de 22/ Semana de 82*, carregou fotografias, textos e documentos originais expostos em painéis, a fim de construir paralelos e intersecções da transformação urbana, cultural, intelectual entre as décadas de 1920 e 1980, como exemplo as fotografias da capa da programação.

Na programação de filmes, o documentário de Geraldo Sarno²⁰, *Semana de arte moderna*, de 1972, reúne depoimentos de Di Cavalcanti, Menotti del Picchia e Tarsila do Amaral, além de críticos de arte e artistas contemporâneos (a citar Antônio Cândido, José Celso Martinez Corrêa, Gilberto Gil e Caetano Veloso) a fim de refletir sobre o impacto do Modernismo na cultura brasileira, em diálogo com outros movimentos artísticos, como o Tropicalismo. Outro filme da programação é *Acaba de chegar ao Brasil o bello poeta francez Blaise Cendrars*²¹, de 1971, de Carlos Augusto Calil, que assumiria a Secretaria de Cultura da Prefeitura de São Paulo décadas mais tarde, em 2005. O filme investiga a viagem do poeta franco-suíço Blaise Cendrars (1887-1961) ao Brasil em 1924 e sua relação com o grupo de artistas modernistas.

Outro documento relevante da ocasião é o livro de Bordereau²² do Theatro Municipal do ano de 1982. Nele há o registro da estimativa de público para a noite de 12 de fevereiro de 1982: total de 820 espectadores, às 21 horas, no concerto da obra de Villa-Lobos. Na noite seguinte, dia 13, a estimativa foi de 920 espectadores, às 21 horas, no recital de canto. E, na noite do dia 14 de fevereiro, estima-se que tenham comparecido 845 espectadores no concerto do Quarteto de Cordas Municipal de São Paulo.

A programação *Semana de 22/ Semana de 82* recebeu cobertura da imprensa²³, com textos a respeito do repertório dos concertos, filmes selecionados, como também o anúncio da abertura do Centro Cultural São Paulo, realizado meses depois.

¹⁹ Idem.

²⁰ Para mais sobre o filme: <http://linguagemdocinema.com.br/semana-de-arte-moderna/>. Acesso em: 13 jan. 2022.

²¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qg2Orpwid84>. Acesso em: 13 jan. 2022. Para mais: <https://acervo.mis-sp.org.br/filme/acaba-de-chegar-ao-brasil-o-bello-poeta-francez-blaise-cendrars>. Acesso em: 13 jan. 2022. E: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1205200108.htm>. Acesso em: 13 jan. 2022.

²² O Livro de Bordereau contém informações sobre o fluxo de caixa dos espetáculos e a quantidade de público (em alguns casos registrando a localização dos assentos na Sala de Espetáculos). Fonte: Livro de Bordereau de 1982, Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo.

²³ Ver mais em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820312-32822-nac-0020-999-20-not/busca/1922> Acesso em: 13 jan. 2022. E: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820212-32799-nac-0021-999-21-not/busca/Municipal+exposi%C3%A7%C3%A3o>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SEMANA DE 22 / SEMANA 82



PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
ADMINISTRAÇÃO REYNALDO DE BARROS
SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA
SECRETÁRIO MÁRIO CHAMIE

CAPAS DO EVENTO DE 12, 13 E 14 DE
FEVEREIRO DE 1982. FONTE: CENTRO DE
DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

1911 TEATRO MUNICIPAL 1982

SEMANA DE 22 / **SEMANA 82** / SEMANA DE 22 / **SEMANA 82**
SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / **SEMANA 82** / SEMANA DE 22
SEMANA DE 22 / **SEMANA 82** / SEMANA DE 22 / **SEMANA 82**



SEMANA DE 22/SEMANA 82

A Semana de Arte Moderna completa, em 1982, sessenta anos. Dela se poderia dizer que os seus efeitos e conseqüências suplantaram os seus propósitos. Limitada basicamente a objetivos artísticos e literários, a atuação dos seus realizadores repercutiu em todas as áreas e tendências culturais, políticas e sociais do País.

Com o passar do tempo, a Semana, contra o risco de se converter num fato isolado e elitista, ganhou dimensões nacionais, influenciando correntes da inteligência brasileira às vezes dividida, outras vezes contraditória e quase sempre unificada nas manifestações de sua força criadora.

Antes de 22, o Brasil era um; depois de 22 o Brasil é outro em sua literatura, em suas artes plásticas, em sua música, no seu cinema, em seu jornalismo e em sua história. Por isso, qualquer retrospectiva que se faça da Semana de 22 não deve esgotar-se na pura comemoração do acontecimento. Transcorridos sessenta anos, mais do que a celebração, cabe-nos rever os caminhos de sua força e os equívocos de sua possível fraqueza.

O lugar legítimo dessa revisão é, por direito de origem, o Teatro Municipal de São Paulo. Nas mesmas escadarias, no mesmo palco, na mesma platéia, estaremos reencontrando fotos, painéis, documentos, perfis, esculturas, peças musicais e filmes que nos resgatam 22 para a análise e a avaliação atual de 82.

Chamemos esta mostra, também, de Semana 82, pois estaremos às vésperas da inauguração do Centro Cultural de São Paulo que, a exemplo do Municipal de ontem, prepara hoje a transformação cultural da cidade e do País.

MÁRIO CHAMIE
Secretário Municipal de Cultura

PROGRAMAS DOS EVENTOS DE 1982.
FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

Recital de Canto
a cargo de

ADELIA ISSA (soprano)
ANNA MARIA KIEFFER (meio-soprano)
Ao piano: Achille Picchi

Programa

Mario de Andrade (1893-1945)
MODINHAS IMPERIAIS:
— Dei um ai, dei um suspiro
— Roseas flores d'alvorada

Jaime Ovalle (1894-1955)
ROMANCE (PARA PIANO)
AZULÃO (texto de Manuel Bandeira)

Ernani Braga (1898-1948)
SÃO JOÃO DA-RA-RÃO
ABÓIO

Frutuoso Vianna (1896-1976)
DANÇA DE NEGROS
CAPRICHOS (PARA PIANO)

Lorenzo Fernandez (1897-1948)
TOADA PR'A VOCÊ (texto de Mario de Andrade)
TUAS MÃOS (texto de Ronald de Carvalho)

Francisco Mignone (1897)
CONGADA (PARA PIANO)
BERIMBAU (texto de Manuel Bandeira)

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)
LUNDÛ DA MARQUEZA DE SANTOS (texto de Viriato Correa)
ESTRELA DO CÉU É LUA NOVA
CANÇÃO DO CARREIRO (texto de Ribeiro Couto)
ABRIL (texto de Ribeiro Couto)

Luciano Galter (1893-1931)
ARRAZOAR
TUTÛ-MARAMBÁ
O LUAR DO SERTÃO
SERTANEJA

Audio-Visual e Comentários: Prof. Paulo

ADELIA ISSA (soprano)

Iniciou seus estudos de canto com
Paulo, permanecendo sob sua orientação.
Como bolsista da Secretaria de Cultura
de São Paulo, cursou a Manhattan School
of Music em Nova York e o Curso de Ópera
de Lou Galterio.

Tem se apresentado, no Brasil, como
recitalista, solista com orquestra e
cantor. Dentre suas atuações destacam-se
a interpretação de Mozart (Festival de Inverno
de São Paulo) e a «Missa» de I. Strawinsky (Orquestra
de São Paulo sob a regência de Diogo Pacheco
de Oliveira). T. Albinoni (Southfork Chamber
Orchestra sob a regência de Hugh Ross) e
Mozart (Orquestra Sinfônica Municipal de
São Paulo sob a regência de Isaac Karabtshevsky).
suas interpretações de Belinda (L. Galterio),
Juliette (Romeo et Juliette de G. Verdi),
brasileiras, no «Borden Auditorium»
Center, em Nova York.

Além do repertório tradicional de
Mozart, tem se dedicado à música do sec. XX,
onde apareceu com Charles Ives, Samuel Barber
e Benjamin Britten. Apresentou em 1ª audição
municipal «Bem Querido» de Henrique de
Lima Britten e orquestra, tendo atuado também
no Brasil como «Strophen» para soprano e
instrumentos de Penderecky.
Recentemente gravou o LP «Moderna»
(recolhidas por Mario de Andrade).

ANNA MARIA KIEFFER (meio-soprano)

Fez seus estudos regulares de canto
com Eladio Perez Gonzalez em São Paulo
de extensão na área de Música em
— Studium der Fruhen Musik de
Contemporânea (Sigune von Osten)
(Edna Garabedian, Marcel Klass)

1980

TRABALHADORES DO THEATRO MUNICIPAL E SECRETÁRIO MUNICIPAL DE CULTURA, MÁRIO CHAMIE (NO CENTRO DA FOTO, NA PRIMEIRA FILA). FOTOGRAFIA DE AUTORIA NÃO IDENTIFICADA. DATA: INÍCIO DA DÉCADA DE 1980. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO, DA PASTA RETRATOS FUNCIONÁRIOS TMSP.



A programação dos 70 anos da *Semana de Arte Moderna*, chamada *Semana da Semana*, ocorreu entre 13 e 16 de fevereiro de 1992. Foi promovida pela Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura. Entre as atrações, destacam-se as palestras e mesas-redondas dedicadas à discussão sobre a Semana de 22, além de atividades com releituras da Semana a partir de outras perspectivas de sua constituição e reverberação artística, como a recriação de uma atmosfera criativa.

Havia na programação duas exposições: *Transformações da cidade e a Semana de 22*, organizada pelo Departamento de Bibliotecas Públicas, e *Pauliceias perdidas*, do Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. *Pauliceias perdidas*²⁴, exposição fotográfica realizada no calçadão, revelou as perdas de características dos prédios da cidade em razão da poluição visual. Já a instalação artística de Nuno Ramos²⁵, *Canoa*, realizada no saguão do Theatro, apresentava uma canoa com uma extremidade disposta sobre o chão e a outra acima de um cavalete. Sobre o piso, havia um “mar” de palavras, num texto escrito em gesso, aos pés da escadaria interna do Theatro Municipal. Na obra, Nuno Ramos apresenta intersecções entre a escrita e o campo das artes visuais, num trânsito entre a matéria e a palavra por meio dos registros textuais das suas práticas artísticas.

Além da contribuição da obra de Nuno Ramos no saguão do Theatro, no terceiro dia a programação destaca a intervenção de artistas convidados na Sala de Espetáculos. Em nota no *Estadão*²⁶, artistas como Julio Bressane, Glauco Mattoso, Bete Coelho, Walter Franco, Péricles Cavalcante, Roberto Piva, Josely Vianna Baptista e Livio Tragtenberg foram convidados a realizar intervenções multiartísticas com intuito de reviver o “clima de transgressões criadas pelos modernistas”.

Para além das intervenções artísticas, a programação *Semana da Semana* incluiu mesas e palestras, para as quais foram convidados José Miguel Wisnik, para discorrer sobre a trajetória de Villa-Lobos, e os historiadores Edgard de Decca e Arnaldo Contier, que discutiram perspectivas históricas da ideia modernista. Além do destaque como tema nas palestras, a obra de Villa-Lobos foi executada pela Orquestra Sinfônica Municipal, regida por David Machado. No programa: Darius Milhaud (*Saudades do Brasil*) e Villa-Lobos (*Choro n° 11* – primeira audição no Brasil).

²⁴ Ver em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#/19920229-35927-nac-0051-cd2-7-not/busca/Semana+22+Municipal+Paulic%C3%A9ias+Perdidas>. Acesso em: 13 jan. 2022.

²⁵ Imagens da instalação, acesse: <https://www.nunoramos.com.br/trabalhos/canoa/> Acesso em: 13 jan. 2022. Para saber mais sobre a obra, ver: ARCURI, Christiane de Faria Pereira. Nuno Ramos e os confrontos entre as linguagens: da obra visual à obra literária Cujo (e vice e versa), Palíndromo, n° 13, jan./jun. 2015, disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/5651/4525/19125>. Acesso em: 13 jan. 2022.

²⁶ Ver em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#/19920123-35890-nac-0057-cd2-1-not/busca/Semana+1922>. Acesso em: 13 jan. 2022.

CAPA DO EVENTO DE 1992. ESTA
PROGRAMAÇÃO OCORREU ENTRE
OS DIAS 13 E 16 DE FEVEREIRO DE 1992.
FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA
DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.



SEMANA DA SEMANA

13 a 16 de fevereiro/92

PROGRAMAÇÃO

DIÁ 13

19h – Abertura das exposições: **Transformação da Cidade e a Semana de 22** – organizada pelo Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura. **Saguão.**

Paulicéias Perdidas – organizada pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. **Calçadão.**

Instalação do artista plástico Nuno Ramos. **Saguão.**

20h – **Trajatória de Villa-Lobos** – palestra de José Miguel Wisnik. **Salão Nobre.**

21h – **Recital do pianista Fernando Lopes; Concerto do Coral Paulistano e Conjunto Instrumental da Orquestra Sinfônica Municipal.** Programa: Villa-Lobos (**Rude Poema, Quarteto Simbólico, No-neto**).

DIA 14

19h – **Concerto da Orquestra Sinfônica Municipal.** Solista: Marco Antonio de Almeida. Regente: David Machado. Programa: Darius Milhaud (**Saudades do Brasil**) e Villa-Lobos (**Choro nº 11** – primeira audição no Brasil).

20h30 – **Perspectivas Históricas da Idéia Modernista** – mesa com Edgar de Decca e Arnaldo Contier. **Salão Nobre.**

DIA 15

17h – **Concerto do Arts Trio.** Integrantes: Ayrton Pinto (violino), Antonio Lauro Del Claro (violoncelo) e Yara Bernette (piano). Programa: Villa-Lobos (**Trio nº 3**).

18h – **Um Banquete** – diálogo entre músicos – mesa com José Miguel Wisnik, Gilberto Mendes, Aylton Escobar, Hans Joachim Kollreuter. **Salão Nobre.**

21h – **Intervenções** no palco dos seguintes artistas convidados: Arnaldo Antunes, Josely Vianna Baptista, Júlio Bressane, Marcelo Brissac, Péricles Cavalcante, Bete Coelho, José Celso Martinez Correa, Marcelo Drummond, Roberto Piva, Lívio Tragtenberg, José Miguel Wisnik.

DIA 16

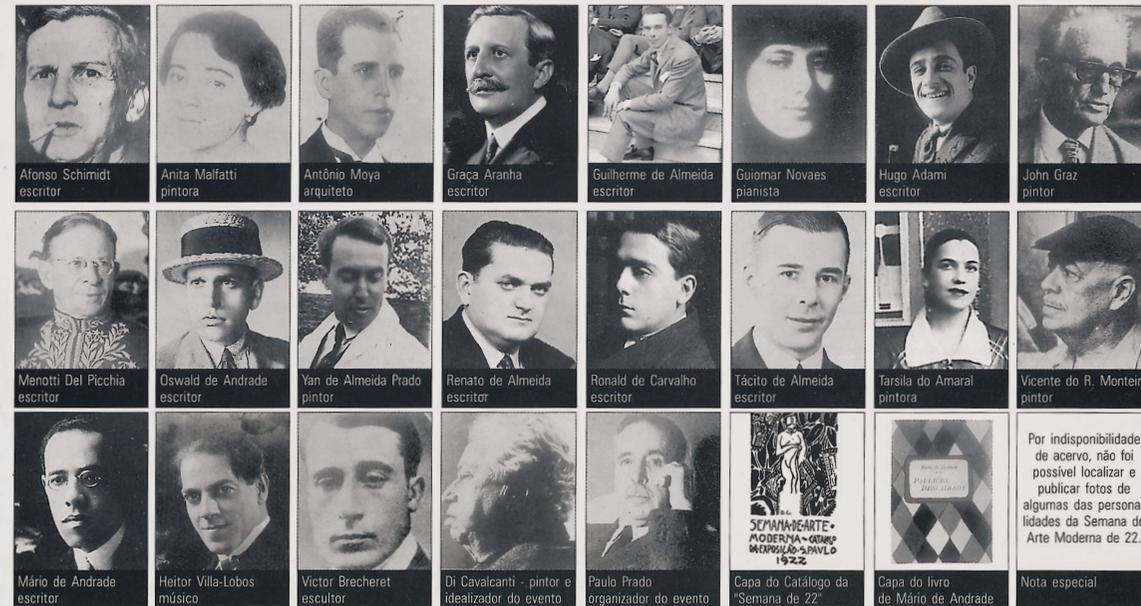
10h30 – **Concerto da Orquestra Sinfônica Municipal.** Solista: Marco Antonio de Almeida. Regente: David Machado. Programa: Darius Milhaud (**Saudades do Brasil**) e Villa-Lobos (**Choro nº 11** – primeira audição no Brasil).

Entrada franca

Retirar senhas na bilheteria do Teatro Municipal na véspera de cada evento.

ILUSTRES MODERNISTAS

Foi aqui, no Theatro Municipal de São Paulo que em 1922 estes e outros intelectuais e artistas revolucionaram a cultura brasileira.



1997

Em 20 de setembro de 1997, a exposição fotográfica *Ilustres modernistas* foi realizada no espaço do restaurante do Theatro Municipal de São Paulo. A mostra apresentava ampliações de fotografias das personalidades que organizaram a Semana de Arte Moderna de 1922. Foi realizada pela Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento de Patrimônio Histórico e Museu do Theatro Municipal. Contou com o apoio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (IEB-USP) e apoio cultural da Mencasa S.A.

Parte dos materiais expográficos foi encontrada no acervo, como as ampliações fotográficas e o livro com a ata de inauguração da exposição, com as assinaturas dos visitantes. Vale ressaltar o caráter aparentemente saudosista da Semana nesta exposição, o que contrasta com a sequência dos eventos anteriores que, a partir de 1982, haviam apresentado abertura a uma revisão crítica na retomada da Semana.

CAPA DO MATERIAL DE DIVULGAÇÃO DA EXPOSIÇÃO **ILUSTRES MODERNISTAS**, DE SETEMBRO DE 1997. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

A comemoração de 80 anos da Semana de Arte Moderna de 1922 ocorreu em outubro de 2002 e, como exceção à organização dos eventos celebrativos anteriores, não há indicação de que a Prefeitura de São Paulo tenha promovido o evento, apenas apoiado. O programa é referente a um concerto realizado pelo Coral Paulistano, sob regência e direção de Mara Campos, de nome *O coro dos contrários – 22 em 2002*. O texto de apresentação, redigido por Mara Campos, regente titular à época, desvia do cunho aparentemente saudosista ou icônico ao redor dos participantes da Semana de Arte Moderna, aproximando-se mais do reconhecimento da conquista de uma espécie de liberdade das práticas artísticas. Confira no trecho abaixo:

Cant**AR** o nosso tempo, os nossos dias, nossas dúvidas, fraquezas, nossa ingenuidade e grandeza, nossa genero(poro)sidade em assimil**AR**, muitas vezes sem o filtro da crítica, tudo o que nos atrai, nos comove, nos perturba.

Cant**AR** nossa coragem e irreverência p**AR**a digerir tudo isso, p**AR**a transform**AR** o que devoramos, em busca talvez de nossa identidade.

Re – avali**AR** o que herdamos p**AR**a cri**AR** outros p**AR**âmetros. Ou ainda recusá-los. Cant**AR** os “nossos sotaques”, nossas diferenças, o que é sublime e o que repugna, sem receio de não agrad**AR**, sem esmol**AR** o aplauso fácil e complacente.

O sonho sempre, não a miragem.

Diversidade sim, não o individualismo.

Elite – inevitável, nunca a exclusão.

Técnica imprescindível, exibicionismo não.

Inov**AR** pela ação, não pela reprodução.

Re – ação.

O CORPO QUE RESPIRAR!

Há, nesse sentido, a extensão temporal da ideia de Modernismo, movimento que se propôs a transformar algo a partir da antropofagia – reconhecer, refletir e desenvolver sua própria cultura. A máxima “só me interessa o que não é meu”, da antropofagia oswaldiana, sinaliza a articulação entre a obra de Oswald de Andrade e o chamado grupo Tropicalista:

O Tropicalismo, como sabemos, foi a definição coletiva para uma série de ações no âmbito principalmente da música popular, porém com desdobramentos nos campos do cinema, artes plásticas, do teatro, imprensa e literatura. E o ponto em comum que reuniu esse grupo diverso (os compositores baianos Caetano Veloso, Gilberto Gil, maestro paulista Rogério Duprat, o letrista Torquato Neto, os poetas paulistas Augusto de Campos e Haroldo de Campos, o cineasta baiano Glauber Rocha, o diretor paulista José Celso Martinez Corrêa, o artista plástico carioca Helio Oiticica, entre outros) em um compromisso estético ao redor da Tropicália (nome criado para uma obra de Oiticica exposta no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 1967 e, também, de uma canção de Caetano Veloso)²⁷.

O programa do concerto *O coro dos contrários* apresenta peças musicais de artistas de diferentes períodos, desde Claude Debussy – referenciado como inspiração do Impressionismo na música –, Villa-Lobos, até artistas contemporâneos da música popular brasileira, como Caetano Veloso e Gilberto Gil (com a música *Panis et circencis* do movimento Tropicalista).

Anos depois, em 2006, na ocasião dos 70 anos do Coral Paulistano, *O coro dos contrários* voltou ao palco do Theatro Municipal para celebrar o aniversário do corpo artístico, retomando a Semana de Arte Moderna de 22, já na própria identidade visual do seu programa, exibindo o seu ano de fundação (1936) junto à reprodução da capa do catálogo da exposição da Semana de 1922.

²⁷ COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012, p. 100.



D.L.
SEMANA DE ARTE
MODERNA - CATALOG
DA EXPOSIÇÃO S. PAULO
1922

O CORO DOS
CONTRÁRIOS
CORAL PAULISTANO
1936-2006

THEATRO MUNICIPAL
DE
SÃO PAULO

CORAL PAULISTANO

O Coro dos Contrários

Dias 15, 16, 17 e 18 de outubro de 2002, 18h

CAPAS DE O CORO DOS CONTRÁRIOS,
PROGRAMAS DE ESPETÁCULOS E
EVENTOS DE 2002 E 2006. FONTE: CENTRO
DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO
MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

No dia 13 de julho de 2009, a Academia Paulista de Letras (APL) promoveu *A Semana de Arte Moderna volta ao Teatro Municipal*, evento conduzido por José Renato Nalini, então presidente da instituição. Trata-se da comemoração dos 100 anos da APL que ocorreu nas dependências do Theatro Municipal de São Paulo, uma vez que o prédio da Academia estava em reformas e pretendia fazer a sua reabertura para o público após essa ocasião. A APL pode ser considerada uma instituição parceira de longa data do Theatro Municipal – o programa das festividades de 1972, presente nesta seleção documental, é um indício disso.

E, para comemorar o seu centenário, a APL elaborou um programa de celebração da Semana de Arte Moderna. Houve outros momentos em que a mesma instituição homenageou a Semana de 22 – a programação de 1982²⁹, ocorrida em sua sede, é um exemplo disso. O programa de 2009 é marcado pelo espetáculo *22, Semana de Arte Moderna*³⁰, cuja concepção e apresentação é do ator Ayrton Salvanini. O espetáculo contava com textos de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade, a participação do violonista clássico Axel Giudice, interpretando Villa-Lobos, e grandes painéis cenográficos com as obras *A boba*, de Anita Malfatti, *Abaporu*, de Tarsila do Amaral, e *Cinco moças de Guaratinguetá*, de Di Cavalcanti.

No texto do programa, apresentam-se os objetivos da programação:

A comemoração dos cem anos da Academia Paulista de Letras neste ano de 2009, levada a cabo no Teatro Municipal, retoma o mesmo cenário de 1922 e presta homenagem à Semana de Arte Moderna. Assim, de maneira oportuna, enaltece o centenário de sua existência e, ao mesmo tempo, tece um elogio a um dos momentos decisivos da literatura brasileira.³¹

Assim, o episódio apresenta certo saudosismo e enaltecimento da Semana de 22 na sua proposta e programação, afastando-se da abertura crítica frente à Semana que vinha sendo construída nos eventos anteriores no Theatro Municipal. Isso revela como as retomadas da Semana não seguiram uma lógica linear cumulativa, o que pode instigar novas perguntas às fontes sobre os significados desses movimentos de retomada.

²⁹ Ler mais em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20091122-42404-nac-56-cid-c9-not/busca/Academia+Paulista>. Acesso em: 14 jan. 2022.

³⁰ Ver em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19820518-32878-nac-0048-999-48-not/busca/Semana+1922>. Acesso em: 14 jan. 2022.

³¹ Ver mais em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/20090713-42272-spo-34-cid-c8-not/busca/Academia+Paulista>. Acesso em: 14 jan. 2022.

A Semana de Arte Moderna volta ao Teatro Municipal

O significado da Semana de Arte Moderna para o panorama geral da literatura e das artes do Brasil continua aceitando diversas interpretações. Seja como abertura de novos temas e horizontes, seja como um dos pontos culminantes da reflexão sobre a possibilidade de uma arte estruturalmente brasileira, a Semana de 22, como ficou conhecida, foi protagonizada por alguns dos nomes mais expressivos da arte e da literatura brasileira na época, tais como Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Victor Brecheret, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos, entre outros.

Em uma crítica mordaz a toda arte edulcorada, que se valesse de formas européias sem enraizá-las na vivência histórica brasileira, um dos pontos fortes da Semana de 22, como se sabe, foi a iconoclastia e a irreverência. Porém, como pano de fundo, ela propunha algo muito mais grave. E, de certa maneira, pretendia redefinir algumas linhas de força da história da arte brasileira. Por isso, exerceu grande impacto sobre a produção das gerações subsequentes, que superaram alguns de seus impasses e aprofundaram algumas de suas conquistas. Assim, as ideias modernistas, contribuíram para a formação de um dos períodos mais intensos da literatura brasileira, com as obras Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Jorge de Lima, João Guimarães Rosa, entre outros, que elevaram a literatura brasileira da condição nacional à universal.

A comemoração dos cem anos da Academia Paulista de Letras neste ano de 2009, levada a cabo no Teatro Municipal, retoma o mesmo cenário de 1922 e presta homenagem à Semana de Arte Moderna. Assim, de maneira oportuna, enaltece o centenário de sua existência e, ao mesmo tempo, tece um elogio a um dos momentos decisivos da literatura brasileira.

Dia 13 de julho de 2009 - 19h30
Teatro Municipal de São Paulo

2012

A comemoração de 90 anos da Semana de Arte Moderna de 1922 ocorreu entre 15 e 26 de fevereiro de 2012, constituída de quatro principais atrações, duas óperas e dois concertos, respectivamente: *Magdalena* e *Andradianas*, e Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo e Orquestra Experimental de Repertório. A festividade, sediada pelo Theatro Municipal, foi promovida pela Prefeitura do Município de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Cultura, contando também com o apoio das empresas privadas Votorantim e Campana.

O texto de abertura do programa é de Marcia Camargos, autora do livro *Theatro Municipal de São Paulo 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*, lançado no ano anterior, em 2011. Na abertura do programa, Camargos apresenta um breve resumo da história do Theatro, da Semana de Arte Moderna e sua programação.

No interior do programa de 2012 há a reprodução da famosa fotografia de parte dos membros do grupo modernista com a legenda “foto de encerramento da Semana”. Não é a primeira vez que esta foto é veiculada nos Programas de Espetáculos e Eventos, pois ela já havia sido a capa do programa de 1992.

Em texto publicado na *Folha de S. Paulo*³², em 2019, Carlos Augusto Calil evidencia os créditos incorretos da imagem. Ao longo das décadas, tal foto foi considerada o retrato oficial da Semana de Arte Moderna. Na obra de Aracy Amaral, *Artes plásticas na Semana de 22*, de 1970, a fotografia aparece com a seguinte legenda: “Ao finalizar a Semana, no almoço realizado no antigo Hotel Terminus”. Calil esclarece que a foto foi produzida em outra ocasião, anos mais tarde, em 1924, no almoço em homenagem a Paulo Prado.

A programação de 2012 apresenta riqueza de análise do ponto de vista da história da música brasileira. Os textos de referência de Luís Gustavo Petri e Irineu Franco Perpetuo sobre a ópera *Magdalena: aventura musical em dois atos*, de Heitor Villa-Lobos, retomam a tendência iniciada na comemoração de 1992 de iluminar e enaltecer a carreira musical de Villa-Lobos, principalmente os feitos decorrentes do sucesso obtido na Semana de 22, sendo um dos mais queridos modernistas. A ópera *Magdalena*, decorrência da passagem do artista em uma de suas temporadas nos Estados Unidos, foi montada pela primeira vez no Brasil por ocasião da celebração de 2012, com semelhante destaque ao dado ao lançamento nacional do *Choro n° 11*, em 1992, na ocasião dos 70 anos da Semana. Desse modo, os concertos buscaram realçar a história e o nome de artistas que pesquisaram e contribuíram para a divulgação da música popular (batuques, modas e sinfonias), entre eles, Heitor Villa-Lobos.

O texto de Cleber Papa sobre o espetáculo *Andradianas*, que incluía *Suíte Vila Rica* e *Malazartes*, afirma que “noventa anos depois não faz sentido qualquer tentativa de repetir 22”. Portanto, o espetáculo “não reconstrói 22, nem sequer olha o período com nostalgia”, mas pretende refletir sobre ele e os anos seguintes.

³² Ver em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2019/10/foto-tida-como-icone-da-semana-de-1922-foi-feita-em-1924.shtml>. Acesso em: 14 jan. 2022.

MUNICIPAL
ANO
100

SEMANA DE ARTE MODERNA
1922 • 2012

CAPA DO EVENTO DOS 90 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

FOTOGRAFIA DO INTERIOR DO PROGRAMA DO EVENTO DOS 90 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA, DE 2012. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.



Foto do almoço de encerramento da Semana

MAGDALENA

Aventura Musical em dois atos
HEITOR VILLA-LOBOS
 Libreto de FREDERICKI BRENNAN e HOMER CURRAN

PRODUÇÃO ORIGINAL
THÉÂTRE DU CHÂTELET
 DIRETOR GERAL
JEAN-LUC CHOPLIN (Paris)

DIREÇÃO MUSICAL
SÉBASTIEN ROULAND
 DIREÇÃO CÊNICA
KATE WHORISKEY
 CENÁRIOS
DEREK McLANE
 FIGURINOS
PAUL TAZEWELL
 COREOGRAFIA
WARREN ADAMS
 DESENHO DE LUZ
ALEXANDER KOPPELMANN

Villa-Lobos no decalco de 20



châ
 théatre
 -te-
 musical
 de Paris



Magdalena, uma Aventura Musical de Villa-Lobos

LUÍS GUSTAVO PETRI

Os anos de 1947 e 1948 foram especiais – e controversos – na vida do compositor. Junto com o enorme sucesso internacional, apareceu o câncer de bexiga que o levaria onze anos depois. Sua vida foi salva na época por uma muito bem sucedida cirurgia e ele pode realizar esse e outros tantos projetos até 1959, quando faleceu. Sorte da humanidade!

Nessa época, Villa recebeu um convite tentador: um musical para a Broadway. Mais uma experiência para sua já extensa obra com incursões em vários gêneros.

Robert Wright e George Forrest haviam feito sucesso com um musical baseado em música de Edward Grieg, *Song of Norway*, e tiveram a ideia de fazer o mesmo com Villa-Lobos, há certa familiaridade com a obra.

Villa-Lobos aceita o convite. Como o tempo era exiguo e a ideia era manter o formato de *Song of Norway*, continuando o modelo que eles fizeram com a música de Grieg, foi sugerido que Villa utilizasse composições já escritas por ele. Villa escolheu o que havia de melhor em sua produção e conseguiu contar com maestria o enredo. Os libretistas Brennan e Curran reclamaram um pouco da métrica e das características da música, mas acabaram por se render ao encanto da música do brasileiro.

Nesta versão de Magdalena, o desafio é justamente manter as características do musical americano, mas com a brasilidade da composição original. Musical ou ópera? Eu prefiro a descrição do compositor: "Uma Aventura Musical". Vocalmente en-

contramos na composição uma solução inteligente. Villa-Lobos não abriu mão do lirismo e nem da impositação do canto lírico e conseguiu uma mistura muito rica. Nos papéis mais característicos como o do General Carabaha ou do "astrólogo" Zoggie, Villa-Lobos aproximou-se da comédia musical, e com Maria, Pedro, Tereza e o Padre, a escrita é mais próxima da ópera. Independentemente do rótulo, Magdalena é um lindo espetáculo.

Quem conhece a extensa obra de Villa reconhece com facilidade trechos como o coral das *Bachianas Brasileiras nº 4*, a *Viola do Dor*, *Remoio de São Francisco*, *Impressões Sereleitas*, *Guia Prático*, entre outras, aumentando o prazer de descobrir a sensibilidade do mestre na construção musical da obra em função do enredo e da dramaturgia, escolhendo a dedo o seu melhor material. Para o restante do público, aqui e ali são ouvidos temas nitidamente brasileiros e, mesmo para quem não conhece nada de Villa-Lobos, há certa familiaridade com a obra.

Nos teatros da Broadway, os musicais são executados com orquestra pequena, e Villa mais uma vez consegue efeitos impressionantes mesmo com esta redução. A ambientação na floresta e da noite parisiense são ricamente ilustradas no uso da paleta orquestral, oferecendo combinações muito criativas apesar dos poucos recursos disponíveis.

Fico honrado de poder estar à frente da primeira encenação dessa *Aventura Musical* aqui em São Paulo e, de certo modo, poder auxiliar a corrigir certa injustiça com a obra de Villa-Lobos. Magdalena teve uma curta temporada na Broadway por causa de uma greve de músicos. Aqui no Brasil, foi pouco executada e, finalmente, temos condições de conhecer este trabalho da maneira como certamente Villa-Lobos endossaria. ■

7

PROGRAMAS DOS EVENTOS DE 2012.
 FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

PEDRO MALAZARTE

Ópera de um ato de MOZART CAMARGO GUARNIERI



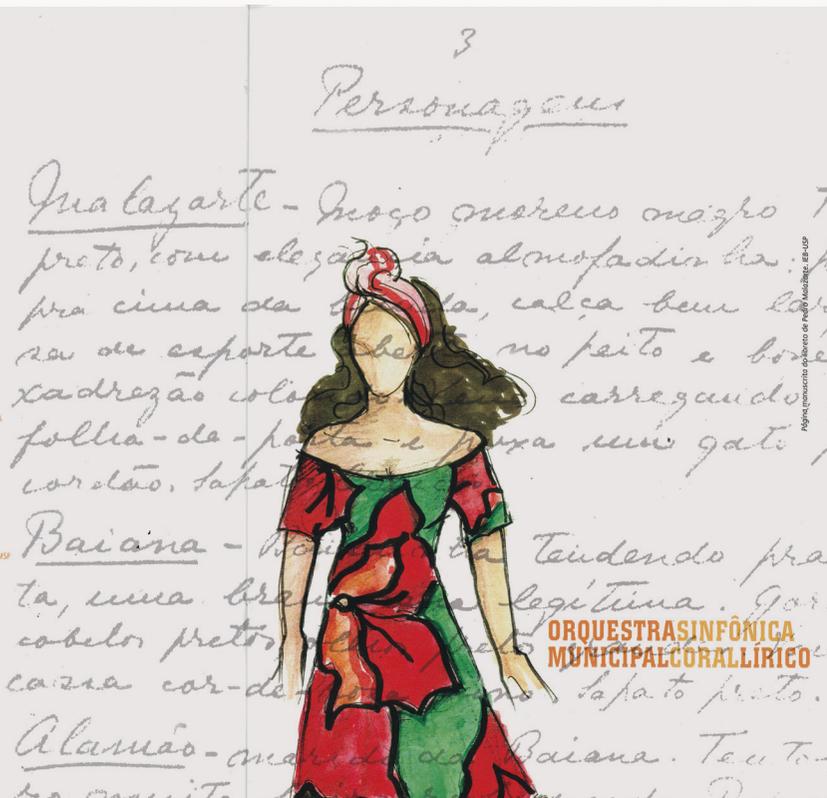
Desenho de Fábio Namatame para o figurino

PRÊMIO MALAZARTE
SEBASTIÃO TEIXEIRA
 DIRETOR
EDINEIA DE OLIVEIRA
 REGISTA
ERIC HERRERO
 ATOR
DANIELA FARIAS
 DANÇARINA
MÁRIO TALARICO
 REGÊNCIA E DIREÇÃO MUSICAL
CARLOS MORENO
 DIRETOR DE ORQUESTRAÇÃO E CENOGRAFIA
CLEBER PAPA
 REGISTA
FÁBIO NAMATAME
 COREOGRAFIA
DINAH PERRY
 REGISTA DE LUZ
JOYCE DRUMMOND
 REGISTA DE CARACTERIZAÇÃO
WESTERLEY DORNELLAS
 REGENTE DO CORAL LÍRICO
MÁRIO ZACCARO
 REGISTA DE ÁUDIO
ROSANA CASALLI
 REGISTA DE PRODUÇÃO
ROSANA CARABASCHI
 REGISTA DE CENOGRAFIA
CASA DA ÓPERA

DURAÇÃO: 45 min sem intervalo

Os direitos de refitura da imagem do quadro *Abaporu*, para a cenografia do espetáculo *Pedro Malazarte*, foram cedidos pela Família Tarila do Amaral.

20



ORQUESTRASINFÔNICA MUNICIPALCORALLÍRICO

PRÓLOGO

FRAGMENTOS DAS MÚSICAS HEITOR VILLA-LOBOS *Melodia Sentimental* • ERNST WIDMER *Salmô 150* • FABIANO LOZANO *Cascata de Risos* • LAMARTINE BABO *História do Brasil* • RONALDO MIRANDA *Belo Belo* • OSVALDO LACERDA *Moda dos Quatro Rapazes* • SÉRGIO MOLINA *Cerâmica* • GILBERTO MENDES *Poema Sobre um Quadro de Orlando Marcucci* • CÉSAR GUERRA-PEIXE *Série Xavante* • Ritual da Perfuração da Orelha • NIBALDO ARANEDA *Ismália* • XAVIER BARABURU *Lundu do Escritor Dificil*

CORALPAULISTANO

REGENTE DO CORO: TIAGO PINHEIRO

QUADRO 1

SUITE VILA RICA

MOZART CAMARGO GUARNIERI (1907-1993)

- I. Maestoso
- II. Andantino
- III. Misterioso
- IV. Scherzando
- V. Agitado
- VI. Alegre
- VII. Valsa
- VIII. Saudoso
- IX. Humorístico
- X. Gíngando

Iniciada de forma algo estabaniada, com a infeliz Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil – um ataque virulento ao dodecafonismo –, a década de 1950 foi, nas palavras de Marión Verhaalen, “muito fértil para Guarnieri, tanto no que diz respeito a sua atividade criativa de compositor quanto na de professor. Além disso, sua bem-sucedida carreira de regente de orquestra mantinha sua agenda repleta de compromissos regulares que se traduziam em intensa atividade”.

O Quarto Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, rendeu duas importantes partituras orquestrais, a *Sinfonia nº 3* – laureada com o primeiro prêmio no concurso Carlos Gomes, feito na ocasião – e a *Suite IV Centenário*, encomenda da Orquestra Sinfônica de Louisville (EUA).

E, entre 1956 e 1961, o compositor paulista atuou ainda como assessor artístico-musical de Clóvis Salgado, ministro da Educação e Cultura, ao qual dedicou a *Suite Vila Rica*, de 1958.

A obra nasceu da única incursão cinematográfica de Camargo Guarnieri: a trilha sonora do filme *Rebelião em Vila Rica* (1957), dos irmãos Geraldo e Renato Santos Pereira, que narra uma revolta estudantil em Ouro Preto, em 1945, fazendo alusão ao ambiente político do final do século XVIII – quando a cidade se chamava Vila Rica.

Começando com o tema que na verdade encerra o filme (associado ao herói assassinado pela polícia), a *Suite* possui, na opinião de Verhaalen, “caráter bastante diferente das outras obras do compositor. As estruturas das frases são quadradas e os movimentos individuais não são muito desenvolvidos”. À época (1959), o crítico Caldeira Filho escreveu: “Notável o interesse que Camargo Guarnieri conserva nas peças pequenas, de si despreziosas e destinadas ao fundo sonoro da película. Ouidas em concerto, readequirem personalidade e autonomia e nos surpreendem pela integral validade sinfônica que possuem”.

A composição da trilha sonora fora precedida pela gravação em fita, pelos diretores do filme, de canções típicas da região de Ouro Preto, em consulta a moradores da cidade. Destas, a *suite* aproveitou Tim, tim, oi lá lá, entoada pelo obô no quinto movimento, *Agitado*. IRINEU FRANCO PERPETUO

Que corpo é esse? Brasileiro? O que ele carrega como memória do modernismo? O que continua nos impulsionando, de lá até aqui? Não temos identidade definida? O modernismo nos definiu?

O novo espetáculo do BCSF para as comemorações da Semana de 22 do Teatro Municipal colocou todo o elenco em movimento criativo, questionando nossa herança cultural brasileira, nossa percurso e a nossa identidade.

Com essas questões em mente, nos deparamos com a música de Camargo Guarnieri, que nos impôs um grande desafio: dialogar com algo que já estava lá e já estava construído para um outro tempo.

Curiosamente, esse tempo também nos pertence e criamos assim, com a música, uma nova paisagem. Moderna, pós-moderna ou contemporânea, não importa. O que nos impulsiona, afinal, é o que ainda está por vir. Então, que sejamos sempre antropofágicos, gulosos, abertos, eternamente inacabados e sempre “em obra”.

LARA PINHEIRO

REGENTE
CARLOS MORENO
 COREOGRAFIA
LARA PINHEIRO

FIGURINOS
FÁBIO NAMATAME
 DESENHO DE LUZ
JOYCE DRUMMOND
 MAQUAGEM E CARACTERIZAÇÃO
WESTERLEY DORNELLAS

DURAÇÃO: 30min

ALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO Conceição e Direção LARA PINHEIRO. Cenografia LARA PINHEIRO, CAMILA RIBEIRO, FERNANDA BUENO, GLEEDSON VIONE, HAMILTON FELIX, JARUIM MIGUEZ, HENRIQUE LIMA, LEIANE DE GRAMMONT, MARISA BUCOFF, RAYMUNDO COSTA, TUTTO GOMES, VIVIAN NAVEGA DIAS e WOODY SANTANA. Assistentes de Cenografia SUSANA MAFRA, KENA GENARO e LUMENA MACEDO. Iluminação ADILSON JUNIOR, ANDRESSA BARBOSA, BRUNO GREGÓRIO, CAMILA RIBEIRO, CAOLINA FRANKO, CAROLINA MARTINELLI, CLÉBER FANTINATTI, ERICA SHIMAMU, FABIANA FORTES, FERNANDA BUENO, GLEEDSON VIONE, HAMILTON FELIX, JAN ALENCAR, JARUIM MIGUEZ, JEFFERSON DAMASCENO, HENRIQUE LIMA, LAURA ÁVILA, LEONARDO HORNE POLATO, LEIANE DE GRAMMONT, MANUEL GOMES, MARISA BUCOFF, PATY NUNES, RAYMUNDO COSTA, RENATA BARDEZ, ROBERTA KOTTI, THAIS FRANÇA, TUTTO GOMES, VÍCTOR HUGO VILA NOVA, VIVIAN NAVEGA DIAS, WAGNER VARELA, WOODY SANTANA e YASSER DIAZ. Pré-profissionais LUANA NERY e PAULA MESSA.

15

Camargo Guarnieri, 1939



ORQUESTRASINFÔNICA MUNICIPALCORALLÍRICO MUNICIPALCORALDAGENTE

Apoio



O THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO AGRADECE AO CONSULADO DA FRANÇA EM SÃO PAULO PELA COOPERAÇÃO PARA A REALIZAÇÃO DA ÓPERA MAGDALENA

PROGRAMAS DOS EVENTOS DE 2012. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO.

- MARIA ROSANA LAMOSA
- REGIÃO LUCIANA BUENO
- DIRIGIDA RUBENS MEDINA
- PERSONALIDADE SÁVIO SPERANDIO
- PERSONALIDADE SAULO JAVAN
- PERSONALIDADE WELNO (LE VIEL HOMME)
- PERSONALIDADE MIGUEL GERALDI
- PERSONALIDADE PAULO QUEIROZ
- PERSONALIDADE PEDRO OMETTO
- PERSONALIDADE ADRIANA MAGALHÃES
- PERSONALIDADE WALTER FAWCETT
- PERSONALIDADE GIOVANNI CAMARGO
- PERSONALIDADE JULIANA SOARES
- PERSONALIDADE MÁRCO WATNAB
- PERSONALIDADE LUIS GUSTAVO PESTI
- PERSONALIDADE KATE WHORISKEY
- PERSONALIDADE JEAN-PHILIPPE DELAVALUIZ
- PERSONALIDADE CLAUDIO BOTELHO
- PERSONALIDADE DEREK McLANE
- PERSONALIDADE PAUL TAZEWELL
- PERSONALIDADE WARREN ADAMS
- PERSONALIDADE DINAH PERRY
- PERSONALIDADE ALEXANDER KOPPELMANN
- PERSONALIDADE WESTERLEY DORNELLAS
- PERSONALIDADE MÁRIO ZACCARO
- PERSONALIDADE SILMARA DREZZA
- PERSONALIDADE ROSA CASALI
- PERSONALIDADE ROSANA CARAMASCHI
- PERSONALIDADE CASA DA ÓPERA

DURAÇÃO: 2h com intervalo

IRINEU FRANCO PERPETUO

1944 foi um ano de inflexão na carreira de Villa-Lobos. Com o Estado Novo, que lhe dera prestígio e um emprego sólido, nos estereótipos, o compositor resolveu aceitar o convite de viajar aos EUA. Em Los Angeles, regou a Janssen Symphony Orchestra e recebeu os cumprimentos de Stravinsky; em Nova York, concertos, homenagens e a valiosa amizade de Olin Downes, respeitado crítico do The New York Times. Começava aí uma relação das mais frutíferas: até a morte, em 1959, Villa-Lobos não passaria um ano sem visitar os EUA, recebendo encomendas das grandes orquestras norte-americanas e escrevendo até para o cinema.

1944 foi ainda o ano do estrondoso sucesso de Song of Norway, musical que reaproveitava obras do compositor nacionalista norueguês Edvard Grieg (1843-1907). O espetáculo estreou na Los Angeles Civic Light Opera, de Edwin Lester, e teve nada menos de 860 performances no Imperial Theatre, em Nova York, e foi o primeiro show da Broadway a cruzar o Atlântico depois do fim da II Guerra Mundial, com 526 récitas em Londres.

Celebrando o êxito em um restaurante novo-iorquino, Lester, o outro produtor do espetáculo, Homer Curran, e os letristas e adaptadores da música de Grieg, Robert Wright e George Forrest, pensavam em qual seria o próximo passo. Depois do clima nórdico, decidiu-se por uma história ambientada nos trópicos. Entraram, assim, em contato com o compositor mais célebre do Hemisfério Sul, Villa-Lobos, que receberia dez mil dólares de cachê pela empreitada.

O compositor embarcou para os EUA em 1947, com a mulher, Mindinha, e o amigo José Vieira Brandão, compositor, pianista e intérprete preferencial de sua música.

A ideia inicial de Wright e Forrest era adaptar obras preexistentes de Villa-Lobos, como haviam feito com Grieg. O compositor, contudo, optou por outra forma de trabalho: "Digam-me o que escrever

e eu escreverei. Vocês conhecem tudo o que eu já compus, só me digam o que querem usar e eu decorei de uma outra maneira, se os direitos autorais estiverem livres; caso contrário, eu escreverei algo ainda mais lindo", afirmou.

Fechado em um hotel, com Wright e Forrest, Villa-Lobos escreveu, em um mês, 321 páginas de música. Detalhe: àquela época, não havia um libreto disponível. Só se sabia que a ação seria ambientada no rio Magdalena, na Colômbia, em 1912, e que teria quatro personagens: Teresa, uma tempestuosa e divertida cozinheira francesa; Carabão, um colombiano ex-patriado e elevado a general; Pedro, um jovem rebelde, motorista de ônibus; e Maria, sua amada, uma espécie de líder nativa. Só depois de a música estar pronta Frederick Hazlett Brennan foi chamado para finalmente escrever o libreto.



Capa e página central do programa de Magdalena no Ziegfeld Theatre

A estreia do espetáculo aconteceu em 26 de julho de 1948 em Los Angeles, no Philharmonic Auditorium, onde ficou em cartaz durante três semanas, concluindo a temporada da Los Angeles Civic Light Association. O compositor, contudo, não pôde comparecer. Diagnosticado com câncer na bexiga, foi operado no Memorial Hospital, em Nova York, em 07 de julho de 1948. Além do auxílio do governo brasileiro, a renda

ORQUES TRAE XP ERIMEN TALDERE PERTÓRIO

JAMIL MALUF diretor artístico e regente titular

OSCAR LORENZO FERNANDEZ (1897-1948) Batuque 4min

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959) Momoprecoce, fantasia para piano e orquestra 25min

Intervalo 15min

RADAMÉS GNATALLI (1906-1988) Sinfonia Popular nº1 25min

JAMIL MALUF regente PABLO ROSSI piano

Um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 22, o escritor maranhense Graça Aranha (1868-1931) encantou-se com um jovem compositor do Rio de Janeiro, Oscar Lor, que incumbiu de transformar em ópera seu Malazarte: Oscar Lorenzo Fernandez (1897-1948).

O início de sua relação com a música teve origem curiosa: o jovem Oscar devia seguir carreira na medicina, mas, nas palavras de Luiz Heitor Correa de Azevedo, "uma enfermidade de origem nervosa, contrária na ocasião em que terminava os estudos secundários, obrigou-o a abandonar o convívio dos livros e a permanecer, durante algum tempo, em completa inatividade intelectual".

Nascida, portanto, do "ócio criativo", a música logo se tornaria a principal atividade do aluno do Instituto Nacional de Música, que, aos 27 anos, chegaria a professor da instituição. Lorenzo Fernandez também participou da criação do Conservatório Nacional (depois, rebatizado Brasileiro) de Música, sob sua direção de 1926 até a morte, em 1948.

No terreno orquestral, sua obra mais conhecida é o Batuque, movimento final da suite Reaisado do

Pastoreio (1930), regido por sumidades como Arturo Toscanini (1867-1957) e Leopold Stokowski (1882-1977), e gravado pela Filarmônica de Nova York nos tempos em que a orquestra se encontrava sob a direção do mítico e extrovertido Leonard Bernstein (1918-1990).

De uma linguagem musical francamente nacionalista, Lorenzo Fernandes foi, ainda, o braço direito de Villa-Lobos em suas atividades educacionais durante o getulismo. De qualquer forma, o Estado Novo ainda se encontrava bem longe de existir quando a flamejante pianista brasileira radicada em Paris Magdalena Tagliaferro (1893-1986) lhe encomendou uma obra para piano e orquestra, a ser executada em solo europeu. Tagliaferro, a quem a partitura foi dedicada, estreou-a em Amsterdã, em 1929, sob a batuta do legendário Pierre Monteux (1875-1964).

Em vez de criar uma peça original, o compositor optou pela transcrição de uma criação anterior: o Carnaval das Crianças, para piano solo, estreado em 1925 por Antonietta Rudge, cujas oito seções descrevem folguedos infantis durante o entruído: O Ginete do Pierrozinho, O Chicote do Diabinho, A Manhã do

QUADRO 2 PEDRO MALAZARTE

ópera de um ato de MOZART CAMARGO GUARNIERI libreto de MÁRIO DE ANDRADE



ALEXANDRE EULÁIO Comendário escrito pelo programa do espetáculo Pedro Malazarte & TC - Composições de Camargo Guarnieri sobre textos de Mário de Andrade realizado por ocasião dos 30 anos da morte de Mário de Andrade (01/12/1975 - 19/05/2004)

O projeto musical de Mário de Andrade é quase tão ambicioso como o da obra literária dele. Nada mais consequente: profissional no campo do ensino da música, professor do Conservatório como era mestre do Brasil, tratou de propor apaixonadamente – através de compêndios, de artigos, de ensaios – um autêntico plano decenal da música brasileira. Primeiro, a definição ao mesmo tempo tipológica e topológica a fisionomia e da personalidade musical do Brasil através dos seus substratos populares. Em seguida, o libertário transfigurar dessas virtualidades na criação cultural, com plena consciência da sua função social.

Propondo sem esquematismo alguma a reabilitação do conceito mesmo de música brasileira aos jovens compositores do tempo, Mário levou avante a missão de inventar dele – com aguda inteligência e lucidez a toda prova. Indicando, sugerindo, promovendo discussão, propondo soluções, equacionando novos estudos, tratou de motivar os músicos moços a fim de que assumissem identidade cultural profunda e coerente. Identidade definida em situação, aqui e agora. A sua proposta de radical autoconhecimento, a busca desse seu coletivo, pretendia romper com a ignorância e a rotina acadêmica; caminhava no sentido de uma criatividade solidamente orientada pelos impulsos musicais profundos da comunidade popular.

A poderosa intuição antropológica de Mário de Andrade superava as próprias deficiências e se enriquecia pelos anos afora com a abordagem sempre mais abrangente e livre desse problema. Entendida as mais das vezes pela metade, quase sempre como a pregação de limitado nacionalismo folclorizante (ainda hoje parecem pensar assim quase todos aqueles que se interessaram pela questão), a sua proposta vem clarissimamente exposta nos escritos teóricos que deixou: hoje reunidos na edição uniforme das Obras (Música, Doce Música: Aspectos da Música Brasileira; Pequena História da Música),

Pierrette, Os Guizos do Dominozinho, As Peripécias do Trapeirozinho, As Traquinices do Mascorado Mignon, A Galta de um Precoce Fantasiado e, por fim, A Folha de um Bloco Infantil.

O que Villa-Lobos fez, basicamente, foi orquestrar cada uma das partes do Carnaval das Crianças e moldá-las em uma peça de movimento único. O título faz alusão ao rei do Carnaval: Momoprecoce é o Rei Momo das crianças.

"A obra tem a natureza de uma série de variações para piano e orquestra, embora a orquestração tenha, com relação aos choros, por exemplo, um papel bem menos importante. Sua função é simplesmente criar um plano de fundo para os solos de piano, que determinam o caráter de cada máscara de Carnaval e, por outro lado, juntar as cenas", analisa o musicólogo finlandês Eero Tarasti, para concluir: "o humor,

ironia, nostalgia branda e sentimentalismo da obra têm caráter francês, e fazem referência expressa a Ravel".

Se o nacionalismo de Lorenzo Fernandez e Villa-Lobos impregnava suas obras de concerto de elementos populares, o nome por excelência do crossover brasileiro foi o gaúcho Radamés Gnattali (1906-1988).

Com técnica pianística sólida o suficiente para tocar itens virtuosísticos do repertório, como a Sonata, de Liszt, e o Concerto nº 1, de Tchaikovski, Gnattali é reverenciado na MPB na qualidade de criador de um "jeito brasileiro" de fazer orquestração de música popular, graças a milhares de arranjos cuja coroação seria o cartão-postal musical da nação: Aquarela do Brasil, de Ary Barroso (1903-1964).

Embora ele fizesse questão de separar sua produção popular e "erudita", ambas andaram evidentemente entrelaçadas: se os arranjos populares trazem algo do apuro neoclássico das obras "eruditas", essas, por seu turno, exibem com frequência os acentos chorrões e jazzísticos, bem como a qualidade "improvisatória" e o melódismo "espontâneo" da música popular.

Caso típico é a série de cinco "sinfonias populares". A Sinfonia Popular nº 1 data de 1956, tendo sido dedicada ao radiologista mineiro José Mauro (1916-2004), colega do compositor nos tempos áureos da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Estreada em 1956, no Teatro Municipal de São Paulo, com regência de Armando Belardi, ela foi definida por Ademar Nóbrega como "uma forma clássica trabalhada em proporções reduzidas de extensão e complexidade. Boa música sem os mal-entendidos da música séria..."

IRINEU FRANCO PERPETUO



Foto de Villa-Lobos com dedicatória a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 1941



Estúdio de Guarnieri. Na parede, fotos de Mário e de Lamberto Baldi, e ao centro um retrato seu pintado por sua irmã Maria Cecília.

a partir do Ensaio sobre a Música Brasileira, que é de 1928. Camargo Guarnieri, de todos os compositores que então se aproximaram de Mário de Andrade, parece ter sido aquele que melhor apreendeu a complexidade milionária da proposta dele. No mesmo ano da publicação do Ensaio – livro que funciona como um rebate, chamando à caserna de si mesmos veteranos e recrutas, e que na última página se reafirma "uma obra interessada, uma obra de ação" – começa a fecunda parceria dos dois.

Que se inicia, nada menos, com um projeto de ópera nacional, é claro, diretamente ligada às preocupações expostas no voluminho há pouco editado pela Casa Chiaro.

1928 é ano decisivo para Mário de Andrade: de muito trabalho, como sempre. Mancunino, que deveria aparecer em livro em julho, exige-lhe as últimas e urgentes alterações. Além disto, a sua atividade desdobra-se na vasta correspondência para os quatro cantos do país, em artigos de crítica musical e literária, polemísticas, ensaios sobre folclore, comunicações para progresso, sem se falar na obra propriamente de criação – os vários poemas que então compõe.

Ainda não é tudo. Outras aventuras apaixonadas o desinsofrido autor do Losango Cêqui. A 10 de outubro, escrevendo a Manuel Bandeira, depois de

reperil deliciado uma louvação do amigo à 'rapsódia' do herói sem nenhum caráter, referia-se ainda à nova experiência:

"Falar nisso CAMARGO-VOS que escrevi o libreto de uma ópera! Sobre isso até careço consultar você. Tomei um passo do ciclo de Malazarte, sobre a pouco conhecida e creio que só mineira, está no Lindolfo Gomes, e fiz em 2 dias pra acaso urgente um libreto-merda de ópera-cômica em um ato. Malazarte filtra uma dona casada, de fato só para bisar a janta boa dela. Ela é baiana, moram em Sta. Catarina casada com um alemão. E me foi dada a cena está só com a baiana pondo a janta na mesa pro naromado que vem. Está inquieto esperando, e abre a janela entra uma rajada de coro (pretexto para aproveitar o coro do Baldi, a ópera vai ser cantada no ano que vem). É uma criança pedindo pra dançar na casa. Ela manda o pessoal dançar e põe o resto na mesa: caninha do O, língua do Rio Grande, doce de bacuri, tacacá com tucupi. (Nem um só doce baiano só pra moer). Ciranda amazônica passando por baiana em Santa Catarina. Ciranda vai e assim fica perto entrando intermitentemente na ópera. Está claro o meu

"Meu texto não tem nada que valha por si. Os versos são bestas, sem nenhuma correção. O caso é que vale a musicalidade. Música: Mozart Camargo Guarnieri, 21 anos, moderno, brasileiroíssimo, inteligente."

Está claro o meu

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se as paredes, as escadarias, os ornamentos, os mosaicos, as cortinas e as esculturas do Theatro Municipal de São Paulo pudessem falar, nos contariam muitas histórias. Afinal, o prédio testemunhou momentos emblemáticos da história do país. Embora o Municipal seja uma casa de ópera e desempenhe sua vocação como um centro de referência de fruição das artes, o fato de ter sediado a Semana de Arte Moderna trouxe ainda mais prestígio, em razão da propagação do discurso canônico da Semana como uma espécie de origem da arte moderna.

Após este breve panorama sobre o conjunto de oito Programas de Espetáculos e Eventos de retomada da Semana de Arte Moderna no Theatro Municipal de São Paulo, é notável a relevância destas fontes como vestígios da memória de artistas, gestores, assim como do campo das artes e cultura de São Paulo pelas lentes do Theatro Municipal.

Ao permitir o acesso aos documentos na íntegra, esta publicação é um convite aberto ao público para a investigação dessas fontes seriais. O registro de informações no formato padronizado de Programas de Espetáculos e Eventos apresenta dados que se repetem nos campos de ficha técnica de elenco, mês a mês, ano a ano, permitindo infindáveis abordagens de investigação sobre a gestão de cultura na cidade, bem como a reconstrução de trajetórias individuais e coletivas de artistas. Assim, este breve percurso apresentou que, a depender das perguntas condutoras e da análise sistematizada das fontes, este conjunto de Programas de Espetáculos e Eventos registra fluxos significativos da retomada da Semana de 22, lançando luzes aos seus mais diversos agentes em diferentes momentos políticos da cidade.

Se, em 1922, a Semana de Arte Moderna constituiu-se como um contraponto crítico às celebrações oficiais do centenário da Independência, com a *Exposição Internacional do Centenário da Independência*³³ na capital federal, cem anos depois, ainda que cercada de controvérsias, a Semana persiste em provocar a sociedade brasileira. Neste ano, a cidade de São Paulo pulsará diversas programações culturais do centenário da Semana, demonstrando movimentos de transformação das narrativas históricas do tema, contribuindo para a construção de imaginários artísticos e culturais mais plurais.

Este conjunto selecionado de vestígios da Semana de 22 nos acervos do Theatro Municipal revela várias histórias de releituras da Semana década a década, explicitando como esse processo não foi linear, apresentando ondas propagadoras de diferentes concepções de modernismos, ora celebrativo, ora crítico, evidenciando que a compreensão da Semana de 22 se alarga no tempo.

³³ Ver mais em: <https://atlas.fgv.br/verbetes/exposicao-internacional-do-centenario-da-independencia-do-brasil>, <https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos20/CentenariolIndependencia> e <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2019/06/1822-1922-O-Centen%C3%A1rio-da-Independ%C3%Aancia-do-Brasil.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2022.

FONTES

Programas de Espetáculos e Eventos do Theatro Municipal de São Paulo dos anos: 1972, 1982, 1992, 1997, 2002, 2006, 2009 e 2012. Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo.

Livro de Bordereau de 1982. Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo.

Fotografia de funcionários do TMSP e secretário de Cultura, Mário Chamie, início da década de 1980. Fotografia de autoria não identificada. Data: início da década de 1980. Fonte: Centro de Documentação e Memória do Theatro Municipal de São Paulo, da pasta Retratos Funcionários TMSP.

Acervo do jornal *O Estado de S. Paulo*.

BIBLIOGRAFIA

ALAMBERT, Francisco. A reinvenção da Semana (1932-1942). *Revista USP*, [S. l.], n. 94, p. 107-118, 2012. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i94p107-118. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/45182>. Acesso em: 8 jan. 2022.

AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na Semana de 22*. São Paulo: Editora 34, 2021 (7º ed.).

ARCURI, Christiane de Faria Pereira. Nuno Ramos e os confrontos entre as linguagens: da obra visual à obra literária Cujo (e vice e versa), *Palindromo*, n° 13, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/download/5651/4525/19125>. Acesso em: 13 jan. 2022.

AZEVEDO, Elizabeth R., VIANA, Fausto. Revisitando o acervo do Theatro Municipal de São Paulo. In: AZEVEDO, Elizabeth R. (Org.). *Anais do I Seminário de Preservação de Acervos Teatrais*. Escola de Comunicações e Artes – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.

BOSI, Alfredo. O movimento modernista de Mário de Andrade. *Literatura e sociedade*, v. 9, n. 7, p. 296-301, 2004.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Teatro Municipal de São Paulo: grandes momentos*. São Paulo: DBA Artes Gráficas, 1993.

BRITO, Ronaldo. *Experiência crítica*. Textos selecionados. LIMA, Sueli (Org.). São Paulo: Cosac Naify, 2005.

CAMARGO, Oswaldo de. *Negro drama: ao redor da cor duvidosa de Mário de Andrade*. Ciclo Contínuo Editorial, 2018.

CAMARGOS, Marcia. *Theatro Municipal de São Paulo – 100 anos: palco e plateia da sociedade paulistana*. MACEDO, Carlos E. M. (Org.). São Paulo: Dado Macedo Produções Artísticas, 2011.

CARDOSO, Rafael. *Modernity in black and white, art and image, race and identity in Brazil, 1890-1945*. Nova York: Cambridge University Press, 2021.

CASOY, Sergio. *Ópera em São Paulo: 1952-2005*. São Paulo: Edusp, 2006.

CHIARELLI, Tadeu. *Um modernismo que veio depois: arte no Brasil – primeira metade do século XX*. São Paulo: Alameda, 2012.

COELHO, Frederico. *A semana sem fim: celebrações e memória da Semana de Arte Moderna de 1922*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012.

COELHO, Frederico. A semana de cem anos. ARS (São Paulo), [S. l.], v. 19, n. 41, 2021, DOI: 10.11606/issn.2178-0447.ars.2021184567. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ars/article/view/184567>. Acesso em: 8 jan. 2022.

COSTA, Richard Santiago. *Parnaso paulistano: história, arquitetura e decoração do Theatro Municipal de São Paulo*. Tese (doutorado) – IFCH-Unicamp, Campinas, 2017.

FABRIS, Annateresa. *O futurismo paulista: hipóteses para o estudo da chegada da vanguarda no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

FABRIS, Annateresa (Org.). *Crítica e modernidade*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

GONÇALVES, Marcos Augusto. *1922: a semana que não terminou*. Companhia das Letras, 2012.

SALA, Dalton. Mário de Andrade e o anteprojeto do Serviço do Patrimônio Artístico Nacional. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 31, p. 19-26, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMIONI, Ana Paula. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. *Revista Perspectiva*, 2013, p. 1-17. Disponível em: <http://perspective.revues.org/5539>. Acesso em: 13 jan. 2022.

SOUZA, Antonio Candido de Mello. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: *Literatura e sociedade*, São Paulo, (1953) 2000.

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. O pano sobe: exposição retrospectiva da obra de reforma e restauro. São Paulo, 1988.

VALLEGO, Rachel. *Nostalgia moderna: a consagração do Modernismo e o mercado de arte nos anos 1970 na doação do Banco Central do Brasil para o MAC USP*. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo.

VEIGA, Edison. *O Theatro Municipal de São Paulo: histórias surpreendentes e casos insólitos*. São Paulo: Editora Senac, 2013, p. 271.

WISNIK, José Miguel. *O coro dos contrários: a música em torno da Semana de 22*. Livraria Duas Cidades, 1977.

EPÍLOGO

COMPLEXO MODERNISMO: A HISTÓRIA DA SEMANA DE ARTE MODERNA PELO ACERVO DO COMPLEXO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

¹ *Correio Paulistano*, 18 fev. 1922, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21059.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

² MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 780.

³ *Idem*.

⁴ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 84-85.

CALENDÁRIO MODERNISTA: 13, 15 E 17 DE FEVEREIRO DE 1922

A plateia, até então discreta, disparou a gargalhar, vaiar, balbuciar, miar e até mesmo a imitar latidos de cães e cacarejos de galinhas¹. Estava assim, para muitos, iniciado o Modernismo. Era uma quarta-feira, 15 de fevereiro de 1922, segundo dia de apresentações da festividade. Antes do burburinho deselegante, outros modernistas já haviam se apresentado. Mais cedo, o escritor Menotti del Picchia, um dos principais publicistas do movimento na imprensa paulista, havia proferido uma conferência, ilustrada por poesias e trechos de prosa de composições de Oswald de Andrade, Cândido Mota Filho, Luís Aranha, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Ribeiro Couto, Plínio Salgado, Agenor Barbosa e danças de Ivone Daumerie. Na sequência, a musicista Guiomar Novaes tocara músicas de Blanchet, Villa-Lobos e Debussy².

Até aquele momento, o público assistia às propostas do grupo tranquilamente, reflexo do dia anterior que inaugurou a Semana de Arte Moderna e ocorreu a contento, sem grandes surpresas por parte da assistência. No intervalo do segundo encontro, no saguão do Theatro Municipal, o conferencista Mário de Andrade declamou seus versos intitulados *A escalada*³, descritos a seguir, em meio aos achincalhes:

(Maçonariamente.)

— Alcantilações!... Ladeiras sem conto!...
Estas cruces, estas crucificações da honra!...
— Não há ponto final no morro das ambições.
As bebedeiras do vinho dos aplaudires...
Champanhações... Cospe os fardos! [...]

(Toca a banda do Fieramosca: Pa, pa, pa, pum!
Toca a banda da policia: ta, ra, ta, tchim!)
És rei! Olha o rei nu!
Que é dos teus fardos, Hermes Pança?!

— Deixei-os lá nas margens das escadarias,
Onde nas violetas corria o rio dos olhos de minha mãe.
— Sossega. És rico, és grandíssimo, és monarca!
Alguém agora t'os virá trazer.
(E ei-lo na curul do vesgo Olho-na-Treva.)⁴

Os versos apresentados faziam parte de sua obra *Pauliceia desvairada*, finalizada meses antes da festividade modernista. No *Prefácio interessantíssimo*, Andrade já indicava alguns de seus posicionamentos acerca das propostas reformistas que o grupo encampava naquele momento. Antes de abordar o espírito de Andrade anterior à Semana, é importantíssimo ressaltar que o entendimento acerca do que foi o movimento modernista, estudado, deglutinado e problematizado posteriormente pela crítica acadêmica e artística, não considera, em certa medida, os acontecimentos factuais da Semana.

Assim como indicam Ana Paula Simioni (2013), Daniel Faria (2004) e Mônica Velloso (1987), a elaboração acadêmica elegeu os representantes teóricos do Modernismo, no caso Mário e Oswald de Andrade. Os sujeitos que não estavam alinhados com essa vertente hegemônica perderam suas credenciais modernistas, caso dos mais conservadores Plínio Salgado, Cassiano Ricardo, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia, mesmo que a presença de tais intelectuais na Semana tenha sido um episódio consumado.

Se a tradição acadêmica não considera que tais sujeitos expressam o espírito modernista, a Semana experimentou sua presença material. Ou seja, o movimento modernista, apresentado por muitos anos de forma consensual, apesar de apresentar elementos contraditórios desde sua concepção, é reflexo dos debates posteriores aos três dias da Semana de Arte Moderna, ao longo das décadas que se sucederam.

Naquele evento, os famosos manifestos decorrentes, como *Pau-Brasil*, *Antropófago*, *Anta*, *verde-amarelismo*, não haviam sido elaborados, assim como as sistematizações acadêmicas apresentadas a partir da década de 1970. O que se viu foram iniciativas, ou melhor, tentativas de rompimento com os estilos literários e artísticos predecessores. Mas como será indicado a seguir, o rompimento com o passado não era necessariamente um caminho tão imediato e abrupto percorrido pelos modernistas da Semana, mas, sim, pelos modernistas do movimento.

Pois bem: no *Prefácio*, Mário de Andrade orientou seu leitor, escancarando uma das principais problemáticas da Semana. Aqueles modernistas da Semana almejavam o moderno, mas ainda respiravam os ares da Pauliceia cafeeira, rural e aristocrática. Em tom de desculpas, Mário assume:

[...] Sou passadista, confesso. Ninguém pode se libertar duma só vez das teorias-avós que bebeu; e o autor deste livro seria hipócrita se pretendesse representar orientação moderna que ainda não compreende bem⁵.

De certo, suas produções naquele período também não eram tão passadistas como o autor alude. Mas suas elucubrações no *Prefácio* apenas traduzem o clima de experimentações que o grupo

da Semana ansiava. Na sequência do texto, Mário de Andrade apresenta outros vestígios que climatizavam as ideias dos jovens artistas. O autor revela:

[...] Não sou futurista (de Marinetti). Disse e repito-o. Tenho pontos e contacto com o futurismo. Oswald de Andrade, chamando-me de futurista, errou. A culpa é minha. Sabia da existência do artigo e deixei que saísse. Tal foi o escândalo que desejei a morte do mundo. Era vaidoso. Quis sair da obscuridade. Hoje tenho orgulho⁶.

A celeuma relatada por Mário se refere ao artigo de jornal que Oswald de Andrade publicou no *Jornal do Comércio*, intitulado *Meu poeta futurista*. Segundo Raimundo de Menezes, em novembro de 1917, “numa circunstância fortuita”, Oswald se acamaradou a Mário de Andrade. Segue o relato:

[...] Nesse dia, o Secretário da Justiça de São Paulo, Elói Chaves, empenhado na campanha pela participação do Brasil na guerra [Primeira Guerra Mundial], pronunciava uma conferência patriótica no Conservatório Dramático e Musical. Ao entregar ao político uma corbelha de flores, em nome das alunas do estabelecimento, Mário de Andrade pronunciou curto discurso, que Oswald de Andrade, repórter do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, considerou a revelação de um talento literário. Não teve dúvidas em pedir ao novo amigo o original do trabalho para publicá-lo no seu jornal. Havia outro repórter que o queria também. Resultado: Oswald, temperamental e exaltado, brigou a tapas com o confrade. Os dois – Mário e Oswald – se tornam íntimos, daí por diante.⁷

Após a publicação do artigo, Mário experimentou seu primeiro grande escândalo nas rodas aristocráticas. A alcunha atribuída, alusiva ao seu alinhamento futurista, impactou sua carreira docente. No Conservatório Dramático e Musical, hoje equipamento cultural integrante do Complexo Theatro Municipal, à época importante escola musical da elite paulistana, Mário ministrava aulas compondo o quadro de professores da instituição. Após a publicação de Oswald, certa quantidade de alunos deixou de seguir o mestre Mário, abandonando suas aulas, pois “nele viram um maluco, um cabotino”⁸.

Mário Raul de Moraes Andrade, ou simplesmente Mário de Andrade, considerado pela maioria acadêmica como o principal líder do movimento, desde 1911 esteve ligado ao Conservatório. Na instituição musical, após exames que o habilitaram, ingressou direto no terceiro ano de estudos de piano. No ano seguinte, foi nomeado “aluno praticante”, espécie de monitor sem remuneração que ensinava teoria da música. Em 1913, passou a lecionar piano e tornou-se professor substituto de história da música. Em 1915, enquanto se formava em canto, publicou pela primeira vez em um

⁶ Idem, p. 61-62.

⁷ MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 778.

⁸ Idem, p. 779.

⁵ ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987. p. 60.

9 Idem, p. 51.

10 LOPEZ, Telê Ancona. *A imagem de Mário: fotobiografia de Mário de Imagens de Mário de Andrade / seleção de textos e introdução de Telê Ancona Lopez*. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento: Livroarte Ed. 1984, p. 25; 29.

11 Idem, p. 30.

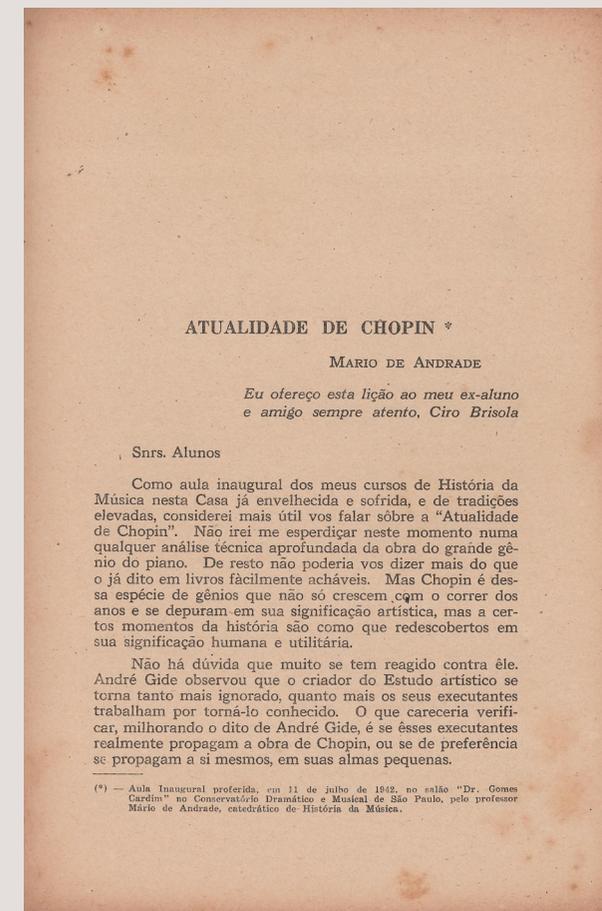
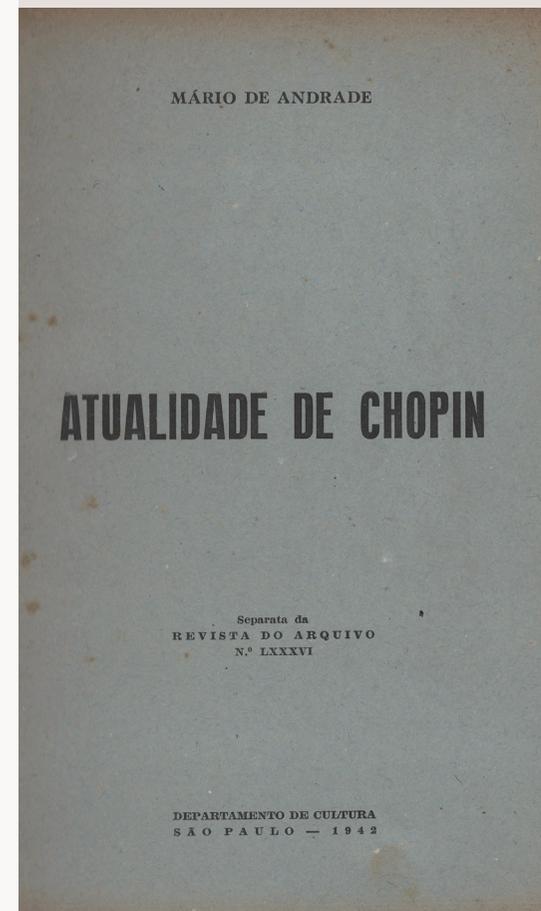
12 MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978, p. 778-781.

jornal, assinando apenas como M. – o artigo de estreia era intitulado *No Conservatório Dramático e Musical; Sociedade de Concertos Clássicos*, no *Jornal do Commercio*, no dia 11 de setembro. Em 1917, se formou em piano, permanecendo como professor catedrático de história da música e estética⁹ do Conservatório até 1938, deixando a instituição na impossibilidade de acumular outros cargos na administração pública¹⁰.

Após breve período na capital federal, Rio de Janeiro, retornou para São Paulo em 1941, para sua casa na Rua Lopes Chaves. Em 1942, solucionado os entraves acerca da incompatibilidade funcional, reassumiu o cargo de catedrático no Conservatório, preferindo, na aula inaugural, a conferência *Atualidade de Chopin*¹¹, em que aborda aspectos significativos da obra do compositor, além de seu papel como artista. No fundo arquivístico do Conservatório é possível localizar um exemplar desta palestra, editada pelo Departamento de Cultura de São Paulo, na *Revista do Arquivo Municipal*. No Portal de Acervo do Theatro é possível consultar toda a obra na íntegra.

Mário esteve ligado à produção literária e musical ao longo de toda sua vida. Nas ambiências do Theatro Municipal, se revelou moderno e foi tratado, mais adiante, como “figura de proa do Modernismo”¹², mas, mestre, no sentido íntimo da palavra, ele foi mesmo no Conservatório. No que diz respeito ao fundo arquivístico do Conservatório, este atualmente compõe o acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo e, apesar da salvaguarda da maioria dos assentamentos de alunos estarem preservados, a ficha documental relativa à passagem de Mário pela instituição não está presente nos locais de guarda, permanecendo desconhecida.

FIG. 1. ESTA PUBLICAÇÃO FOI EDITADA EM 1942, PELO DEPARTAMENTO DE CULTURA, SENDO PARTE DA SEPARATA DA REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, Nº LXXXVI. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

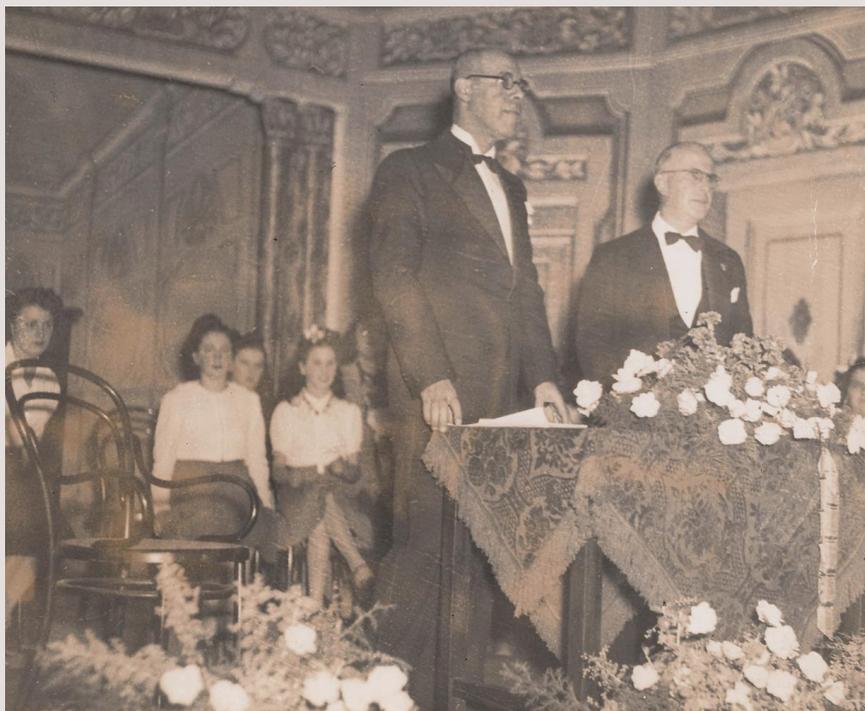


FORMANDOS DO CURSO NORMAL

1 - Célia Marcondes Rezende	4.502 3287
2 - Célia Pegado	4.503 2838
3 - Dulce David do Vale	5.623 3297
4 - Estephania Castro Gomes de Araujo	4.599 2866
5 - Francisco Mignone.	4.633 2979
6 - Leticia Medeiro.	4.821 2937
7 - Maria do Carmo Figueiredo.	4.912 2966
8 - Maria Carolina de Andrade	4.916 2968
9 - Mario Raul Moraes Andrade	5.907 3333
10- Ormida Pestana.	5.913 3339
11- Paula Madein.	5.917 3340

Total dos formandos, 11 alunos.

FIG. 2. A LISTAGEM ACIMA APRESENTA A TURMA DE FORMANDOS DO ANO LETIVO DE 1917, DO CONSERVATÓRIO. ENTRE OS ALUNOS ILUSTRES CONSTAM: MÁRIO DE ANDRADE, ESTEPHANIA CASTRO GOMES DE ARAUJO E FRANCISCO MIGNONE. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.



13 ARAÚJO, E.C.G. *João Gomes de Araujo* – sua vida, suas obras e as comemorações de seu primeiro centenário de nascimento. São Paulo: s. ed., 1972.

14 AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. Conservatório Dramático e Musical de São Paulo: pioneiro e centenário. In: *Histórica*: revista on-line do arquivo público do Estado de São Paulo, 16 nov. 2006. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica16.pdf. Acesso em: 28 jan. 2022.

15 TONI, Flávia. *Café, uma ópera de Mário de Andrade*: estudo e edição anotada. 2004. Tese (livre-docência) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

Até o momento, o único indício documental relacionado à sua passagem enquanto aluno da instituição é uma listagem, aparentemente desprezível, que elenca os formandos do ano letivo de 1917. Entre os alunos daquele ano constam: Célia Marcondes Rezende, Célia Pegado, Dulce David do Vale, Leticia Medeiro, Maria do Carmo Figueiredo, Maria Carolina de Andrade, Ormida Pestana e Paula Madein. Além de Mário, outros ilustres dessa lista figuram, entre eles dois nomes significativos do universo musical: Estephania Castro Gomes de Araujo e Francisco Mignone.

Ao considerar que pequenos vestígios podem ser elementos capazes de relacionar assuntos e potenciais temas de pesquisa, é importante ressaltar a presença de Estephania nessa listagem, na medida em que a musicista era filha do maestro João Gomes de Araujo¹³, fundador do Conservatório juntamente com Pedro Augusto Gomes Cardim¹⁴. E, dessa forma, a partir de documentos desprezíveis, é possível apontar caminhos de reflexão.

Por exemplo, escarafunchando nomes e instituições como essas é apropriado estabelecer relações significativas e perceber que sujeitos relevantes para o contexto cultural paulista transitavam entre as instituições-chave da sociabilidade intelectual. Nesse sentido, destaca-se também o pianista, regente e compositor Francisco Mignone, na medida em que esse personagem auxiliou o modernista Mário de Andrade ao musicar, em 1942, sua ópera *Café*¹⁵, indicando que a colaboração entre ambos possui vínculos anteriores, desde o período de formação musical.

Ainda no acervo, também dois registros fotográficos merecem nota. No primeiro, se vê Mário, postado à frente de uma mesa ornamentada, com estudantes do Conservatório aguardando sua fala. No segundo, a presença da instituição na carreira de Mário, conforme mencionado acima, enquanto uma marca que tingiu sua trajetória intelectual sistematicamente calcada na instrução musical se explicita. Na oportunidade do registro, em 1942, mesmo período de seu retorno ao Conservatório, Mário participa da recepção comemorativa ao fundador da instituição Gomes Cardim, em seu aniversário de 77 anos de idade.

FIG. 3. ESTA ICONOGRAFIA, POUCO CONHECIDA DO PÚBLICO, APRESENTA O MODERNISTA MÁRIO DE ANDRADE DURANTE ATIVIDADE SOLENE NO CONSERVATÓRIO DRAMÁTICO E MUSICAL DE SÃO PAULO. A FOTOGRAFIA, SEM INFORMAÇÕES PRELIMINARES DISPONÍVEIS, REFLEXO DAS CONDIÇÕES DO FUNDO ARQUIVÍSTICO QUE O CONSERVA, PROVAVELMENTE REGISTRA O ESCRITOR DURANTE A DÉCADA DE 1940, POSSIVELMENTE A PARTIR DE 1942, DATA DO RETORNO DO PROFESSOR À INSTITUIÇÃO. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

FIG. 4. REGISTRO ICONOGRÁFICO COM A SEGUINTE INSCRIÇÃO NO VERSO: GRÊMIO GOMES CARDIM, 77º ANIVERSÁRIO DO NASCIMENTO DO SR. DR. P. [PEDRO] A. [AUGUSTO] GOMES CARDIM; HOMENAGEM DO GRÊMIO; 16 SET. 1942. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.



Grêmio Gomes Cardim -
77º aniversário do nascimento
do Sr. P. A. Gomes Cardim
Homenagem do Grêmio
16. Set. 1942

¹⁶ *Correio Paulistano*, 13 fev. 1922, p. 1. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21054.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

¹⁷ *Idem*.

Assim como pôde ser visto neste *Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo*, o evento em si não deixou marcas documentais explícitas em suas coleções. O que se encontra no complexo acervo do Theatro são sinais deste tempo, vestígios materiais que normalmente são naturalizados, mas que podem revelar traços pertinentes acerca do evento e seus participantes. No que diz respeito à presença de Mário, pode-se salientar, também, sua existência documental, materializada em alguns itens significativos.

Retomando a empreitada de 1922, é interessante notar que a aula inaugural de Mário, em seu retorno, tenha tratado do pianista polonês Frédéric Chopin, compositor da era romântica, destacado como um dos maiores músicos da história. Cerca de 20 anos antes dessa homenagem, os modernistas da Semana também se apoiaram em sua produção para divulgar seus ideais de ruptura. Ainda no primeiro dia do evento, em 13 de fevereiro de 1922, diversas apresentações musicais preencheram a programação.

Na ocasião, durante a conferência inaugural de Graça Aranha, intitulada *A emoção estética na arte moderna*, suas ponderações foram ilustradas com música executada por Ernani Braga e poesias de Guilherme de Almeida e Ronald de Carvalho. Após a palestra do acadêmico, a programação seguiu com música de câmara, liderada pelo carioca Heitor Villa-Lobos, que apresentou: *Sonata II de violoncelo e piano* (1916), *Allegro moderato*, *Andauto*, *Scherzo* e *Allegro vivace sostenuto e final*, juntamente com Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos, e *Trio Segundo* (1916), violino, cello e piano, *Andantino calmo (Berceuse-Barcarola)*, *Scherzo-Spirituoso* e *Molto allegro e final*, com Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes e Frutuoso de Lima Vianna¹⁶.

No segundo ato da festividade inaugural, Ronald de Carvalho proferiu a palestra *A pintura e a escultura moderna*, seguida de solos de piano de Ernani Braga, que tocou *A valsa mystica* – da *Simplex collectanea* (1919), *Camponesa cantadeira* – da *Suíte floral* (1921) e *Fiandeira*. No último ato do encontro, Paulina d'Ambrosio, Georges Marinuzzi, Orlando Frederico, com violinos, Alfredo Gomes, Basso, Alfredo Carazza, com violoncelos, Pedro Vieira, com flauta, Antônio Soares, com clarino, e Frutuoso de Lima Vianna, acompanhado com piano, tocaram *Ottetto (Três danças africanas)*, com os movimentos *Farrapos (Dança dos moços, 1914)*, *Kankukus (Dança dos velhos, 1915)* e *Kankikis (Dança dos meninos, 1916)*, de autoria de Villa-Lobos¹⁷.

Sobre o último movimento de Villa-Lobos naquela noite, vale destacar mais um item salvaguardado no acervo do Theatro. Trata-se da partitura *Kankikis*, de 1916. O exemplar presente na coleção do Conservatório apresenta o manual comercializado pela Casa Arthur Napoleão, do Rio de Janeiro. Sua presença na coleção indica o potencial utilitário de tal item na instrumentalização pedagógica que a instituição almejava.

Esse documento não é uma partitura original tocada na Semana. Trata-se de um elemento educacional utilizado na rotina

18 MOREIRA, Gabriel. O estilo indígena de Villa-Lobos (Parte II): aspectos rítmicos, texturais, potencial significante e tópicos indígenas. In: *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 27, 2013, p. 29-38.

da instituição de ensino. Sua presença pode sinalizar que temas com caráter estético modernista eram relevantes no programa musical do Conservatório. Em relação ao teor do documento, em especial, com o conteúdo da partitura outros vestígios emergem pois, compreender o significado da composição, pode direcionar o entendimento dos estudiosos do Modernismo acerca de qual revolução os modernos pretendiam ou indicar quais perspectivas sobre o nacional estavam presentes em suas obras.

No caso de *Kankikis*, Villa-Lobos desenvolveu esta composição inspirado no material musical recolhido por ele junto aos índios Caripunas, de Mato Grosso. Apesar do conjunto de composições ser denominado *Danças africanas*, os temas das danças exploram, por meio de instrumentos clássicos, sonoridades alusivas aos ritmos indígenas¹⁸. Um tema patente hoje em dia, mas que, em 1922, significava o rompimento da estética clássica vigente. Caso queira experimentar tocá-la, para conhecer a proposta estética de Villa-Lobos, acesse o Portal de Acervo do Theatro e consulte a partitura na íntegra.

FIG. 5. A CASA ARTHUR NAPOLEÃO, NO RIO DE JANEIRO, REUNIU DIVERSAS COMPOSIÇÕES DE HEITOR VILLA-LOBOS PARA COMERCIALIZAÇÃO. ENTRE O ACERVO MUSICAL DE VILLA-LOBOS, DA COLETÂNEA **DANÇAS CARACTERÍSTICAS AFRICANAS**, A PARTITURA DESTACADA ACIMA POSSUI AS ORIENTAÇÕES MUSICAIS PARA A EXECUÇÃO DA COMPOSIÇÃO **KANKIKIS**, TOCADA NO PRIMEIRO DIA DA SEMANA DE ARTE MODERNA. FONTE: CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA DO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

2

A' Niniãda Veloso Guerra

Preço 3,000

KANKIKIS

Rio, 1915

DANZA INDIGENA Nº 3

H. VILLA-LOBOS, Op. 65

Allegro bene marcato.

Allegro frenetico

PIANO

ff

Poco cresc.

ff

p

sf *pp* *f* *sf*

7979

3

m. g.

mf

m. g.

mf

mf cantabile

7979

Após a apresentação do repertório modernista do primeiro dia do evento, a pianista Guiomar Novaes, principal figura musical do segundo encontro, encaminhou aos membros do comitê que patrocinava a Semana considerações que indicam sua desaprovação com os rumos estéticos que estavam sendo propostos. Entre os mecenas dos modernistas, aparecem os destacados líderes da elite local: Paulo Prado e René Thiollier. Prado era escritor, historiador, cafeicultor e filho do Conselheiro Antônio Prado, um dos homens mais ricos e poderosos do país no início do século XIX¹⁹, e Thiollier foi o responsável pelo pagamento do voluptuoso aluguel do Theatro Municipal, durante os dias da Semana²⁰. Ainda contribuíram para a festa: Alfredo Pujol, Oscar Rodrigues Alves, Numa de Oliveira, Alberto Penteado e Edgar Conceição²¹.

No que diz respeito às queixas de Guiomar, Menotti del Picchia, assinando o artigo *A segunda batalha*, pondera acerca da pianista “[...] É verdade que a gloriosa artista está visceralmente em desacordo com as irreverências dos futuristas para com os mestres, que ela adora”, mas, reconhecendo que a artista possuía notável prestígio entre a plateia aristocrática, comentou sobre a expectativa das apresentações do segundo dia, no seguinte trecho: “[...] Todos – passadistas e futuristas – aplaudirão Guiomar Novaes. Que mais querem? Que noitada mais forte, como conjunto de elementos artísticos, poderia desejar a culta e exigentíssima plateia paulista?”²². Menotti não imaginava que, dias depois, teria de escrever um artigo relatando que, naquele dia, latidos e cacarejos fizeram parte da história²³.

Conforme mencionado anteriormente, os modernistas da Semana possuíam expectativas de ruptura diversificadas. Diferentemente do que a tradição acadêmica canonizou como revolução cultural orgânica, em que a modernidade seria almejada de forma uniforme e consequente das inquietações dos jovens artistas desde o contato com o Futurismo, passando a crítica de Monteiro Lobato ao homem amarelo, eclodindo nas salas de espetáculo do Theatro Municipal, o Modernismo se organizou esporadicamente por meio de alinhamentos particulares e individuais. É importante frisar que os esquemas classificatórios dos modernistas, após a Semana, se deram por meio de eleições, exclusões e apagamentos. De certo, o que não houve no movimento modernista foi consenso.

Nesse sentido, no caso de Guiomar o ponto de tensão se estabeleceu após adaptações modernistas à obra do seu aclamado mestre Chopin. Considerando declinar de sua participação, a pianista encaminhou a seguinte carta à comissão:

Em virtude do carácter bastante exclusivista e intolerante que assumiu a primeira festa de arte moderna, realizada na noite de 13 do corrente, no Theatro Municipal. Em relação às demais escolas de música, das quaes sou intérprete e admiradora, não posso deixar de aqui declarar o meu desacordo com esse

modo de pensar. Senti-me sinceramente contristada com a pública exibição de peças satíricas, alusivas à música de Chopin.

Admiro e respeito todas as grandes manifestações de arte, independente das escolas, a que elas se filiem, e é de acordo com esse meu modo de pensar que, acedendo ao convite que me foi feito, tomarei parte num dos festivais da Semana de Arte Moderna. – Com toda a consideração – (a.) G. Novaes. – S. Paulo, fevereiro, 1922²⁴.

No dia 16 de fevereiro, a imprensa local repercutiu as reações do segundo encontro modernista e, na oportunidade, destacaram que a palestra de Menotti, “causou excelente impressão no auditório [...] foi aplaudidíssima”²⁵. Vale ressaltar aqui que o escritor, ao encerrar a explanação de suas ideias, dá sequência às apresentações, que no caso seriam a récita de trechos de prosa e versos. Os declamadores Oswald de Andrade, Sérgio Milliet, Mário de Andrade, Agenor Barbosa, Armando Pamplona e Ronald de Carvalho apresentam contribuições de autoria de Plínio Salgado, Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. Como se pôde notar, diferentes matizes de nacionalismo e brasilidade, durante a Semana, não no Modernismo, batalham naquele momento lado a lado na festividade.

De acordo com a reportagem, durante esses recitativos, parte da plateia “começou a portar-se inconvenientemente”, dando indícios de como se portaria diante da fala de Mário de Andrade, que apresentou seu ponto de vista acerca da arte moderna, na palestra intitulada *A escrava que não é Isaura*²⁶. Mas, no que se refere à recepção de Guiomar, sua apresentação “encantou a assistência” ao executar *Au jardin du vieux serail (Andrinople)*, de Blanchet, *O ginete do pierrozinho*, de Villa-Lobos, *La solrée dans Granade* e *Ministreis*, de Debussy. No relato do *Correio Paulistano*, “[...] A notável pianista patricia provocou entusiasmo, sendo chamada ao proscênio mais de cinco vezes, executando, então, extra-programa, o mimoso trecho Arlequim, de Vallon, apesar dos insistentes pedidos do público para que tocasse um trecho de Chopin”²⁷.

Encerrando o segundo dia de festividades, Nascimento Filho e Lucília Villa-Lobos executaram trechos de composições de Villa-Lobos, para canto e piano, enquanto, na sequência, Paulina d’Ambrosio, em companhia de George Marinuzzi, Orlando Frederico e Alfredo Gomes apresentaram o quarteto terceiro para cordas de Villa-Lobos²⁸. Interessante notar que, particularmente a Semana de Arte Moderna, aparece sendo tratada, estudada e difundida como marco cultural da inteligência brasileira, mas quase exclusivamente como um fenômeno literário e artístico. E é nesse sentido que os literatos que vivenciaram a Semana, mas que depois se afastaram dos líderes eleitos Mário e Oswald, acabaram sendo retirados do hall dos modernistas, o que não

19 SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6. n. 11, 1993, p. 79.

20 Segundo Raimundo de Menezes, o Theatro foi alugado por 847\$000, enquanto os preços das localidades variavam de 186\$000 (camarotes e frisas) a 20\$300 (cadeiras e balcões). MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 779.

21 MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 780.

22 *Correio Paulistano*, 15 fev. 1922, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21056.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

23 *Correio Paulistano*, 18 fev. 1922, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21059.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

24 *Correio Paulistano*, 15 fev. 1922, p. 6. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21056.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

25 *Correio Paulistano*, 16 fev. 1922, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21057.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

26 MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 780.

27 *Correio Paulistano*, 16 fev. 1922, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21057.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

28 Idem.

aconteceu na ala artística, que até mesmo anexou outros sujeitos ao grupo. Definitivamente, a literatura modernista é um campo em disputa, o que não parece acontecer com os outros ramos que experimentaram as mesmas vaias, como foi o caso de Villa-Lobos.

Um dos grandes anedóticos da Semana foi o caso da chegada de Villa-Lobos ao terceiro e último encontro modernista. O pianista, que até então havia marcado presença de alguma maneira em todos os dias de festividade, teve a oportunidade de se apresentar, em destaque, no encerramento do evento. A programação era dedicada exclusivamente às suas composições e, segundo o *Correio Paulistano*, “[...] Bem mais concorrido que os anteriores, o sarau de ontem teria deixado melhor impressão não fora a atitude de hostilidade assumida sem razão, valha a verdade, no começo e no fim do concerto, por uma parte diminuta da assistência”²⁹.

Na ocasião, Villa-Lobos chegou ao Theatro vestindo casaca e apenas um chinelo, em um dos pés. Com pé doente, por causa de excesso de ácido úrico, ao caminhar com dificuldade, a multidão presente acompanhava cada um de seus passos, marcando o ritmo satiricamente da caminhada dolorida³⁰. Encerrada a jornada modernista, em 17 de fevereiro, Menotti del Picchia faz um panorama dos três dias de evento, no artigo intitulado *A vitória*:

Com o triunfo de ontem, terminou a gloriosa Semana de Arte Moderna. Que ficou dela? De pé – germinando – a grande ideia. Dos vencidos, alguns latidos de cães e cacarejos de galinhas... Eu jamais supus, da alta educação do nosso povo, que pudesse haver quem chegasse a descer a triste condição de um animal para manifestar seu ódio. [...] De um lado, artistas de fama diziam versos, recitavam trechos de prosa, enchiam o ambiente de harmonias. De outro lado, alguns indivíduos que chegaram a envergonhar o gênero humano [...]

E quem eram os artistas contra os quais ganiam os despeitados? Homens finos, de educação [...]. Como tais, deviam ter merecido maior respeito, principalmente tratando-se, em parte, de gloriosos hóspedes cariocas e, da outra parte, de paulistas que conquistaram, para o pensamento de S. Paulo, um lugar de exceção honrosa nos ambientes culturais do país.

[...] Em compensação – e essa é a consagração da nossa ideia – tudo o que S. Paulo tem do mais culto, mais aristocrático, mais fino, tudo o que nesta terra não ladra, não gane, não cacareja, não morde, aplaudiu com calor os libertadores da Arte, sagrando o seu esforço e fazendo fructificar, gloriosamente, o seu exemplo!³¹

29 *Correio Paulistano*, 18 fev. 1922, p. 2. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21059.pdf. Acesso em: 24 jan. 2022.

30 MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos, compositor brasileiro*. 11 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989, p. 58.

31 *Correio Paulistano*, 18 fev. 1922, p. 4. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/090972/per090972_1922_21059.pdf. Acessado em 24 jan. 2022.

32 FARIA, Daniel. *O mito modernista*. 2004. p. 297. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2004. p. 237.

33 VELLOSO, Mônica. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987. p. 23

34 Idem. p. 22-23.

CALENDÁRIO MODERNISTA: 1922 EM DIANTE

A Semana de Arte Moderna, após 1922, foi frequentemente difundida de forma pouco crítica pela tradição acadêmica. De acordo com essa tradição, o evento é apontado como o epicentro que proporcionou as transformações provenientes da modernidade na sociedade paulistana do início do século XX. Nessa lógica, para Daniel Faria (2004), o ano de 1922 foi estabelecido pela tradição como o marco inaugural de entrada do Brasil na modernidade.

Essa mesma tradição acadêmica, ao mitificar o evento do Theatro Municipal, elegeu os heróis e os vilões do movimento. Segundo Faria, essa perspectiva “[...] têm seus heróis (sobretudo Mário e Oswald de Andrade) e seus anti-heróis, ou suas paródias demoníacas (o grupo verde-amarelo de Menotti, ou Graça Aranha, ou o parnasianismo). Traça-se desta forma um verdadeiro sentido para a literatura brasileira [...]”³². Nesse mesmo caminho, Mônica Velloso indica:

[...] Hoje ainda desfruta de certo consenso a visão do movimento modernista brasileiro, circunscrito à ambiência paulista e a um grupo canônico de intelectuais. Na literatura, os nomes de Mário de Andrade e de Oswald de Andrade são referência obrigatória quando se trata de ressaltar a tendência vanguardista inovadora do movimento. Também os intelectuais ligados à vertente conservadora, como é o caso de Plínio Salgado e Cassiano Ricardo, são tomados como referenciais de análise para o estudo das bases do pensamento político autoritário.³³

Nesse sentido, visando à criação de uma lógica explicativa capaz de identificar os supostos antecedentes do Modernismo, posiciona-se a chave interpretativa canônica sem distinções iniciais aos blocos literários e correntes de pensamento com matizes ideológicas e sensibilidades estéticas antagônicas. Para diferenciar a ala eleita como revolucionária, seus rivais em discordância são anexados no mesmo grupo de oposição.

Apesar das diferenças estruturantes, se reuniram parnasianos, decadentistas, simbolistas e regionalistas. Segundo Mônica Velloso, “[...] Em suma, perderam-se as especificidades de cada grupo e as diferentes articulações que pudessem vir a estabelecer o moderno”. Como exemplo ilustrativo, a autora cita o caso de alguns intelectuais simbolistas: “[...] Caso de Manuel Bandeira, convidado a participar da Semana de Arte Moderna [...] Bandeira conta que se recusará a ir, alegando não ter incompatibilidades com o parnasianismo e simbolismo. Já se sentia moderno [...]. enviou, porém, um poema no qual fazia crítica irônica à estética parnasiana. *O Sapo* foi lido por Ronald de Carvalho sob vaias.”³⁴

Dessa forma, algumas perguntas significativas emergem. O que é ser moderno? A qual modernidade os personagens de 22 estavam se alinhando? Quais aspectos revolucionários

são determinantes para a eleição de quem merecia a alcunha “modernista”? A breve reflexão realizada até aqui não pretende esgotar tais questões, apenas pretende sugerir alternativas para a problematização do evento, diante da efeméride de seu centenário. De certo, o que se pode afirmar é que, no contexto artístico, literário e musical brasileiro, o emblema modernista se transformou em qualificante, por isso de suas tensões e controvérsias.

Diante desse embate de disputas, o próprio acervo do Theatro, ao analisarmos e sugerirmos conexões, pôde materializar os desdobramentos e os arranjos do espírito moderno no circuito artístico paulista. Em especial, pôde-se destacar a coleção de figurinos do Balé do IV Centenário. Na década de 1950, visando à comemoração da celebração dos 400 anos da cidade de São Paulo, uma série de atividades foram organizadas pela administração pública, entre elas, ficou definida a necessidade de criação de uma trupe dançante. Dessa companhia, o acervo do Theatro possui uma série de trajes de cena que serão apresentados a seguir, a partir de uma pequena amostragem. Vale pontuar que, mesmo se tratando de uma coleção significativa para o acervo do Complexo, o referido balé, por conta de reformas no Municipal na época, nunca chegou a se apresentar no Theatro.

A recém-criada companhia estava vinculada a um calendário festivo significativo, que previa, entre outras ações, a inauguração do Parque do Ibirapuera com projeto de Oscar Niemeyer e paisagismo de Burle Marx. Sob orientação do coreógrafo húngaro Aurélio Milloss, foram selecionados diversos artistas ligados a estética moderna brasileira para a criação de cenários e trajes de cena, entre eles, destacam-se Lasar Segall, Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Portinari, Burle Marx, Santa Rosa, Darcy Penteado, Flávio de Carvalho, Noêmia Mourão, Quirino da Silva, Heitor dos Prazeres e Oswald de Andrade Filho. Para musicar os espetáculos, foram escolhidas músicas de caráter clássico a partir de composições de Camargo Guarnieri, Souza Lima, Villa-Lobos e Francisco Mignone, colega de Mário no Conservatório. Destes modernistas, apenas Di Cavalcanti e Villa-Lobos são modernistas da Semana.

Para o espetáculo, Di Cavalcanti elaborou trajes para *Lenda do amor impossível*, baseado em um romance entre Lara e o personagem Solitário, ambientado em uma mata brasileira. A música ficou a cargo do coreógrafo Milloss, que criou um “ambiente sonoro” do qual faziam parte todos os dançarinos e os ensaiadores, simulando de várias formas os sons da floresta³⁵. Nesse período, Di Cavalcanti contou com a presença de sua esposa Noêmia Mourão, que também produziu para o Balé do IV Centenário.

35 SESC (Belenzinho). *Guia da exposição Fantasia brasileira: o Balé do IV Centenário*. S. Paulo, SP: SESC, 1998.



FIG. 6. PARA O ESPETÁCULO *LENDA DO AMOR IMPOSSÍVEL*, DI CAVALCANTI ELABOROU UM TRAJE QUE EXPLICITA A ANATOMIA FEMININA. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

FIG. 7. PARA O ESPETÁCULO *FANTASIA BRASILEIRA*, NOÊMIA MOURÃO ELABOROU UM TRAJE COM SAIA COMPOSTA DE TIRAS COLORIDAS. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.



36 Idem.

A pintora, cenógrafa e desenhista Noêmia Mourão, aluna de Di Cavalcanti, com quem viria a se casar, em 1932, produziu trajes para o espetáculo *Fantasia brasileira*, que foi musicado por Souza Lima e contou com coreografia de Milloss. A obra de Lima tinha por tema o bumba-meu-boi e dividia-se em seis partes: Rondó, Lamento, Samba, Frevo, Aleluia e Scherz³⁶. Um dos trajes apresentados pela artista possui lenços multicoloridos em ponta, representando a saia.

O Balé do IV Centenário é pertinente para essa reflexão, na medida em que explicita os desdobramentos do movimento modernista para além dos sujeitos ligados à Semana. Como pode ser visto nessa coleção de figurinos, a estética moderna impactou sujeitos que não estiveram necessariamente presentes nos três dias da festividade de 1922, mas não deixaram de ser identificados como modernos.

O acervo complexo do Theatro possui outros casos exemplares que explicitam esse engajamento e adicionam outra questão potencialmente interessante: Só são modernistas os que estiveram presentes na Semana? E, em consequência, quais os motivos das ausências, dos esquecimentos e das exclusões? A partir da coleção de figurinos, puderem-se destacar quatro casos: Flávio de Carvalho, Lasar Segall, Burtle Marx e Heitor dos Prazeres.

O primeiro grupo representa os impossibilitados pela distância geográfica ou temporal. Flávio de Carvalho e Lasar Segall, ausentes, retornaram ao Brasil somente após a Semana. Já Burtle Marx, nascido em 1909, era muito jovem em 1922, fator que não impediu que sua trajetória como pintor, arquiteto, paisagista, desenhista, pintor, escultor, tapeceiro e ceramista tenha sido categorizada como moderna desde seu início.

Nascido no interior do Rio de Janeiro, em 1899, Flávio de Carvalho mudou para a Europa ainda em 1911, retornando ao Brasil logo após a Semana de 22. Considerado um pioneiro da arquitetura moderna no Brasil, Carvalho fundou, com Antônio Gomide, Carlos Prado e Di Cavalcanti, o Clube dos Artistas Modernos e o Teatro da Experiência, onde encenava espetáculos vanguardistas³⁷. No que diz respeito ao Balé do IV Centenário, entre os trajes elaborados pelo artista destaca-se o casaco assimétrico com losangos e mangas amplas e lisas. O traje foi utilizado no espetáculo *Cangaceira*, que contou com coreografia de Milloss³⁸.

37 MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

38 SESC (Belenzinho). *Guia da exposição Fantasia brasileira: o Balé do IV Centenário*. S. Paulo, SP: SESC, 1998.



FIG. 8. PARA O ESPETÁCULO **CANGACEIRA**, DO BALÉ DO IV CENTENÁRIO, FLÁVIO DE CARVALHO ELABOROU UM TRAJE COLORIDO COM FIGURAS GEOMÉTRICAS. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

39 MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

40 SESC (Belenzinho). *Guia da exposição Fantasia brasileira: o Balé do IV Centenário*. S. Paulo, SP: SESC, 1998.

Lasar Segall, nascido em Vilna, na época pertencente à Rússia, mudou para o Brasil em 1923. O artista ganhou destaque internacional, tendo suas obras expostas em muitos dos museus alemães, especialmente durante o período da República de Weimar (1919-1933), em que a arte moderna e de vanguarda era celebrada. Expondo em solo paulista já em 1913, Segall se tornou um dos primeiros a expor produções de arte moderna no país. Durante sua trajetória, o artista foi bastante criticado e associado à ideia de uma arte “degenerada”, tendo sido um dos fundadores da Sociedade Paulista Pró-Arte Moderna, em 1932³⁹.

Para o Balé, cedeu trajes para o espetáculo *O mandarim maravilhoso*, coreografado em 1942 por Aurélio Milloss. Além dos trajes, a partitura, composta por Bela Bartok, também foi escrita anteriormente para o balé, entre 1918 e 1919⁴⁰. Da coleção de Segall, destaca-se a malha tricô em veludo bordô, com mangas longas e lisas.



FIG. 9. PARA O ESPETÁCULO **O MANDARIM MARAVILHOSO**, LASAR SEGALL ELABOROU UM TRAJE EM VELUDO BORDÔ. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

BC.954.15009



FIG. 10. PARA O ESPETÁCULO *PETROUCHKA*, ROBERTO BURLE MARX ELABOROU UM TRAJE COLORIDO COM DESENHOS GEOMÉTRICOS. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

Dedicado ao paisagismo, Roberto Burle Marx desenhou projetos para locais como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a Pampulha, em Belo Horizonte, e o Centro Cívico de Curitiba. No início da década de 1930, cursou arquitetura e pintura na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro. Burle Marx foi arquiteto, paisagista, desenhista, pintor, escultor, tapeceiro, ceramista, entre outras funções artísticas.

No Balé, produziu trajes para o espetáculo *Petrouchka*, um drama romântico musicado por Igor Fyodorovich Stravinsky, adaptado de uma composição anterior, a partitura de seu *Concerto para piano e orquestra*. O traje em destaque apresenta desenhos geométricos nas cores verde, amarelo e vermelho em sua saia⁴¹.

Os três artistas destacados acima, mesmo não estando presentes na Semana, não tiveram a alcunha moderna retirada de seus diversificados trabalhos. O que não ocorreu com o carioca Heitor dos Prazeres, que possui a estética moderna em suas obras, mas não tem sua produção prontamente associada ao grupo modernista. Heitor dos Prazeres, nascido em 1898, no Rio de Janeiro, foi um artista multidisciplinar, compositor, músico, marceneiro, sapateiro e alfaiate. Enquanto pintor autodidata, tornou-se conhecido, a partir principalmente da segunda metade dos anos 1930, ao pintar cenários do dia a dia nas favelas cariocas e temas como a roça, a festa, o samba, a boemia e o candomblé. Em 1951, o artista ficou em terceiro lugar entre os artistas nacionais na 1ª Bienal Internacional de São Paulo, conquistando uma sala especial na Bienal subsequente, com curadoria do modernista Sérgio Milliet⁴².

Destaque para o traje produzido por Prazeres, para o espetáculo *O guarda-chuva*, em algodão e amplo decote com babados, saia franzida com faixas brancas e azuis. O espetáculo apresentado no Balé, musicado por Francisco Mignone, era uma “comédia cenográfica em um ato”⁴³.

954.12012



FIG. 11. PARA O ESPETÁCULO *O GUARDA-CHUVA*, HEITOR DOS PRAZERES ELABOROU UM TRAJE COM BABADO BRANCO E AZUL. FONTE: CENTRAL TÉCNICA DE PRODUÇÕES ARTÍSTICAS CHICO GIACCHIERI. PARA CONSULTAR, ACESSE O PORTAL DE ACERVO DO THEATRO MUNICIPAL.

41 Idem.

42 Índice Biográfico e Cultural de Artistas: Museu Afro Brasil. Verbete Heitor dos Prazeres. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/27/heitor-dos-prazerres>. Acesso em: 29 jan. 2022.

43 SESC (Belenzinho). *Guia da exposição Fantasia brasileira: o Balé do IV Centenário*. S. Paulo, SP: SESC, 1998.

No que diz respeito às festividades do IV Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, a presença modernista não se limitou aos detalhes e recortes incomuns dos trajes do Balé. Em março de 1954, o poeta modernista da Semana, Guilherme de Almeida, assumiu a presidência da comissão que organizou o evento, após a saída conturbada de Francisco Matarazzo Sobrinho, que havia permanecido 26 meses no cargo. Após explicitar sua insatisfação à imprensa, o prefeito Jânio Quadros pressionou pela renúncia de Matarazzo, indicando em seguida o poeta Guilherme de Almeida para dar prosseguimento ao festejo, que já estava em andamento⁴⁴.

Antes de assumir a presidência da comissão, Almeida já atuava no delineamento curatorial da festividade, como membro da Consultoria Técnica do Serviço de Comemorações Culturais. Na época, essa organização estava povoada por modernistas e estudiosos do movimento, entre eles: Sérgio Milliet, Décio de Almeida Prado, Oswald de Andrade, Antônio Cândido, Paulo Duarte e Sérgio Buarque de Holanda. Enquanto presidente da festividade, Almeida tratou de recuperar a imagem do bandeirante paulista, conferindo à festividade um cunho mais regional às apresentações⁴⁵, explicitando uma das vertentes ufanistas do movimento. Esta também estava na Semana de Arte Moderna.

Dessa forma, retomando os apontamentos elencados até aqui, pode-se concluir que o movimento modernista apresentado como uma revolução encabeçada por intelectuais aristocráticos, que discutiam isoladamente os rumos da brasilidade em círculos exclusivos, sediados ora em cafeterias ao estilo da *belle époque*, ora nos salões dos mecenas de estirpe tradicional, retomam seus posicionamentos ideológicos ao longo de diversos outros eventos marcantes na história local.

Segundo a vertente canônica, a famosa Semana festiva seria um fenômeno genuinamente paulista, ímpar e inédito na história cultural brasileira, reflexo de poucos e selecionados intelectuais vanguardistas, que passaram a ser denominados, por eles próprios, como *modernistas*. Portanto, retomando o propósito desta reflexão, notam-se alternativas investigativas acerca do movimento a partir do cruzamento de personagens, instituições, datas celebrativas e objetos despreziosos presentes no acervo do Complexo Theatro Municipal, encerrando-se, dessa forma, esta problematização sem a ambição de resolver a historiografia do Modernismo, mas propondo-se a acrescentar algumas outras possibilidades para se questionar a tradição hegemônica que uniformiza o movimento modernista.

Guilherme Lopes Vieira

Documentalista do Núcleo de Acervo e Pesquisa

44 LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 46.

45 SILVA, Ivanei. *Rumo à Casa do Bandeirante: A participação de Guilherme de Almeida na Comissão do IV Centenário de São Paulo e a iniciativa de restauro da Casa do Bandeirante*. Disponível em: https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/museu/Rumo_a_Casa_do_Bandeirante.pdf. Acesso em: 29 jan. 2022.

FONTES

Acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo
Correio Paulistano, 13 fev. 1922. p. 1.
Correio Paulistano, 15 fev. 1922. p. 4.
Correio Paulistano, 16 fev. 1922. p. 2.
Correio Paulistano, 18 fev. 1922. p. 2-4.

BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*. Edição crítica de Diléa Zanotto Manfio. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- ARAÚJO, E.C.G. *João Gomes de Araújo – sua vida, suas obras e as comemorações de seu primeiro centenário de nascimento*. São Paulo: s. ed., 1972.
- AZEVEDO, Elizabeth Ribeiro. Conservatório Dramático e Musical de São Paulo: pioneiro e centenário. In: *Histórica: revista on-line do arquivo público do Estado de São Paulo*, 16 nov. 2006. Disponível em: http://www.arquivoestado.sp.gov.br/historica/edicoes_anteriores/pdfs/historica16.pdf. Acessado em 28 jan. 2022.
- FARIA, Daniel. *O mito modernista*. 2004. p. 297. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP: 2004. p. 237.
- Índice Biográfico e Cultural de Artistas: Museu Afro Brasil*. Verbete Heitor dos Prazeres. Disponível em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/27/heitor-dos-prazeres>. Acessado em 29 jan. 2022.
- LOFEGO, Sílvio Luiz. *IV Centenário da Cidade de São Paulo: uma cidade entre o passado e o futuro*. São Paulo: Annablume, 2004. p. 46.
- LOPEZ, Telê Ancona. *A imagem de Mário: fotobiografia de Mário de Imagens de Mário de Andrade* / seleção de textos e introdução de Telê Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento: Livroarte Ed. 1984.
- MARIZ, Vasco. *Heitor Villa-Lobos, compositor brasileiro*. 11 ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1989.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- MOREIRA, Gabriel. O estilo indígena de Villa-Lobos (Parte II): aspectos rítmicos, texturais, potencial significante e tópicos indígenas. In: *Per Musi*, Belo Horizonte, n. 27, 2013, p. 29-38.
- SESC (Belenzinho). *Guia da exposição Fantasia brasileira: o Balé do IV Centenário*. S. Paulo, SP: SESC, 1998.
- SEVCENKO, Nicolau. Transformações da linguagem e advento da cultura modernista no Brasil. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 6. n. 11, 1993, p. 79.
- SILVA, Ivanei. *Rumo à Casa do Bandeirante: A participação de Guilherme de Almeida na Comissão do IV Centenário de São Paulo e a iniciativa de restauro da Casa do Bandeirante*. Disponível em: https://www.casaguilhermedealmeida.org.br/museu/Rumo_a_Casa_do_Bandeirante.pdf.
- TONI, Flávia. *Café, uma ópera de Mário de Andrade: estudo e edição anotada*. 2004. Tese (livre-docência) – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.
- VELLOSO, Mônica. *Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1987.

ANEXO

TRANSCRIÇÃO

DOS PROGRAMAS

DE ESPETÁCULOS

E EVENTOS

NOTA TÉCNICA

Essa Transcrição integra a publicação do *Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo*, como mais um instrumento de pesquisa.

A Transcrição consiste na reprodução do conteúdo textual do conjunto de documentos selecionados: os Programas de Espetáculos e Eventos dos anos de 1972, 1982, 1992, 1997, 2002, 2006, 2009 e 2012.

O princípio da transcrição é respeitar, sempre que possível, a grafia original do documento, reproduzindo os textos exatamente como aparecem nas fontes primárias. Portanto, eventuais problemas de grafia, pontuação, acentuação decorrem da fidelidade da reprodução. Cabe a ressalva de, ao longo das décadas, alguns termos e nomes próprios foram atualizados, tais quais: Teatro São Pedro para Theatro São Pedro, Teatro Municipal para Theatro Municipal, dentre muitos outros. Confira nas próximas páginas a transcrição do conjunto de documentos.

(programação geral)

SEMANA DE 22

Programa das comemorações do cinquentenário

Promovidas pelo Governo do Estado de São Paulo, Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo e Conselho Estadual de Cultura

MAIO 1972

[imagem]

Capa do catálogo da Semana de Arte Moderna, 1922

[imagem]

'Piolim' (detalhe), 1927, óleo de Reis Junior, Coleção Particular, SP

2 - 19 h Museu de Arte de São Paulo

Inauguração da Exposição de Arte 'Semana de 22: antecedentes e consequências'.

20 h Museu de Arte de São Paulo

'Piolim na Semana de 22'.

[imagem]

Mário de Andrade fotografado por Benedito Duarte.

3 - 10 h Academia Paulista de Letras

Com a presença do Exmo. Senhor Governador do Estado, instalação solene do Seminário de Literatura: 'A Semana de 22 e suas consequências'.

14 h Academia Paulista de Letras

Primeira sessão do Seminário de Literatura e projeção do filme sobre Mário de Andrade.

[imagem]

Alberto Nepomuceno (1864 - 1920)

21 h Teatro Municipal

Concerto musical - manifestações que antecederam a 'Semana de 22'.

4 - 14 h Academia Paulista de Letras

Segunda Sessão do Seminário de Literatura.

[imagem]

José Medina (1894 -), diretor dos Filmes: 'Como Deus castiga' (c. 1919), Exemplo regenerador' e 'Fragmentos da vida' (1929).

18 h Museu de Arte de São Paulo

Conferência de José Medina sobre Cinema brasileiro em 22 - com projeção do filme 'Exemplo regenerador'

5 - 14 h Academia Paulista de Letras

Terceira sessão do Seminário de Literatura

18 h Museu de Arte de São Paulo

Projeção dos filmes 'Fragmentos da Vida' e "Dois 'prontos' de sorte".

[imagem]

Guiomar Novaes (1896 -)

21 h Teatro Municipal

Concerto musical - programa da Semana de 22 - com Guiomar Novaes

6 - 9 h Academia Paulista de Letras

Quarta sessão do Seminário de Literatura.

16 h Museu de Arte de São Paulo

Projeção do filme '1922 e a Exposição da Indústria' e 'São Paulo-Sinfonia de uma Metrópole'.

21 h Teatro São Pedro

Espetáculo teatral 'Esses intrépidos rapazes e sua maravilhosa Semana de Arte Moderna', de autoria de José Carlos Queiroz, pela Companhia de Beatriz Segall.

[imagem]

Heitor Villa-Lobos (1887 - 1959).

30 - 21 h Teatro Municipal

Concerto musical (obras musicais posteriores à Semana de 22) com a Orquestra Filarmônica. Será apresentado a seguir o bailado 'Uirapuru' de Villa Lobos.

--

(Programação 3 de maio de 1972)

[capa]

TEATRO MUNICIPAL

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

[contracapa]

Quarta-feira, 3 de maio de 1972 - às 21h

Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Promoção do GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA

Comissão Estadual de Cultura

em colaboração com o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura Prefeitura do Município de São Paulo

PROGRAMA

ABERTURA - Palavras sobre o significado da "Semana de Arte Moderna de 1922" a cargo do DR. SILVEIRA PEIXOTO

1ª PARTE

Alberto NEPOMUCENO:

QUARTETO N° 1

- Allegro agitato
- Andante
- Scherzo
- Allegro spiritoso

pelo QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL integrado por:

Gino Alfonsi - 1º violino

Alexandre Schaffmann - 2º violino

Johannes Oelsner - Viola

Calixto Corazza - Violoncelo

[publicidade Mexilhão Restaurante ao fim da página]

Francisco BRAGA - DESEJO (letra de Gonçalves Dias)

João GOMES JÚNIOR - SAUDADE (letra de Menotti Del Picchia)

Homero BARRETO - CANÇÃO (letra de Gonçalves Dias)

Souza LIMA - NUMA CONHA (letra de Olavo Bilac)

Carlos de CAMPOS - ÁGUA MARINHA (letra de Luiz Guimarães Filho)

Felix OTERO - A FONTE E A FLÔR (letra de Vicente de Carvalho)

Solista: LEONICE PRIOLI

Acompanhamentos ao piano: SELMA ASPRINO

2ª PARTE

Henrique OSWALD:

QUINTETO em Dó Maior - Op.18

- Allegro moderato
- Scherzo (prestissimo)
- Molto adagio
- Molto allegro

a cargo do QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL

com participação do pianista

SOUZA LIMA

[publicidade Meridional ao fim da página]

COMISSÃO ORGANIZADORA DA SEMANA DE ARTE MODERNA

PRESIDENTE:

Dr. Pedro de Magalhães Padilha

Secretário de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo

MEMBROS:

Dr. Paulo Lebeis Bomfim

Diretor Técnico do Conselho Estadual de Cultura

Nídia Licia P. Cardoso

Presidente da Comissão Estadual de Teatro

Dr. Raul de Polillo

Presidente da Comissão Estadual de Jornal, Rádio e Televisão

Sr. Ivo Zanini

Presidente da Comissão Estadual de Artes Plásticas

Dr. José Pedro Leite Cordeiro

Presidente da Comissão Estadual de Filatelia e Numismática

Dr. Waldemar Seyssel

Presidente da Comissão Estadual de Circos

Dr. Alois Elmerich

Presidente da Comissão Estadual de Danças

Maestro Souza Lima

Presidente da Comissão Estadual de Música

Dr. Francisco Marins

Presidente da Comissão Estadual de Literatura

Dr. Heraldo Barbuy

Presidente da Comissão Estadual de Ciências Humanas

Dr. Alceu Maynard de Araujo

Presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato

Dr. Walter Wey

Dr. Leonilda Padula

Sr. Nilo Scalzo

Coordenador Das Programações Comemorativas

Da Semana De Arte Moderna de 1922

[publicidade Ribeiro Publicidade e Editora LTDA ao fim da página]

--

(Programação 5 de maio de 1972)

[capa]

TEATRO MUNICIPAL

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

[contracapa]

[publicidade]

Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Promoção do

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo

Conselho Estadual de Cultura

com colaboração da
Prefeitura Municipal de São Paulo
Secretaria de Educação e Cultura
Departamento de Cultura

Apresentador:
Dr. SILVEIRA PEIXOTO

[publicidade Joalheria Casa Castro ao fim da página]

[publicidade Casa Ricardo S.A e Auditório Itália na página seguinte]

QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL

GINO ALFONSI
1º violino

ALEXANDRE SCHAFFMAN
2º violino

JOHANNES OELSNER
Viola

CALIXTO CORAZZA
Violoncelo

Em 1935, na cidade de São Paulo, sendo Prefeito o Exmo. Sr. Dr. Fábio da Silva Prado, fundou-se o Departamento de Cultura, ideado, organizado e então dirigido por Mário de Andrade. Sendo Mário de Andrade musicólogo e sociólogo, uma das suas primeiras realizações foi organizar conjuntos de câmara resultando assim a existência do Quarteto "Hayn", hoje QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL, sendo componentes Gino Alfonsi (1º violino), Alexandre Schaffmann (2º violino), Johannes Oelsner (Viola) e Calixto Corazza (Violoncelo). Logo em seus primeiros recitais foi possível perceber a excelência dos quatro executantes. Em pouco tempo o "Quarteto de Cordas Municipal" projetou-se nacionalmente.

O Quarteto de Cordas Municipal apresentou-se várias vezes na Capital do País, visitou diversas capitais de outros Estados, e, em fevereiro de 1950, a convite do Governo francês, esteve em Paris onde obteve grande sucesso, tendo realizado ainda, quando de regresso, concertos na Itália. Disse N. Castel do "Paroles Françaises" de Paris: "O Quarteto de São Paulo apresentou-se ao público de Paris executando Beethoven, Debussy e Villa-Lobos. Magníficas realizações, belas execuções muito

[publicidade DISC JOQUEI ao fim da página]

[publicidade CASAS PERNAMBUCANAS na página seguinte]

[publicidade Restaurante ZILLERTAL no início da página]

Quarteto de Cordas Municipal - continuação

cuidadas e profundas, trabalho minuciosamente equilibrado. Este conjunto, que possui expressões calorosas e arco notavelmente disciplinados, pode rivalizar-se com os grandes quartetos de reputação mundial. A obra de Villa-Lobos é cheia de dificuldades rítmicas, cada movimento é muito característico e sua execução exige intérpretes de grande classe".

Em dezembro de 1959, a convite do Governo da República Federal de Bonn, o Quarteto de Cordas Municipal seguiu novamente para a Europa, em "tournee" artística.

Esta fase foi iniciada com dois concertos a bordo do vapor em que viajava, salientando músicas brasileiras e cujos aplausos recebidos mais incentivaram os quatro músicos para a série de apresentações que haviam preparado.

Em Gênova, o crítico Leopoldo Gamberini assim se expressou: "... antes de mais nada devemos dizer que a sonoridade deste Quarteto é estupenda".

Na Alemanha, na cidade de Colônia, gravaram para a "Westdeutscher Rund-funk" o 3º Quarteto de Cláudio Santoro e o 11º de Villa-Lobos.

Em Bonn, divulgaram o Quarteto de Carlos Gomes e o 13º de Villa-Lobos. Foram divulgadas também composições de Francisco Mignone, Camargo Guarniere e Souza Lima.

Percorreram, ainda, em companhia do pianista Hamele Semann as cidades de Hamburgo, Bremen, Berlim, Baden-Baden e Stuttgart. Retornaram ao Brasil vitoriosos, trazendo como bagagem as melhores referências de críticos renomados.

De longa data é indubitavelmente o melhor conjunto do gênero em todo o País.

[publicidade Massey Ferguson ao fim da página]

São Paulo, 3 de maio de 1972 - às 21 horas

Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922

Promoção do GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
Comissão Estadual de Cultura

em colaboração com o Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura Prefeitura do Município de São Paulo

PROGRAMA

ABERTURA - Palavras sobre o significado da "Semana de Arte Moderna de 1922" a cargo do DR. SILVEIRA PEIXOTO

1ª PARTE

VILLA-LOBOS:
TERCEIRO QUARTETO
- Allegro giusto
- Sherzo satírico (pipocas e potocas)
- Adagio
- Allegro con brio

pelo QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL integrado por:
Gino Alfonsi - 1º violino
Alexandre Schaffmann - 2º violino
Johannes Oelsner - Viola
Calixto Corazza - Violoncelo

[publicidade meridional ao fim da página]

[publicidade restaurante Mexilhão no início da página seguinte]

Apresentação da pianista

GUIOMAR NOVAES

E. Blanchet AU JARDIN DES VIEUX SERAIL
Villa-Lobos O GINETE DO PIERROZINHO
C. Debussy LA SOIRÉE DANS GRENADE
C. Debussy MINSTRELS

2ª PARTE

CORAL PAULISTANO

do Departamento Municipal de Cultura
sob regência do

MAESTRO TULLIO COLACIOPPO

Francisco Mignone CATERETÊ
Camargo Guarnieri EGBEGY
Ascendino Theodoro Nogueira CANTAI O "GOL" EM CORAL
Texto de Tito Battini
Oswaldo Lacerda Fuga Proverbial
Dinorah de Carvalho OU - LÊ - LÊ - LÊ
Sérgio Vasconcellos Corrêa CATIMBÔ
Souza Lima AS ÁRVORES DO MEU QUINTAL

[publicidade Casa Lemeke ao fim da página]

[imagem] GUIOMAR NOVAES

Guiomar Novaes constitui a glória máxima do Brasil como concertista-intérprete. Seu legendário prestígio nas Américas se prolonga por várias décadas - linha cuja curva ascensional os anos só conseguem acentuar. Não há platéia que se mantenha imune ao influxo poético de sua arte. O renome justíssimo ela o construiu sôzinha, ao lado de Octávio Pinto, seu marido, cujo apôio e grata memória traz sempre vivos em seu coração.

Discípula do insigne Luigi Chiaffarelli, menina-prodígio em São Paulo, Guiomar Novaes trasladou-se a Paris, onde no Conservatório, cumpriu fulgurantes provas de habilitação, assombrando círculos musicais e a banca examinadora, da qual faziam parte, entre outros, Debussy, Fauré, Moszkowsky. A jovem pianista foi classificada em primeiro lugar, por unanimidade, entre 388 concorrentes. O próprio Debussy, em carta a André Caplet, proclamou-a "a mais artística personalidade, entre tôdas que ouvi", e que "ela possui tôdas as qualidades duma grande artista; olhos que são transportados pela música e o poder de profunda concentração, tão raro nos intérpretes".

Aos dezesseis anos, Guiomar Novaes estreou sensacionalmente em Paris e Londres, iniciando carreira pontuada de sucessos fabulosos. Proclamaram-lhe os críticos o brilhantismo da técnica, a maturidade interpretativa. Sucederam-se concertos com orquestras e recitais em Londres, Paris, Berlim, Genebra, Lausanne, Milão, Turim. Dois anos após, triunfou em Nova York. "The New York Times" escreveu: "Nem tôdas as gerações ouvem uma Guiomar Novaes".

Triunfos se sucederam, como ondulações concêntricas que se propagam por sua natural força expansiva.

Guiomar Novaes é, pois, a grande embaixatriz na nossa música.

[publicidade Casa Bayard ao fim da página]

TÚLIO COLACIOPPO [imagem]

Paulista de nascimento, fêz seus estudos musicais com o Maestro Sisto Mechetti. Posteriormente estudou clarineta com o Maestro Antonio Romeu, Harmonia com o Maestro A. Franceschini; Estética e Apreciação Musical com o Maestro Alberto Marino e regência com o Maestro João Sepe.

Empreendeu viagem à Europa, onde apresentou-se com êxito. Na Itália, França, Suíça e Espanha, fêz cursos de especialização e participou de inúmeros concursos de regência. Nessa ocasião recebeu orientação dos maestros Petrasso (composição) e Fernando Previtali (regência).

Atualmente é Diretor do Conservatório Musical de Santana. É também professor de harmonia, contraponto, fuga, composição, orquestração e regência no curso superior de música da Faculdade de Música Sagrado Coração de Jesus".

É regente do Coral Paulistano do Departamento Municipal de Cultura.

Atualmente faz parte da Comissão Estadual de Música do Conselho Estadual de Cultura da Secretaria de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo.

[publicidade Salão de Chá e restaurante ao fim da página]

COMISSÃO ORGANIZADORA DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Presidente:

Dr. Pedro de Magalhães Padilha

Secretário de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo

Membros:

Dr. Paulo Lebeis Bomfim

Diretor Técnico do Conselho Estadual de Cultura

Nídia Licia P. Cardoso

Presidente da Comissão Estadual de Teatro

Dr. Raul de Polillo

Presidente da Comissão Estadual de Jornal, Rádio e Televisão

Sr. Ivo Zanini

Presidente da Comissão Estadual de Artes Plásticas

Dr. José Pedro Leite Cordeiro

Presidente da Comissão Estadual de Filatelia e Numismática

Dr. Waldemar Seyssel

Presidente da Comissão Estadual de Circos

Dr. Alois Elmerich

Presidente da Comissão Estadual de Danças

Maestro Souza Lima

Presidente da Comissão Estadual de Música

Dr. Francisco Marins

Presidente da Comissão Estadual de Literatura

Dr. Heraldo Barbuy

Presidente da Comissão Estadual de Ciências Humanas

Dr. Alceu Maynard de Araujo

Presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato

Dr. Walter Wey**Dra. Leonilda Padula****Sr. Nilo Scalzo**

Coordenador Das Programações Comemorativas Da Semana De Arte Moderna de 1922

[publicidade VIOLÃO DEL VECCHIO ao fim da página]

--

(Programação 30 de maio de 1972)

[capa] [imagem]

TEATRO MUNICIPAL**PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO****DISTRIBUIÇÃO GRATUITA**

[contracapa]

[publicidade KLM]

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

Secretaria de Cultura, Esporte e Turismo

Conselho Estadual de Cultura

Comissão Estadual de Dança

Prefeitura Municipal de São Paulo

Secretaria de Educação e Cultura

Departamento de Cultura

e

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE SÃO PAULO apresentam**2º CONCERTO EXTRAORDINÁRIO**

em comemoração ao

Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922

TEMPORADA 1972

Regente: SOUZA LIMA

Solista: SEBASTIAN BENDA

Bailado: CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

[publicidade Joalheria Casa Castro ao fim da página]

[publicidade Casa Pernambucanas na página seguinte]

SOUZA LIMA

João de Souza Lima nasceu na cidade de São Paulo. Iniciou seus estudos musicais aos quatro anos de idade, sob a orientação de seu próprio irmão, José Augusto de Souza Lima. Algum

tempo depois, passou a aperfeiçoar-se com Luigi Chiaffarelli, responsável pela formação pianística de grandes artistas brasileiros, entre os quais Guiomar Novaes e Antonietta Rudge. Estudou Harmonia e Composição com Agostinho Cantú. Aos dezesseis anos de idade, já se apresentara com muito sucesso em São Paulo e Rio de Janeiro e obtivera dois prêmios em Concurso de Composição.

Souza Lima teve ocasião de atuar, como pianista e compositor, para o grande mestre de composição Xavier Leroux, em reunião na famosa Vila Kyrial, do Senador José de Freitas Valle. Leroux ficou a tal ponto entusiasmado, que se ofereceu para tomar sob a sua direção os estudos do jovem artista em Paris, cidade em que vivia, pois aqui estava somente de passagem, para dirigir o quadro francês na Temporada de Ópera.

Freitas Valle, interpelado no sentido de promover a concessão de uma bolsa de estudos para esse fim, atendeu o apelo, e Souza Lima pôde apresentar-se no Conservatório de Paris, para o concurso de admissão, tendo sido classificado em 1º lugar entre os 273 candidatos para as três vagas existentes.

Durante os onze anos em que residiu em Paris, foi aluno de Philipp e de Marguerite Long, que o considerava seu filho espiritual. Recebeu ainda aulas de Égon Petri, pianista famoso, aluno de Busoni. Estudou Música de Câmara, com Camille Chevillard e Paul Paray; História da Música, com Maurice Emmanuel; Harmonia e Composição, com Eugène Cools; Harmonia, órgão e Cantochão, com Eugène Gigout e Regência, com Camille Chevillard.

[publicidade Meridional ao fim da página]

[publicidade Restaurante Mexilhão no início da página]

SOUZA LIMA - continuação

O pianista Souza Lima alcançou, em 1922, o 1º Prêmio de Piano no Conservatório de Paris, recebendo, então, um grande piano de cauda; em 1923, concorreu, com dezenove pianistas, obtendo o lugar de solista dos <Concerts Colones>, de Paris; em 1926, substituiu Marguerite Long, <de quem fora aluno predileto>, na sua classe do Conservatório de Paris; estudou com Mne. Debussy toda a obra pianística de Claude Debussy e com Maurice Ravel, toda a sua produção para piano; em “tournées” artísticas, percorreu França, Itália, Suíça, Bélgica, Alemanha, Norte da África, Argentina, Uruguai e Brasil do Amazonas ao Rio Grande do Sul.

O camarista Souza Lima apresentou em São Paulo, juntamente com o violinista Ricardo Odnoposoff, o ciclo integral das Sonatas de Beethoven; colaborou com o célebre Quarteto Léner e com o violista William Primrose; foi pianista do “Trio São Paulo”, do Departamento Municipal de Cultura, durante dez anos.

O compositor Souza Lima viu diversas obras suas premiadas em concursos de composição: “O Rei Mameluco”, poema sinfônico para grande orquestra, obteve o 1º Prêmio em concurso do Departamento Municipal de Cultura de São Paulo, em 1937: “Poem of the Americas”, obteve a 1ª Menção Honrosa no concurso sinfônico organizado por Henry Reichold, nos Estados Unidos. Além disso, escreveu por solicitação da Comissão do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo, o bailado “Fantasia Brasileira”.

O regente Souza Lima foi fundador e diretor da Orquestra de Câmara da Sociedade de Cultura Artística de São Paulo; foi fundador e titular da Orquestra Sinfônica Estadual de São Paulo; é regente titular da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo; tem dirigido inúmeras vezes a Orquestra Sinfônica Brasileira e a Orquestra Municipal do Rio de Janeiro, bem como concertos sinfônicos no Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia.

[publicidade VIOLÃO DEL VECCHIO ao fim da página]

SEBASTIAN BENDA [imagem]

O pianista Sebastian Benda descende de uma família de músicos cujas origens remontam ao século XVIII.

Aos treze anos, ao se apresentar em Genebra, conceituado crítico da “tribune de Genève” assim se manifestou: “Sebastian Benda foi uma revelação; sua extraordinária maturidade e compreensão do estilo mozartiano impressionaram a todos profundamente”.

Aos dezoito anos, após haver seguido os cursos de Harmonia, Contraponto, História, Música de Câmara e Piano, no Conservatório de Música de Genebra, Sebastian Benda conquistou o “Prix de Virtuosité”, a mais alta distinção daquela célebre instituição. Ao mesmo tempo, estudou Composição com Frank Martin, no “Technicum Moderne de Musique”, em Genebra.

Participou do “Master-Course”, ministrado por Edwin Fischer, no Conservatório de Música de Lucerna, assim como dos Cursos Internacionais do Festival de Lucernas.

Edwin Fischer, seu mestre durante cinco anos, convidou-o para piano e orquestra de Bach e Mozart que deveria reger. Além disso, chamou Benda para participar de um filme sobre as Semanas Internacionais de Música de Lucerna.

A convite de Wolfgang e Wieland Wagner, executou obras de Liszt no Steinway de Richard Wagner, por ocasião do concerto inaugural da Sociedade Internacional Wagner, no “Festival Hall” no Novo Castelo de Bayreuth.

Vários compositores da atualidade confiaram a Benda a primeira execução de suas obras, pois é sabido e especial carinho que esse pianista dedica à Música Contemporânea.

Benda já se apresentou em 32 países da Europa, Ásia e América, onde os críticos de arte tem-lhe reservado lugar de destaque entre os intérpretes da atualidade.

Em Londres, quando se apresentou pela primeira vez, com três recitais no “Wigmore Hall”, foi distinguido logo em seguida com a “Medalha Bach”, conferida pelo “Harriet Cohen International Music Awards” dessa cidade.

Benda, que também vem atuando como pedagogo, tanto no Brasil como no exterior, deu cursos nas seguintes entidades: Seminários de Música da Universidade Federal da Bahia, Cursos Internacionais de Férias da Pró-Arte (Terésopolis), Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Artes da Universidade Federal de Santa Maria, Juventudes Musicais do Canadá, Universidade de Buenos Aires, Rubin Academy de Jerusalém, Universidade Musashino de Tóquio e Instituto Ribaupierre de Lausanne.

Este ano, Benda gravou na Europa, para a “Vox”, um long-playing contendo a “Balada para o piano e orquestra”, de Frank Martin, sob a regência do autor.

São Paulo, 30 de maio de 1972 - às 21 horas

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo
Comissão Estadual de Cultura
Comissão Estadual de Dança

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO
Secretaria de Educação e Cultura
Departamento de Cultura
e

ORQUESTRA FILARMÔNICA DE SÃO PAULO apresentam
2º CONCERTO EXTRAORDINÁRIO em comemoração ao
Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922

PROGRAMA

1ª PARTE

SOUZA LIMA

Concerto em Lá menor, para Piano e Orquestra
(1ª execução mundial)

I. Allegro enérgico

II. Scherzo
III. Allegro rude (Final).

Solista: SEBASTIAN BENDA

[INTERVALO]

2ª PARTE

HEITOR VILLA-LOBOS

Uirapurú

Coreografia de Johnny Franklin

Cenários e Costumes de Francisco Giaccheri

A índia caçadora ... Lia Marques

O índio Feio Joacir Rodrigues (Durval Dupeca)

O índio Bonito (Uirapurú) Sidney Astolfi (Hamilton Velloso)

índias Márcia Arabian, Lúcia Carneiro, Vera-Lúcia Consorte, Cleusa Dias, Elenice Ferreira,

Léa Havas, Yara Ludovico, Esmeralda Monteiro, Eloá Moreno, Valdivia Rangel, Leila Sanches,

Raquel Strada, Lilian Schmidt, Vera Lúcia Torres.

CORPO DE BAILE DO TEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO ORQUESTRA FILARMÔNICA DE SÃO PAULO

Regente: Souza Lima

Próximo concerto social

1º turno - quarta-feiras, dia 7, às 21 hrs.

Regente Souza Lima

2º turno - quinta-feira, dia 8, às 19,30hr.

Solista: violoncelista JANOS STARKER

[imagem] JOHNNY FRANKLIN

Johnny Franklin nasceu em São Paulo, onde iniciou seus estudos de bailado com Mme. Olenewa. Posteriormente, trabalhou com Igor Schezoff, Nina Vercinina e Tatiana Leskova, entre outros.

Johnny Franklin, 1º bailarino do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, consagrou-se inteiramente à maravilhosa arte do bailado.

Dirigiu o “Ballet da Juventude” durante cinco anos, foi o responsável pela coreografia de “My Fair Lady” e outros musicais apresentados no Brasil.

Organizou o Corpo de Baile do Theatro Municipal de São Paulo a convite do Brigº José Vicente de Faria Lima.

[publicidade Restaurante Zillertal no fim da página]

LIA MARQUES [imagem]

Lia Marques, grande vocação artística, iniciou seus estudos de bailado ainda muito pequena, com Vaslav Veltcheck, prosseguindo-os com Mme. Olenewa e Marília Franco. Recebeu o título de 1ª bailarina do Teatro Municipal de São Paulo.

Em 1954, ingressou como 1ª bailarina no “Ballet do IV Centenário”, tendo sob sua responsabilidade papéis de grande envergadura. Nessa mesma época, apresentou-se no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, recebendo da crítica as mais calorosas manifestações.

Quando o “London’s Festival Ballet” teve em São Paulo, Lia Marques aproveitou a oportunidade para ter algumas aulas com o famoso bailarino e coreógrafo inglês Anton Dolin, Diretor-Artístico do conjunto. Apresentou-se também à Mme. Bronislawa Nijinsky, durante a temporada paulista do “Ballet Marquês de Cuevas”.

Em 1958, interpretou diversos papéis do repertório clássico, entre eles “Quebra-Nozes”, “Dom Quixote” e “Cisne Negro”.

Em 1960, foi convidada a participar da temporada oficial de bailados, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro dançando sob a direção do coreógrafo dinamarquês Harold Lander.

Recebeu o “Prêmio Anna Pawlova” como melhor bailarina (1961) e como melhor bailarina clássica-dramática (1962). Em 1966, foi distinguida como a “Professora do Ano”. Em 1967 participou da Temporada Lírica Oficial de São Paulo, atuando em “Aída”, “La Sonnambula” e “Il Guarany” sob a direção coreográfica de Johnny Franklin.

Em 1968, a convite do Sr. Secretário de Educação e Cultura da Municipalidade, colaborou na organização do Corpo de Baile do Teatro Municipal e, posteriormente, a convite do Brig° Faria Lima, ocupou o cargo de Assistente de Coordenação Artística do referido conjunto.

[publicidade Massey Ferguson no fim da página]

REFERÊNCIAS AO PROGRAMA I por LAÍS DE CASTRO KAUFFMANN

CONCERTO EM LÁ MENOR, PARA PIANO E ORQUESTRA, DE SOUZA LIMA

O concerto em lá menor, para piano e Orquestra, de Souza Lima, foi escrito em 1965, por encomenda do Maestro Guilherme Espinosa, da União Pan-Americana, de Washington.

A obra, que será dada em primeira audição mundial consta de três movimentos.

O **Allegro enérgico**, 1º movimento, está estruturado nos moldes habituais, com dois temas, sendo o primeiro muito vivo e de figuração rítmica bem enérgica, contrastando com o segundo, todo o oposto, caracterizado por um ambiente vago, como uma improvisação, envolvido em harmonias e desenhos indefinidos e de colorido estranho. Depois do desenvolvimento trabalhado, onde o piano sempre assume preponderância e interesse instrumental de alta envergadura, surge a cadência, com volume sonoro de grande efeito.

O **Scherzo**, 2º movimento, é uma página de características curiosas, cheia de fórmulas pianísticas muito típicas e sempre dentro de um ambiente um tanto fantástico. Neste movimento aparece uma parte lenta, calma, contrastando com o início, de maneira muito oportuna, em ritmo indeciso, harmonias serenas, baseadas num pedal harmônico obstinado. Volta o ritmo inicial, em reexposição, para terminar com dois bizarros e violentos acordes.

O **Allegro rude**, movimento rítmico, rico de efeito orquestral, inicia-se com acordes rudes e pesados, que preparam a entrada de uma parte definida, espécie de “toccata”. Nesse movimento, o piano tem ocasião para as mais exuberantes demonstrações. O tema principal apresenta colorido de sabor nordestino. As fórmulas rítmicas são, por vezes, bem novas, sem todavia predominarem. O Concerto conclui após pequena cadência, com um possante acorde final.

N.R. - Os dados referentes ao “Concerto em Lá menor” foram-nos confiados pelo seu próprio autor.

UIRAPURU DE HEITOR VILL-LOBOS

Há cinquenta anos, inaugurava-se, no Teatro Municipal de São Paulo, a Semana de Arte Moderna, movimento que rompeu com todo um passado e trouxe uma nova maneira de ser para as diversas artes.

Entre os modernistas, como eram chamados os artistas participantes daquela jornada, estava um músico carioca, que apesar de jovem - ele tinha então trinta e cinco - já trazia em sua bagagem artística obras definitivas. Era Heitor Villa-Lobos, a explodir brasilidade.

Exemplo disso é o seu poema sinfônico Uirapuru, composto em 1917, apresentado também sob forma de bailado.

O argumento de autoria do próprio Villa-Lobos, inspira-se na lenda amazônica do uirapuru, pássaro encantado que traz felicidade aos negócios e ao amor.

Contam que toda noite, na Floresta Amazônica, o Uirapuru vem maravilhar os moradores da região, com seu canto fascinante.

Mas certa vez, um grupo de jovens índias, em busca do famoso pássaro, encontram-se por entre a mata espessa um índio muito feio e velho, que toca uma flauta. Decepcionadas com sua aparência, as jovens índias o maltrataram sem piedade.

Surge então a índia Caçadora, que ao ouvir o canto do Uirapuru alcança-o imediatamente, atingindo-o em pleno coração com uma flechada.

Para surpresa de todos, o pássaro se transforma num lindo homem, muito jovem, verdadeira figura de sonhos.

[publicidade Salão de Chá restaurante no fim da página]

As outras índias se aproximam da índia Caçadora e do índio Bonito (Uirapuru); quando ouvem tocar a flauta do índio Feio. Pensando que ele tivesse vindo para se vingar, as jovens procuram se esconder, levando junto o índio Bonito. Mas, mesmo assim, ele é atingido pela flecha do índio Feio. Pensando que ele tivesse vindo para se vingar, as jovens procuram se esconder, levando junto o Índio Bonito. Mas, mesmo assim, ele é atingido pela flecha do Índio Feio.

As índias, para salvar o ferido, carregam-no até a beira do lago, onde ele se transforma novamente no belo Uirapuru, que daí por diante se torna invisível, mas seu canto, tal qual uma lancinante profecia, pode ser ouvido na imensa floresta.

Um violento glissando descendente das madeiras, celesta, piano, xilofone e violinos, em perfeito equilíbrio com um glissando ascendente do fagote, cordas graves e trombones, conduz à introdução do bailado. Ela é construída sobre dois elementos, que se repetem uma vez cada um.

O primeiro elemento se constitui num movimento de marcha, que se perde em síncopas, do qual se destaca o tema do Uirapuru, todo nostalgia e lirismo; o segundo elemento é uma cadência livre, que representa a flauta do índio Feio.

A resposta desse segundo elemento é um ritmo rápido, entrecortado e contrariado por síncopas, sobre o qual se constrói uma variação do nostálgico tema do início. Em trinta e dois compassos, toda essa matéria vai ganhando corpo, inflama-se e conduz a uma reexposição integral dos dois elementos, sendo que desta vez o tema da flauta é executada pelo saxofone.

Surge, então, o canto do pássaro. Ao contrário do que acontece normalmente num desenvolvimento, o primeiro tema se apresenta na sua forma mais pura. Xilofone, piano, oboé, baixos murmurantes e indistintos emolduram a melodia da flauta que representa o pássaro.

O segundo desenvolvimento se faz anunciar. Por duas vezes, uma variação se apodera do tema. Novamente surge o pássaro. Tem início o segundo ato do drama. É a “morte e transfiguração” do Uirapuru que se vai consumir numa espécie de longo pedal de celeste e herpa. Um glissando de herpa simboliza a queda do pássaro, ferido de morte pela flecha da índia Caçadora.

As cordas graves, executando o motivo nostálgico inicial, delineiam pouco a pouco a presença do Uirapuru, então metamorfoseado no jovem índio Bonito. O tema do pássaro reaparece no oboé, transfigurado em variação mais luminosa, enquanto que ao redor a Floresta murmureja sem cessar.

No início do terceiro ato, estamos diante do “Passo do índio Uirapuru”, longa página de bravura coreográfica, que se conclui por um vertiginoso glissando de harpa. O índio Feio volta, atira a sua flecha e condena o pássaro ao eterno exílio. Um verdadeiro carrilhão de herpa e celesta, sobre breve mas grandioso tema, onde a figura do índio Feio com sua flauta se faz representar, vai ligar esta segunda morte do Uirapuru ao lamento das jovens índias. É então que Villa-Lobos coloca na partitura um violonofone, que com seu timbre irreal vem trazer à obra novas dimensões sonoras.

Após um uníssono de Sol nas duas vozes de contrabaixos e um “pizzicato” de tímpanos e harpa, o silêncio se estende por toda a orquestra.

[publicidade Casa Bayard no fim da página]

COMISSÃO ORGANIZADORA DA SEMANA DE ARTE MODERNA

Presidente:

Dr. Pedro de Magalhães Padilha

Secretário de Estado dos Negócios da Cultura, Esportes e Turismo

Membros:

Dr. Paulo Lebeis Bomfim

Diretor Técnico do Conselho Estadual de Cultura

Nidia Licia P. Cardoso

Presidente da Comissão Estadual de Teatro

Dr. Raul de Polillo

Presidente da Comissão Estadual de Jornal, Rádio e Televisão

Sr. Ivo Zanini

Presidente da Comissão Estadual de Artes Plásticas

Dr. José Pedro Leite Cordeiro

Presidente da Comissão Estadual de Filatelia e Numismática

Dr. Waldemar Seyssel

Presidente da Comissão Estadual de Circos

Dr. Alois Elmerich

Presidente da Comissão Estadual de Danças

Maestro Souza Lima

Presidente da Comissão Estadual de Música

Dr. Francisco Marins

Presidente da Comissão Estadual de Literatura

Dr. Heraldo Barbuy

Presidente da Comissão Estadual de Ciências Humanas

Dr. Alceu Maynard de Araujo

Presidente da Comissão Estadual de Folclore e Artesanato

Dr. Walter Wey

Dra. Leonilda Padula

Sr. Nilo Scalzo

Coordenador Das Programações Comemorativas Da Semana De Arte Moderna de 1922

[publicidade Casa Lemcke ao fim da página]

COMPONENTES DA ORQUESTRA FILARMÓNICA DE SÃO PAULO

Primeiros violinos

Elias Slon - Spalla

Caetano Domingos Finelli - Concertino

Alejandro Ramirez de Vicente

Renée Cristina Funoll

Ricardo Morato de Carvalho

Ludmila Vinecka

Marcelo Stern

Laura Razza de Sanctis

Oswaldo José Sbarro

Herta Ilse Jahnke

Frederico Ricardo M. Barreto

José Eduardo Gramani

Guilherme Kruger Neto

Romeo Cadioli

Segundos Violinos

Juan Carlos Sarudiansky - Principal

Karol Balaz

German Wajnrot

Eugenio Sabbatini

Barbara Forster Correia

Jean Rigó

Tamas Rigó

Hélio Engholm

Shinobu Salto

Tosio Takeda

Dante Zanolli

Henrique Brucolli

Violas

Michel Werebes

Marilia Pini

Giovani Paolo Mommo

Adriana Ribeiro de Grande

Carlos Jurandir Almeida

Perez Dworecki

Edith Perenyi

Bela Mori

Violoncelos

Françoise Vetter

Pavel Mestka

Flabio Russo

Angel Raovitha A. Metzler

Mi Kyung Kim

Walrigo Patucchi

Antonio Lauro Del Claro

Frederico Capella

Contrabaixos

Wlastimil Prochaska

Wladimir Adamsky

Tibor Reisner

Juvenal Jelba Amaral

Sandor Molnar Junior Alfredo Corazza

Flautas

David Evans

Antonio Carlos Moraes Dias
Julia D. Older Hug

Oboés

Hector A. Stagno
Vaclav Vinecky
Cleon de Oliveira

Clarinetas

Peter Cap
Daniel Blech
Jaroslav Smejkal

Clarone

Antonio Bove

Fagotes

Frédéric Louis Raymond
José Antônio da Cunha

Contrafagote

Abramo Garini

Trompas

Daniel Havens
Judith Ann McCathern
Kathy Havens
Karel Smejkal
Wladmir Kramar

Trombones

Jerry McCathern
Harold Paladino
Gilberto Francisco Siqueira

Tuba

Donald Smith

Tímpanos e Percussão

Arnaldo Calusio
Claudio Stephan
Elizabeth Del Grande
Oswald D'Alessandro
Edely Patané D'Alessandro

Piano e Teclado

Olegs Kuznecov

Harpa

Santa Borelli Valentini

Redação Musical

Lais de Castro Kauffmann

1982

Encarregado da Orquestra e Arquivo

Juan Carlos Sarudiansky

Montagem

Felix Rodrigues

Auxiliar

José Máximo Filho

[capa]

SEMANA DE 22/ SEMANA 82

[duas fotografias panorâmicas da cidade de São Paulo em 22 e em 82]

Prefeitura do Município de São Paulo
Administração Reynaldo de Barros

Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Mário Chamie

[contracapa]

SEMANA DE 22 / SEMANA DE 82

A Semana de Arte Moderna completa, em 1982, sessenta anos. Dela se poderia dizer que os seus efeitos e conseqüências suplantaram os seus propósitos. Limitada basicamente a objetivos artísticos e literários, a atuação dos seus realizadores repercutiu em todas as áreas e tendências culturais, políticas e sociais do País.

Com o passar do tempo, a Semana, contra o risco de se converter num fato isolado e elitista, ganhou dimensões nacionais, influenciando correntes da inteligência brasileira às vezes dividida, outras vezes contraditória e quase sempre unificada nas manifestações de sua força criadora.

Antes de 22 o Brasil era um; depois de 22 o Brasil é outro em sua literatura, em suas artes plásticas, em sua música, no seu cinema, em seu jornalismo e em sua história. Por isso, qualquer retrospectiva que se faça da Semana de 22 não deve esgotar-se na pura comemoração do acontecimento. Transcorridos sessenta anos, mais do que a celebração, cabe-nos rever os caminhos de sua força e os equívocos de sua possível fraqueza.

O lugar legítimo dessa revisão é, por direito de origem, o Teatro Municipal de São Paulo. Nas mesmas escadarias, no mesmo palco, na mesma platéia, estaremos reencontrando fotos, painéis, documentos, perfis, esculturas, peças musicais e filmes que nos resgatam 22 para a análise e a avaliação atual de 82.

Chamemos esta mostra, também, de Semana 82, pois estaremos às vésperas da inauguração do Centro Cultural de São Paulo que, a exemplo do Municipal de ontem, prepara hoje a transformação cultural da cidade e do País.

Mário Chamie
Secretário Municipal de Cultura

PROGRAMAÇÃO

Exposição / de 12 de fevereiro a 8 de abril de 82

Projeção de filmes

Programa A / *A Semana de 22*, de Geraldo Sarno (54´)

Programa B / *Acaba de chegar ao Brasil o Bello Francez*, de Carlos Augusto Calil (48´)

Programa C / *O que foi o carnaval de 1920*, de A. Botelho (10´)

A exposição da independência, de Roberto Kahané (17´)

Dez jingles para Oswald de Andrade, de Rolf Luna da Fonseca (12´)

Victor Brecheret, de Plácido Campos Junior (10´)

Menotti, de Eli Politi (10´)

Sessões

dia 12/02 19h / Programa A

dia 13/02 16h / Programa B
18h / Programa C

dia 14/02 16h / Programa A
18h / Programa B

dia 15/02 16h / Programa C
18h / Programa A

dia 16/02 16h / Programa B
18h / Programa C

dia 17/02 16h / Programa A
18h / Programa B

dia 18/02 16h / Programa C
18h / Programa A

dia 19/02 16h / Programa B
18h / Programa C

Espectáculos Musicais

dia 12/02 21 horas / Duo Violoncelo e piano
Antonio Lauro Del Claro e Gilberto Tinetti .

dia 13/02 21 horas / Recital canto e piano
Adélia Issa, Anna Maria Kieffer e Achille Guido Picchi.

dia 14/02 21 horas / Quarteto de Cordas Municipal
Maria Vischnia, Uwe Kleber, Marcelo Jaffé e Zygmunt Kubala.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Agradecimentos

Menotti del Picchia (fotos e esculturas)

Instituto de Estudos Brasileiros - U.S.P. (foto de "A Estudante Russa")

Embrafilme
Museu da Imagem e do Som de São Paulo
Filmoteca Shell.

Material

Acervo da Secretaria Municipal de Cultura (Biblioteca de Arte, Discoteca e Biblioteca de Música, Biblioteca Mário de Andrade, Divisão de Iconografia e Museus, Teatro Municipal) e do Gabinete do Senhor Prefeito do Município.

DEPARTAMENTO DE TEATROS

DEPARTAMENTO DE INFORMAÇÃO E DOCUMENTAÇÃO ARTÍSTICAS

1911 TEATRO MUNICIPAL 1982

SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82

SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22

SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82

14/fevereiro 82/domingo/21 hr.

Concerto de Música de Câmara

a cargo do

QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL DE SÃO PAULO

integrantes:

MARIA VISCHNIA (1º violino)

UWE KLEBER (2º violino)

ZYGMUNT KUBALA (violoncelo)

Programa

1ª Parte

Oswaldo Lacerda (1927)

LIDIO

Camargo Guarnieri (1907)

QUARTETO N° 2 (1944)

- Enérgico

- Nostálgico

- Allegro

2ª Parte

Heitor Villa-Lobos (1887 - 1959)

QUARTETO N° 1

- Cantilena

- Brincadeira

- Canto Lírico

- Cançonetta

- Melancolia

- Pulando como um saci

Audio-Visual e Comentários: Prof. Paulo Ramos Machado

QUARTETO DE CORDAS MUNICIPAL DE SÃO PAULO

O Quarteto de Cordas Municipal de São Paulo situa-se entre os mais importantes e mais antigos conjuntos camerísticos da América Latina.

Atualmente o Quarteto é formado por Maria Vischnia, Uwe Kleber, Marcelo Jaffé e Zygmunt Kubala. Seus componentes foram integrados em 1979, por iniciativa da Secretaria Municipal de Cultura.

O Conjunto vem mantendo uma atividade artística das mais intensas, tendo se apresentado em todo o Brasil e em diversas Capitais da Europa.

Em 1980 foi considerado pela crítica de São Paulo como o melhor conjunto de câmara do ano. Em 1981 foi convidado para inaugurar o Festival Interamericano de Música da O.E.A., em Washington.

MARIA VISCHNIA (1º violino)

Iniciou seus estudos com Oscar Chiolo. Posteriormente, no Conservatório de Paris, estudou com Janine Andrade e Maurice Hewit, aperfeiçoando-se, depois, com Max Rostal, em Londres.

Entre os inúmeros prêmios que obteve destaca-se o 1º lugar no “Concurso Internacional Carl Flesch” de Londres.

Atuou como solista junto a importantes orquestras, entre elas a Royal Philharmonic, London Philharmonic, Sinfônica de Jerusalém e Sinfônica de Buenos Aires, sob a direção de regentes de fama internacional.

UWE KLEBER (2º violino)

Natural da Alemanha, começou seus estudos na Escola Superior de Música de Brannschweig. Em 1960 ingressou como 1º violino da Orquestra Estadual de Brannschweig.

Cursou a Escola Superior de Música de Colônia, tendo estudado com Max Rostal. Em 1970, integrou a Ópera de Krefeold como 1º violino e em 1972 foi convidado pelo Conservatório da cidade de Wildhok (África do Sul), tendo sido membro do Quarteto daquela cidade. Veio para o Brasil em 1974, convidado pela Filarmônica de São Paulo. Atualmente é professor da Escola Municipal de Música e concertino da Orquestra Sinfônica Municipal, em São Paulo.

MARCELO JAFFÉ (viola)

Iniciou seus estudos com seu pai Alberto Jaffé. Obteve o 1º prêmio nos seguintes concursos: Estadual da Secretaria de Educação da Guanabara (1970); Nacional de Música de Câmara da Universidade de Brasília (1977); Nacional da Escola de Música de Piracicaba e Jovens Solistas da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (1981).

Atuou várias vezes como solista e como camerista em diversas cidades do Brasil. Foi viola “spalla” da Orquestra Sinfônica Juvenil de São Paulo, passando a integrar posteriormente o quadro da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo.

ZYGMUNT KUBALA (violoncelo)

Obteve o mestrado de violoncelo na Academia de Música Frédéric Chopin de Varsóvia. Sob a orientação de Siegfried Palm e Paul Szabo, aperfeiçoou-se na Escola Superior de Música de Colônia (Alemanha). Tem se apresentado como recitalista e solista de orquestra nos grandes centros musicais da Polônia e do Brasil. As atividades docentes de Zygmunt Kubala incluem os

Festivais Internacionais de Música de Curitiba e Bahia, Escola de Belas Artes de Curitiba, Escola Municipal de Música de São Paulo e Departamento de Música da Universidade de São Paulo.

EXTRATOS DA CRÍTICA

... O Quarteto de Cordas Municipal de São Paulo na sua nova formação já nasce pronto. É potencialmente capaz para chegar ao nível da excepcionalidade.. (E. Squeff - Folha de São Paulo)

... O nível de cada um dos componentes é impressionante. O Quarteto de Heitor Villa-Lobos constituiu um verdadeiro milagre de colorido, combinações de timbres, sensibilidade romântica e sensualismo sonoro. A versão do Quarteto nº 1 constitui um cartão de apresentação triunfal em qualquer palco do mundo.. (E. Fridler - “El País” - Montevideu)

... O decisivo ataque e a grande sonoridade foram a marca dominante de um conjunto muito maduro... No Adagio do Quarteto de Schubert, a riqueza e a eloquência dos temas foram valorizados ao máximo... No Villa-Lobos os músicos se identificaram como parte integrante da obra e a música fluiu naturalmente nas experientes mãos do Quarteto... O vigoroso dueto entre o 1º violino e o violoncelo, que interrompe a solenidade do andante do Quarteto de Brahms, foi emocionantemente executado e os intérpretes puseram em grande evidência sua musicalidade na esplêndida atuação dos movimentos restantes da obra... (“The Daily Telegraph” - Londres)

... No Quarteto de Haydn, os executantes mostraram uma garra interpretativa que há muito não estávamos acostumados entre os quartetistas no Brasil. O Quarteto “Americano” de Dvorak foi executado gloriosamente, refletindo nessa inspirada partitura toda a beleza, colorido, polimento, suavidade, encanto e espontaneidade... (J. V. Oliveira - Diário Popular de São Paulo)

... O Quarteto Municipal de São Paulo acaba de apresentar, no Teatro São Luiz, em Lisboa, música de Villa-Lobos, Schubert e Brahms, arrancando grande aplauso da audiência pela alta qualidade de sua execução e admirável coordenação... (“O Dia” - Lisboa)

... O Quarteto Municipal de São Paulo acaba de se apresentar, com sonoridade cálida, energética, com excelente equilíbrio. Maria Vischnia toca com grande autoridade, fortemente apoiada pelo 2º violino. A execução do Quarteto de Schubert foi muito segura e atraente... No Quarteto de Villa-Lobos, o violista apresentou o seu solo com grande desenvoltura... Excelente execução desta deliciosa obra, que nos permitiu apreciar uma arcada profunda e ampla... (“Financial Time” - Londres)

... O Conjunto é de categoria e perfeito equilíbrio. Os seus componentes são instrumentistas de “classe” e alcançaram a imprescindível homogeneidade. Linda sonoridade em Schubert, poesia, singeleza e frescor em Villa-Lobos e ainda uma vigorosa interpretação de Brahms que resultou em calorosos aplausos do público, obrigando os artistas a executar, extra programa, um dos andamentos da obra de Villa-Lobos... (Joly Braga Santos - Diário de Notícias - Lisboa)

... O Quarteto de Cordas Municipal de São Paulo, executando o 1º Quarteto de Villa-Lobos em primeira audição em Milão, alcançou a perfeição, demonstrando um alto nível, não só na obra do compositor brasileiro, mas também no admirável Quarteto opus 125 nº 1 de Schubert e no complicadíssimo Quarteto opus 51 nº 2 de Brahms... (“La Notte” - Milão)

Prefeitura do Município de São Paulo
ADMINISTRAÇÃO REYNALDO DE BARROS
Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Mário Chamie
Departamento de Teatros

1911 TEATRO MUNICIPAL 1982

SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82
SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22
SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82

12/fevereiro 82/sexta/21 hs.

Recital de Violoncelo e Piano
a cargo de

ANTONIO DEL CLARO (violoncelo)
GILBERTO TINETTI (piano)

Programa

OBRAS DE HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

1ª Parte

ÁRIA DAS BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 5
(Transcrição para violoncelo e piano de 1938)

SONATA Nº 2 PARA VIOLONCELO E PIANO (1916)

- Allegro moderato
- Andante
- Scherzo
- Allegro vivace e sostenuto

2ª Parte

SIMPLES COLETÂNEA
(para piano solo)

- Valsa mística (1917)
- Em um berço encantado (1918)
- Rodante (1919)

CHOROS Nº 5 - ALMA BRASILEIRA - (1925)
(para piano solo)

BACHIANAS BRASILEIRAS Nº 4 (1930-1940)
(para piano solo)

- Prelúdio (Introdução)
- Coral (Canto do Sertão)
- Ária (Cantiga)
- Dança (Miudinho)

Audio-visual e Comentários: Prof. Paulo Ramos Machado

ANTONIO DEL CLARO

Nasceu em São Paulo, tendo iniciado os estudos musicais com seu pai, também violoncelista. Em 1966 passou a integrar a Orquestra Filarmônica de São Paulo. Em 1967 e 1972 recebeu o prêmio da APCT como o melhor solista jovem. Em 1971, a convite do Maestro Nono Bonavolontá, participou do curso "Verão Musical de Taormina", na Itália, onde prestou concurso nas classes de Radu Aldulescu (violoncelo) e Enrico Mainardi (música de câmara), classificando-se em primeiro lugar. Durante seis anos foi primeiro violoncelo solista da Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal de São Paulo. Em 1973 recebeu do Governo do Estado de São Paulo, uma bolsa de estudos que lhe permitiu embarcar para Paris, onde estudou com o violoncelista Robert Salles. Em 1974 mudou-se para Genebra, onde foi discípulo do consagrado violoncelista Pierre Fournier até 1976. Durante esse período, apresentou-se juntamente com a pianista Maria de Lourdes Imenes pela França, Suíça, Itália e Rio de Janeiro. De regresso ao Brasil foi convidado pelo Maestro e Compositor Camargo Guarnieri a ocupar o

lugar de primeiro violoncelo solista da Orquestra da Universidade de São Paulo. Em 1977 e 1978 participou do Festival de Inverno de Campos do Jordão como membro do corpo docente do Centro de Cultura Musical. Participou, em 1980, como Membro do Juri do II Concurso Internacional de Violoncelo de Aldo Parisot.

GILBERTO TINETTI

Intérprete de reconhecida seriedade, camerista de primeira linha e professor de altíssimo gabarito, o pianista Gilberto Tinetti vem desenvolvendo uma carreira, que desde o seu início, por volta de 1960 até hoje, não tem cessado de crescer.

Com amplo sucesso em todo o Brasil, em vários países da Europa, na América Latina e nos Estados Unidos, Tinetti pertence àquela estirpe de pianistas que buscam o resultado estético-musical antes de mais nada, colocando todos os meios técnicos e sonoros a serviço dessa incessante procura.

É natural de São Paulo, onde iniciou seus estudos com Hans Bruch; prosseguiu-os mais tarde na Europa com Magda Tagliaferro, Cortot e Friedrich Wuehrer, tendo sido premiado diversas vezes em concursos de piano: 1º prêmio no Concurso Magda Tagliaferro, 1957; 1º prêmio no Concurso da Academia Internacional de Verão do Mozarteum de Salzburgo - Áustria, 1959. Recebeu o prêmio "hors-concours" da Associação Paulista de Críticos Teatrais de São Paulo.

Como recitalista e solista, suas interpretações têm sido apreciadas e reconhecidas pelo público e pela crítica de vários países. Tem tocado com orquestra, sob a regência de maestros ilustres, no Brasil e no Exterior, tais como: Jean Fournet, Enrique Jordá, Volker Wangenheim, Edouard van Remoeteri, Theodor Fuchs, Olaf Roots, Edoardo De Guarnieri, Camargo Guarnieri, Eleazar de Carvalho, Simon Blech, Isaac Karabtchevsky, Thomas Baldner, Roberto Schnorrenberg, Pablo Komlos, Souza Lima, Armando Belardi, Alceo Bocchino, Benito Juarez, John Neschling, Diogo Pacheco, Olivier Toni, entre outros.

Gravou um LP dedicado a obras de Schumann, que vem obtendo grande sucesso e excelente repercussão. Como camerista, integra o Trio Brasileiro, criado em 1975 durante o Festival Internacional de Curitiba e que tem se apresentado com êxito em todo o Brasil. Como pedagogo, tem formado um número considerável de jovens pianistas, alguns com destaque no Brasil e no Exterior.

Foi professor e Diretor dos Seminários de Música Pró-Arte de São Paulo.

É professor do Departamento de Música da Universidade de São Paulo e da Faculdade de Música Santa Marcelina de São Paulo; tem sido convidado repetidas vezes para lecionar nos Cursos Internacionais de Teresópolis e de Curitiba.

Foi convidado para participar do júri do Concurso de Música do Canadá (1977).

Com sua tripla atividade de solista, camerista e pedagogo, ocupa lugar de destaque no cenário musical brasileiro.

VILLA-LOBOS E A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922

Embora já conhecida e admirada por um pequeno grupo de artistas e intelectuais, a obra de Villa-Lobos era ainda uma ilustre desconhecida do público paulista de 1922. Vejamos como foi ela apresentada a esse público, tão pouco afeito àquela escrita musical exótica e dissonante.

É Ernani Braga, pianista ilustre na época, um dos intérpretes programados para tocar Villa-Lobos na Semana, quem nos conta: "Havia em todo caso, uma expectativa de simpática curiosidade em redor de nós. O causador do fracasso foi Graça Aranha. Era ele o advogado do novo credo. A sua oração inaugural ia sendo atentamente seguida pelo público que enchia o Municipal da Paulicéia. De vez em quando um sorriso, até alguns aplausos. E Graça Aranha foi demolindo, um após outro, os ídolos antigos. Bach, Beethoven, Wagner foram caindo sucessivamente. O público ia se divertindo com a demolição e achando engraçado o demolidor.

Mas, quando ele, iconoclasta irreverente, levantou a mão sacrílega para derrubar o ídolo Carlos Gomes, foi a conta. Que Graça Aranha pusesse abaixo o semi-deus dos Oratórios e o das Sinfonias e o da Tetralogia, estava muito direito. Era uma brincadeira inocente. Mas bulir com o pai do Guarani, paulista ali de Campinas!... isso era um desaforo e merecia castigo. Foi uma vaia

tremenda, formidável, um barulho de todos os infernos. Ninguém mais se entendia. A muito custo o tumulto foi, aos poucos, serenando. Consta que houve até intervenção da polícia para conter os exaltados das galerias. E foi nessa atmosfera efervescente que a música de Villa-Lobos fez a sua entrada em São Paulo. É preciso assinalar que o público paulista se revelou, nessa circunstância, perfeitamente educado, e de um cavalheirismo irrepreensível. Depois de sufocar com a sua pateada o discurso de Graça Aranha e os protestos de Menotti, de Mário, de Ronald, de Oswald, recebeu com palmas Villa-Lobos e seus intérpretes - quando entraram em cena. Mas todos nós, Paulina d'Ambrosio, Alfredo Gomes, Frederico Nascimento, Frutuoso Lima e eu, estávamos contrafeitos e nervosos. Paulina tremia de emoção e de medo e ao terminar desatou numa crise de lágrimas. Frederico Nascimento, o Pequenino, artista de alma e boêmio de coração, ouvindo uma risada enquanto ele cantava, desafiou o homem que ria para vir brigar com ele no palco. Quanto a mim, não sabia bem o que estava fazendo..."

E são do próprio Villa-Lobos estas palavras, constantes de uma carta publicada pelo Jornal do Brasil, muitos anos mais tarde: "Quando chegou a vez da música, as piadas das galerias foram tão interessantes, que quase tive a certeza de a minha obra atingir um ideal, tais foram as vaías que cobriram os louros. No segundo concerto, a mesma coisa na parte musical; na parte literária, a vala aumentou. Chegamos ao terceiro concerto que era em minha homenagem. Que susto passaram meus intérpretes. Organizei um bom programa, revestido dos melhores intérpretes. Começamos pelo 3º Trio, de que, de quando em quando, um espectador musicista assobiava o principal tema, paralelamente, com o instrumento que o desenhava. A Lucília e a Paulina queriam parar, eu me ria e o Gomes bufava, mas foi até o fim. Nos outros números, novas manifestações de desagrado, até ao último número, que foi o Quarteto simbólico, onde consegui uma execução perfeita, com projeção de luzes e cenários apropriados a fornecerem ambientes estranhos, de bosques místicos, sombras fantásticas, simbolizando a minha obra como a imaginei.

Um gaiato qualquer, no mais profundo silêncio, canta de galo, com muita perícia. Pôs abaixo toda a comoção que o auditório possuía, provocando hilariedade tal, que a polícia, finalmente, interveio prendendo os graçolas e mais duas latas grandes de manteiga, cheias de ovos podres e batatas. Esses moços, ao serem interrogados, declararam que aqueles presentes estavam destinados a coroar os promotores da Semana de Arte Moderna em São Paulo, como se fossem flores e palmas, mas que não fizeram porque respeitavam os intérpretes, que na maioria eram paulistas."

Das peças a serem executadas hoje, a Sonata nº 2 para violoncelo e piano e a Simples Coletânea para piano solo são anteriores a 22 e fizeram parte da programação da Semana. A Sonata foi executada por Alfredo Gomes e Lucília Villa-Lobos e a Simples Coletânea por Ernani Braga. Ambas pertencem a um período (1916 a 1919) em que Villa-Lobos estava à procura de uma linguagem própria, que só alguns anos mais tarde iria se consolidar. Eram fortes na época os traços deixados no nosso grande compositor pela música francesa, em particular pelas harmonias novas de Debussy e Ravel, cujas partituras ele então já conhecia e cuja sombra atravessa, sem dúvida, as três pequenas peças que constituem a Simples Coletânea.

Quanto à Sonara, que é de 1016, ouvida em primeira audição em 1917, com Lucília Villa-Lobos e Gustavo Hess de Mello, é uma obra de grande fôlego, em 4 movimentos. Ainda que escrita nessa época, não se trata de obra de minoridade. "É uma dessas iluminações tão freqüentes no gênio criador, renunciando um grau superior de talento, antes mesmo que ele se afirme em toda a sua plenitude", como diz Adhemar Nóbrega.

Os Choros nº 5, peça bastante conhecida sobretudo pelo seu cognome de "Alma Brasileira", data de 1925, pertence à melhor fase de Villa-Lobos e é uma das obras mais felizes escritas por ele para piano solo. Já aqui temos Villa-Lobos em pleno domínio da sua escrita, que nesse momento traz bem nítida sua marca registrada, quer do ponto de vista melódico, quer do rítmico, quer do harmônico. As Bachianas Brasileiras nº 4 foram escritas na década de 30, originalmente para solo de piano, tendo sido orquestradas pelo autor no início da década de 40.

A ária das Bachianas nº 5 - aqui apresentada em transcrição para violoncelo e piano - constitui momento da mais alta inspiração dentro da obra de Villa-Lobos. Conhecida em todo o mundo através de memoráveis interpretações, foi escrita originalmente para soprano e oito violoncelos.

Prefeitura do Município de São Paulo
ADMINISTRAÇÃO REYNALDO DE BARROS

Secretaria Municipal de Cultura
Secretário Mário Chamie
Departamento de Teatros

1911 TEATRO MUNICIPAL 1982

SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82
SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22
SEMANA DE 22 / SEMANA 82 / SEMANA DE 22 / SEMANA 82

13/fevereiro 82/sábado/21 hs.

Recital de Canto
a cargo de
ADÉLIA ISSA (soprano)
ANNA MARIA KIEFFER (meio-soprano)
Ao piano: Achille Picchi

Programa

Mario de Andrade (1893-1945)
MODINHAS IMPERIAIS:
- Dei um ai, dei um suspiro
- Roseas flores d'alvorada

Jaime Ovalle (1894-1955)
ROMANCE (PARA PIANO)
AZULÃO (texto de Manuel Bandeira)

Ernani Braga (1898-1955)
SÃO JOÃO DA-RA-RÃO
ABÓIO

Frutuoso Vianna (1896-1976)
DANÇA DE NEGROS
CAPRICHOS (PARA PIANO)

Lorenzo Fernandez (1897-1948)
TOADA PR'A VOCÊ (texto de Mario de Andrade)
TUAS MÃOS (texto de Ronald de Carvalho)

Francisco Mignone (1897)
CONGADA (PARA PIANO)
BERIMBAU (texto de Manuel Bandeira)

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)
LUNDÚ DA MARQUEZA DE SANTOS (texto de Viriato Correa)
ESTRELA DO CÉU É A LUA NOVA
CANÇÃO DO CARREIRO (texto de Ribeiro Couto)
ABRIL (texto de Ribeiro Couto)

Luciano Gallet (1893-1931)
ARRAZOAR
TUTÚ-MARAMBÁ
O LUAR DO SERTÃO

SERTANEJA

Audio-Visual e Comentários: Prof. Paulo Ramos Machado

ADÉLIA ISSA (soprano)

Iniciou seus estudos de canto com Hermínia Russo em São Paulo, permanecendo sob sua orientação até o momento. Como bolsista da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, cursou a Manhattan School of Music em Nova York e o Curso de Ópera ministrado pelo regisseur Lou Galterio.

Tem se apresentado, no Brasil e Exterior, como recitalista, solista com orquestra e em ópera. Dentre suas atuações destacam-se: “Missa em dó menor” de Mozart (Festival de Inverno de Campos do Jordão); “Missa” de I, Stravinsky (Orquestra Sinfônica Estadual, sob a regência de Diogo Pacheco); “Magnífica” de T. Albinoni (Southfork Chamber Orchestra de Long Island, sob a regência de Isaac Karabtschewsky). Em ópera, destacam-se suas interpretações de Belinda (Dido e Eneias de Purcell), Juliette (Romeo et Juliette de Gounod), Norina (Don Pasquale de Donizetti), em teatros de diversas cidades brasileiras, no “Borden Auditorium” e no “American Opera Center”, em Nova York.

Além do repertório tradicional de recitalista, tem se dedicado à música do sec. XX, onde aparecem destacadas as obras de Charles Ives, Samuel Barber e autores brasileiros.

Apresentou em 1ª. audição mundial a “Cantiga do Bem Querer” de Henrique de Curitiba, para coro, soprano e orquestra, tendo atuado também em 1as. audições no Brasil como “Strophen” para soprano, narrador e instrumentos de Penderecky.

Recentemente gravou o LP “Modinhas Imperiais” (recolhidas por Mario de Andrade).

ANNA MARIA KIEFFER (meio-soprano)

Fez seus estudos regulares de canto com Magdalena Lebeis e Eladio Perez Gonzalez em São Paulo, e vários cursos de extensão na área de Música Antiga (Andrea von Ramm - Studium der Fruhen Musik de Munique), Música Contemporânea (Sigune von Osten - Berlim) e Ópera (Edna Garabedian, Marcel Klass e Graziella Sciutti).

Ultimamente tem se dedicado, principalmente à Música Antiga e Contemporânea, sendo membro-fundador do Confraria - Conjunto de Música Antiga e membro do Núcleo Música Nova de São Paulo. Tem apresentado grande número de obras de compositores brasileiros em 1ª. audição mundial e de compositores estrangeiros em 1ª. audição no Brasil.

Tem participado como solista de Festivais de Música Nova e Antiga no Brasil e Exterior, tais como: Semanas “Música Brasileira Hoje” em São Paulo; Festivais de Música Nova de Santos; II simpósio Internacional de Compositores na UNESP; III Bienal de Música Brasileira Contemporânea no Rio de Janeiro; Festivais de Inverno de Campo do Jordão; Cursos Latino-Americanos de Música Contemporânea no Brasil, Argentina e República Dominicana; “Sagra Lucchese” na Itália; Festival da SIMC-Festival de Outono em Paris e Programação do “Núcleo Musica Nueva de Montevideo”.

Recentemente atuou em concertos e gravações junto às seguintes entidades: Universidade de Porto Rico, BACI (Washington), IGNM (Viena), Rádio da Baviera (Munique), Rádio da Alemanha Ocidental (Colônia), Rádio Nacional da Espanha e Laboratório de Interpretação Musical (LIM) de Madri.

A MÚSICA NA SEMANA DE ARTE MODERNA

Se muitos foram os poetas que participaram da Semana de Arte Moderna de 1922, relativamente poucos foram os compositores que dela tomaram parte: apenas Villa Lobos, Ernani Braga e Frutuoso Vianna. No entanto, a partir dela e, mais precisamente, a partir das idéias nacionalistas de Mario de Andrade, em pouco tempo, um número considerável de compositores aderiu a uma estética mais voltada para a nossa música tradicional, abandonando, na medida do possível, os cânones europeus da <<música erudita>>, viajando em busca de motivos e formas populares, coletando, harmonizando, criando a partir de textos do folclore, musicando poemas modernistas, enfim, sedimentando aquilo que se chamaria depois de “Escola Nacionalista Brasileira”.

Embora a Escola Nacionalista tenha chegado até nossos dias, convivendo muitas vezes com estéticas renovadas, e nos tenha dado compositores da importância de um Camargo Guarnieri ou de um Osvaldo Lacerda, decidimos selecionar apenas obras de compositores da mesma geração de Mario de Andrade, músicos atuantes na época da Semana de Arte Moderna, tais como:

Ernani Braga - carioca, nascido em 1898, participou da Semana como pianista, ilustrando conferências e executando obras de Villa Lobos. Autor de uma coleção de canções baseadas em motivos populares, onde figuram “São João da-ra-rão” e “Abôio”. Fundou o Conservatório Pernambucano de Música. Faleceu em 1948.

Frutuoso Vianna - mineiro de Itajubá, nascido em 1896, atuou na Semana, da mesma forma que Ernani Braga: como pianista. Foi professor de piano do Conservatório Mineiro de Música e do Conservatório Dramático-Musical de São Paulo, tendo sido ainda regente do Coral Paulistano. Distinguiu-se, sobretudo, como compositor de apreciadas peças para piano. Faleceu em 1976.

Jaime Ovalle - compositor paraense, nasceu em Belém em 1894 e faleceu no Rio de Janeiro em 1945. Autor de peças para piano e canções de fundo nitidamente nacionalista, é celebrado, especialmente pelo seu “Azulão” - sobre texto de Manuel Bandeira.

Lorenzo Fernandez - compositor carioca de ascendência espanhola, nasceu no Rio de Janeiro em 1897. Apaixonado pelo folclore brasileiro, dedicou especial atenção à música negra e indígena. Autor da ópera “Malazarte”, escreveu ainda música sinfônica e de câmara, além de peças para piano e grande quantidade de canções, entre as quais esse primor que é “Toada p’rá você”, segundo Mário de Andrade.

Francisco Mignone - nascido em São Paulo em 1897, de família de origem italiana, tendo se aperfeiçoado em composição e regência em Milão, suas primeiras obras traem uma forte raiz italiana.

Regressando ao Brasil, torna-se grande amigo de Mario de Andrade e adere ao Movimento Nacionalista. A partir de 1933, fixa-se no Rio de Janeiro, onde vive. É autor de uma grande quantidade de músicas sinfônicas, óperas, música de câmara, coleções de peças para piano, canções e oratórios.

H. Villa Lobos - nascido no Rio de Janeiro em 1887, foi o principal compositor da Semana de Artes Moderna, consagrado por ela como o mais importante representante do Modernismo no setor musical. É, atualmente, o mais conhecido e executado compositor brasileiro no Exterior, tendo composto uma grande quantidade de obras de inegável originalidade e valor em todas as modalidades musicais, desde música dramática e coral-sinfônica até pequenas peças para piano. Foi o primeiro compositor brasileiro a empregar o violão na música erudita. A partir de 1932, ligando-se ao Estado Novo, recebe apoio para implantar o cultivo da música coral nas escolas, realizando, dentro deste plano, gigantescas concentrações orfeônicas que ele mesmo dirige. Em 1945 funda a Academia Brasileira de Música e passa a fazer frequentes viagens ao estrangeiro, representando o Brasil em congressos e dirigindo concertos das suas próprias obras, tornando-se, de certa forma, nosso compositor oficial. Faleceu no Rio de Janeiro em 1959.

Luciano Gallet - compositor carioca de ascendência francesa, nasceu em 1893, falecendo prematuramente em 1931. Discípulo de Henrique Oswald e Glauco Velasquez, compoe, a princípio, dentro de uma estética afrancesada, mas sua amizade com Mario de Andrade e seu interesse pelo folclore, fazem com que se aproxime cada vez mais de uma estética nacionalista. Foi diretor do Instituto Nacional de Música, fundador da Revista Musical Weco, de Sociedades de concertos e autor de livros sobre canções populares brasileiras, dos quais selecionamos quatro exemplos.

Prefeitura do Município de São Paulo
ADMINISTRAÇÃO REYNALDO DE BARROS
Secretaria Municipal de Cultura

Secretário Mário Chamie
Departamento de Teatros

(programação geral)

[capa]
[fotografia - modernistas sentados]

SEMANA DA SEMANA

13 a 16 de fevereiro/92

PROGRAMAÇÃO DOS 70 ANOS DA SEMANA DE ARTE MODERNA

DIA 13

19h - Abertura das exposições: **Transformações da Cidade e a Semana de 22** - organizada pelo Departamento de Bibliotecas Públicas da Secretaria Municipal de Cultura. **Saguão.**

Pauliceias perdidas - organizada pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura. **Calçadão.**

Instalação do artista plástico Nuno Ramos. Saguão.

20h - **Trajetórias de Villa Lobos** - palestra de José Miguel Wisnik. **Salão Nobre**

21h - **Recital do pianista Fernando Lopes; Concerto do Coral Paulistano e Conjunto da Instrumental da Orquestra Sinfônica Municipal.** Programa: Villa-Lobos (**Rude Poema, Quarteto Simbólico, Noneto**).

DIA 14

19h - **Concerto da Orquestra Sinfônica Municipal.** Solista: Marco Antonio de Almeida. Regente: David Machado. Programa: Darius Milhaud (**Saudades do Brasil**) e Villa-Lobos (**Choro nº 11** - primeira audição no Brasil).

20h30 - **Perspectivas Históricas da Idéia Modernista** - mesa com Edgard de Decca e Arnaldo Contier. **Salão Nobre.**

DIA 15

17h - **Concerto do Arts Trio.** Integrantes: Ayrton Pinto (violino), Antonio Lauro Del Claro (violoncelo) e Yara Bernette (piano). Programa: Villa-Lobos (**Trio nº 3**).

18h - **Um banquete** - diálogo entre músicos - mesa com José Miguel Wisnik, Gilberto Mendes, Aylton Escobar, Hans Joachim Kollreuter. **Salão Nobre.**

21h - **Intervenções** no palco dos seguintes artistas convidados: Arnaldo Antunes, Josely Vianna Baptista, Julio Bressane, Marcelo Brissac, Péricles Cavalcanti, Bete Coelho, José Celso Martinez, Marcelo Drummond, Roberto Piva, Lívio Tragtenberg, José Miguel Wisnik.

DIA 16

10h30 - **Concerto da Orquestra Sinfônica Municipal.** Solista: Marco Antonio de Almeida. Regente: David Machado. Programa: Darius Milhaud (**Saudades do Brasil**) e Villa-Lobos (**Choro nº 11** - primeira audição no Brasil)

Entrada franca
Retirar senhas na bilheteria do Teatro Municipal na véspera de cada evento

--

(Programação 13 de fevereiro de 1992)

[capa]

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

CORAL PAULISTANO & CONJUNTO INSTRUMENTAL DA ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

*Maestro Samuel Kerr
Fernando Lopes, pianista*

[ilustração de partitura]

13 DE FEVEREIRO DE 1992, ÀS 21H

PROGRAMA

PARTE I

Recital do pianista Fernando Lopes

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

RUDE POEMA (1921)

PARTE II

Concerto com o Coral Paulistano & Conjunto Instrumental da Orquestra Sinfônica Municipal

HEITOR VILLA-LOBOS

QUARTETO SIMBÓLICO (1921)

NONETO (1923)

FERNANDO LOPES - pianista

Considerando um dos exemplos musicais mais expressivos do Brasil, Fernando Lopes teve sua formação pianística com Tagliaferro, Estrella e Seidlhofer. Vencedor do Grande Prêmio Schelling de Genebra. Como eminente educador lecionou nas Universidades Federal da Bahia e Estadual de Campinas - UNICAMP. Tem se apresentado, como recitalista e como solista de orquestra, em todo o Brasil, Portugal, Espanha, Itália, França, Alemanha, Inglaterra, Romênia e Estados Unidos.

RUDE POEMA

Heitor Villa-Lobos

Composto entre 1921 e 1926, Rude Poema foi apresentado pela primeira vez em Paris na Maison Gaveau, por Arthur Rubinstein, a quem é dedicado. Diz Villa-Lobos: "Meu sincero amigo. Não sei se pude assimilar inteiramente tua alma com este Rude Poema, mas juro de todo o meu coração, que tenha a impressão no meu espírito, de ter gravado teu temperamento, que escrevi maquinalmente como uma Kodak íntima. Por consequência, se assim resultar, serás sempre o verdadeiro autor da obra". O próprio autor analisa a obra, lembrando que ela tem duas melodias básicas, além de outros episódios melódicos secundários, e quem "além dos recursos específicos da técnica e sonoridade experimentados no piano e na versão orquestral, esta música encerra uma autêntica pesquisa de

arrojados processos harmônicos, buscados nas cores naturais dos sons convencionais do sistema físico dos intervalos sonoros, como uma espécie de espectro solar, da aplicação do quarto de tom nos acordes extremamente abertos, em dissonância de muitas notas ajuntadas e, finalmente, no constante emprego dos elementos da escala de doze tons". Na versão para piano existe também uma melopéia ameríndia, brasileira, tornando a peça "uma obra de estrutura técnica e científica musical eclética".

QUARTETO SIMBÓLICO

Heitor Villa-Lobos

Quatuor "Impressões da vida mundana" é para flauta, saxofone alto em mi bemol, harpa, celesta, e coro feminino. Como na maioria das obras de câmara de Villa-Lobos, a edição da partitura foi feita no primeiro mundo: Paris. A "premiere" também foi em Paris, em 1921. Mas a peça foi composta no Rio, no mesmo ano. Tem o subtítulo de **Quarteto Simbólico**, derivado do interesse do autor pelos poetas simbolistas e especialmente pela escrita musical de Debussy.

NONETO

Heitor Villa-Lobos

O autor pretende, nesta obra composta em 1923, transmitir "uma impressão rápida de todo Brasil", através da justaposição de sons de instrumentos de sopro, de percussão e de coro misto. A primeira audição aconteceu em Paris, sob direção do próprio Villa-Lobos, em 1924. As várias regiões do Brasil "aparecem" personificadas em timbres e ritmos. Villa-Lobos define o Noneto como "uma nova forma de composição que exprime o ambiente sonoro e os ritmos mais originais do Brasil".

Comentários maestro Walter Lourenção

CONJUNTO INSTRUMENTAL DA ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

flauta - GRACE HENDERSON

oboé - GILSON BARBOSA

clarinete - LUÍS A.E. AFONSO

saxofone - EDUARDO PECCI

fagote - SÉRGIO L; GONÇALVES

piano - CLÁUDIO DE BRITO

celeste - ACHILLE PICCI

harpa - SANTA VALENTIN

percussão - CARLOS TARCHA/ NESTOR F. GOMES/ PASCHOAL DE L. ROMA / OSMAR DA CUNHA/ CLÁUDIO STEPHAN

[logotipo prédio do Theatro Municipal em corte lateral]

PREFEITURA DO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeita Luiza Erundina

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Secretária Marilena Chaui

TEATRO MUNICIPAL

Diretor Emilio Kalil

--

(Programação 15 de fevereiro de 1992)

[capa]

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ARTISTRIO

[ilustração de partitura]

15 DE FEVEREIRO DE 1992, ÀS 17H

PROGRAMA

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

TRIO Nº 3

- Allegro con moto

- Assai moderato

- Allegro spiritoso

- Final: Allegro animato

ARTISTRIO

Nos países onde a música de concerto possui elevado padrão, a associação de figuras exponenciais da execução instrumental em torno de um ideal de música de câmara tem sido muito festejada. O trio formado por Heifetz / Piatgorsky/ Rubinstein, nos Estados Unidos, permanecerá inesquecível tanto quanto foram as interpretações de Thibaud / Casals/ Cortot, na França do início do século, assim como as exibições do antológico conjunto formado por Kogan / Gilels / Rostropovitch. O trabalho do Artístico veio mostrar claramente que nosso país vive um desses raros e festejáveis momentos. Três de seus mais expressivos artistas resolvem agora concentrar suas experiências na fina ourivesaria da música de câmara. Em seus cinquenta anos de carreira, Bernette poderia ser considerada a pianista brasileira que mais circulou por esse mundo, não deixando um só platéia - das mais sofisticadas capitais aos mais modestos rincões de nosso país - sem conhecer a riqueza de sua mensagem pianística. Como solista, soube se destacar à frente das principais orquestras do país que viu nascer, assim como diante das grandes filarmônicas do mundo, de Berlim a Nova York, de Paris a Estocolmo, de Roma a Atenas, de Buenos Aires a Sri Lanka. Isto sem esquecer seus inestimáveis trabalhos como pedagoga na Escola Superior de Música de Hamburgo, cuja cátedra conquistou em concurso internacional a quem concorreram cento e trinta professores de todo o mundo. A experiência de Ayrton Pinto não é menos significativa, já que muito cedo integrou-se na mais elevada faixa do profissionalismo musical norte-americano na qualidade de violinista e, ao mesmo tempo, de pianista da Boston Symphony. Esta sua experiência como pianista da Sinfônica de Boston foi enriquecida pelo fato de ele ser o "pianista preparado" dos solistas que se apresentavam com aquela orquestra, atividade que lhe permitiu conviver e acompanhar o trabalho, durante anos, dos mais expressivos intérpretes e regentes que atuavam naquele país como concertista, camerista, professor e diretor de instituições de ensino, assim como a de "spalla" de duas orquestras. Nessa qualidade, aliás, prestou relevantes serviços à Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo, tendo se caracterizado como o mais completo profissional dessa atividade em nosso país. Desde que expôs seu violoncelo a público, Antonio Del Claro demonstrou com clareza que se trata do mais brilhante talento de sua geração naquele instrumento. Seja por sua habilidade técnica como por sua privilegiada sonoridade, mereceu a atenção de figuras consagradas internacionalmente, como Enrico Mainardi e Pierre Fournier, que lhe transferiram os segredos da interpretação e lhe abriram os caminhos para uma carreira que se desenvolve com sucesso em nosso país e através de recitais e concertos regulares na Europa e nos Estados Unidos. Após ter sido "spalla" de diversas orquestras brasileiras, Del Claro pode dedicar-se hoje em dia à sua carreira de solista, recitalista e camerista sempre com o maior sucesso.

Maestro Julio Medaglia

TRIONº 3

Heitor Villa-Lobos

O **Trio nº3** é de 1918. Sua primeira audição foi em 1921. Faz parte da coleção de obras em que Villa-Lobos praticava um verdadeiro “hobby” camerístico, especialmente em torno do violoncelo, seu instrumento preferido.

Maestro Walter Lourenção

[logotipo prédio do Theatro Municipal em corte lateral]

PREFEITURA DO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeita Luiza Erundina

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Secretária Marilena Chaui

TEATRO MUNICIPAL

Diretor Emilio Kalil

–

(Programação 14 e 16 de fevereiro de 1992)

[capa]

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

MILHAUD - VILLA-LOBOS

[ilustração de partitura]

14 DE FEVEREIRO DE 1992, ÀS 19H

16 DE FEVEREIRO DE 1992, ÀS 10H30

PROGRAMA

DARIUS MILHAUD (1892-1974)

SAUDADES DO BRASIL

- Sorocaba / Botafogo / Leme / Copacabana / Ipanema / Gávea
Corcovado / Tijuca / Sumaré / Paineiras / Laranjeiras / Paissandu

intervalo

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

CHOROS Nº 11

- Allegro Preciso ma non Troppo
- Andante quasi Moderato
- Allegro Moderato

solista: MARCO ANTONIO DE ALMEIDA

MAESTRO DAVID MACHADO

Internacionalmente conhecido como maestro e regente de ópera, David Machado aperfeiçoou-se na Alemanha com Wolfgang Sawalisch e Carl Ueter, e na Itália, com Sergiu Celibidache e Franco Ferrara, quando obteve o Diploma di Merito e o Diploma de Onore, regendo no Teatro dei Rinnovati. Contratado pelo Teatro Massimo de Palermo, permaneceu por doze anos à frente desse grande teatro italiano. Como diretor artístico e regente titular da Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (1978-1981), organizou temporadas de ópera e excursionou pelo Brasil com produções ali realizadas, algumas gravadas em discos. Em Montevidéu, foi diretor artístico e regente titular da Orquestra Sinfônica do Sodre (1986-1990), dedicando sua programação a uma grande atividade operística, concertos e gravações em vídeo e disco. David Machado regeu óperas em grandes teatros e festivais internacionais e já tem agendadas para os próximos anos várias produções de ópera na América Latina, Estados Unidos, Europa e Oriente.

MARCO ANTONIO DE ALMEIDA - pianista

Londrinense, Marco Antonio de Almeida iniciou estudos musicais com sua irmã, Terezinha Almeida Penna, graduando-se posteriormente pela Faculdade de Música Mãe de Deus. Após trabalhar alguns anos com o pianista Gilberto Tinetti - e terminados os seus estudos de Medicina - transferiu-se para a Alemanha, onde se pós-graduou pela Faculdade de Música da Universidade de Hamburgo, sob orientação de Yara Bernette. Ao mesmo tempo, freqüentou cursos e festivais de verão, entre os quais o de interpretação pianística, com Magda Tagliaferro (em São Paulo e Paris), “master class” com Sergio Caffaro e Fausto Zadra (em Roma), e com Nikita Magaloff, Carlos Zecchi e Badura-Skoda (em Sorrento), o Festival Clara Haskil (em Montreux) e o Festival Arthur Rubinstein (em Tel Aviv). Marco Antonio de Almeida já se apresentou em diversas salas de concerto no Brasil e no Exterior, recebendo várias premiações. Atuou ainda frente a renomadas orquestras e em concertos de música de câmara em cidades da Europa, Estados Unidos, Oriente Médio e América do Sul. Participou da primeira audição de obras de Benjamin Britten, Paul Hindemith e Marlos Nobre na Alemanha, além da gravação do Momo Precoce, de Villa-Lobos, com a Filarmônica Rheinland Pfalz. Marco Antonio de Almeida ocupa desde 1980 o cargo de professor na Faculdade de Música da Universidade de Hamburgo e, a partir de 1980, o de diretor artístico do Festival de Londrina. Em 1991, integrou a comitiva do presidente da Alemanha em visita oficial ao Canadá.

SAUDADES DO BRASIL

Darius Milhaud

*Embora discípulo do Conservatório de Paris, e, portanto, de Paul Dukas, Vincent D'Indy e outros mestres, a primeira influência na obra de Milhaud é de Debussy. Em 1919 filiou-se ao Grupo dos Seis. Entre 1917 e 1918 havia estado no Brasil, na companhia do poeta e diplomata Paul Claudel. Sua experiência com a música popular e folclórica brasileira o levou a incorporar melodias e ritmos do Brasil em sua própria música. Foi até agraciado com a Ordem do Cruzeiro do Sul, do Brasil. Sua pantomima musical em um ato, **Le boeuf sur le toit** (O Boi no Telhado), é totalmente decalcada sobre temas populares brasileiros. É do ano de 1919. **Saudades do Brasil**, suite orquestral de 1921, op.67, traz nomes sugestivos em seus movimentos. São doze **Saudades** nas quais se lembra do Brasil durante a Primeira Guerra Mundial. É uma série de quadros idealizados de danças populares que tem algo a ver com tangos, maxixes, sambas e marchinhas. A estréia da peça foi em Paris em 1921, com a dançarina Loie Fuller e o maestro Vladimir Golschmann.*

CHOROS Nº 11

Heitor Villa-Lobos

A composição feita no Rio em 1928 estreou com a Orquestra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, sob a regência do autor. O pianista foi José Vieira Brandão. É dedicada a Arthur Rubinstein. Nestes

1997

Choros são aproveitadas as formas do Poema Sinfônico, da Sinfonia, da Rapsódia, da Serenata Clássica, do Concerto e da Fantasia. Mas o autor alerta para o fato de que "Os Choros não possuem nenhum modelo absoluto e rígido de forma". E ainda diz que o "Choros nº 11 está mais próximo da forma do Concerto Barroco, pela importante atuação do piano-solo, justificada até por uma difícil cadência cuja virtuosidade de técnica sobre a curiosa fantasia dos temas reincididos confirma plenamente a tendência do seu gênero". E Villa-Lobos dá outra explicação curiosa: "Por todos os motivos acima mencionados, explica-se a razão de ter esta obra a duração de 60 minutos de execução: Mas a obra pode ser dividida em três ou quatro partes, com as respectivas interrupções, sugeridas pelo próprio autor. É uma obra mecânica e física. Emotiva e profundamente sentida sem ser, todavia, romântica e lírica. Termina de maneira grandiosa e eloqüente, mas com a nota de em várias oitavas, em contraste com o do3 do início, confirmando os princípios de construção e de forma.

Comentários maestro Walter Lourenção

[logotipo prédio do Theatro Municipal em corte lateral]

PREFEITURA DO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeita Luiza Erundina

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Secretária Marilena Chaui

TEATRO MUNICIPAL

Diretor Emilio Kalil

EXPOSIÇÃO ILUSTRES MODERNISTAS

- exposição fotográfica de 20 de setembro à 20 de outubro das 13hs às 17hr

A semana de Arte Moderna de 22

Em apenas 3 dias de fevereiro de 1922 um grupo de jovens artistas e intelectuais rompeu com o passado acadêmico e provinciano da cultura brasileira. Foi no saguão do Teatro Municipal de São Paulo, alugado por 847 mil-réis.

Concertos, danças, conferências e exposições de artes plásticas, compuseram o grande evento.

A "Semana de 22" foi considerada um escândalo, seja pelo total vanguardismo de suas obras, seja pela postura de seus criadores. Ela abriu um novo horizonte estético e humanista para nossa cultura.

Manter viva esta parte importante de nossa história é obrigação de todos nós. Do contrário, chegará o dia em que ela não mais nos pertencerá.

Viva a SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922 !!!

Viva sempre seus ilustres criadores !!!

Preservação Arquitetônica

Esta exposição está montada dentro do antigo restaurante do Teatro Municipal, ambiente que por muitos anos permaneceu fechado.

Um complexo projeto de restauração deve ser iniciado em breve, respeitando os mais rigorosos critérios éticos.

2002

Na obra de Ramos de Azevedo e seus contemporâneos a pintura mural era parte integrante da arquitetura, que já previa este tipo de ornamentação ao ser idealizada.

O Teatro Municipal, sua obra máxima, possui pinturas murais em muitas áreas, mas que infelizmente foram eliminadas na grande reforma realizada em 1953. O restauro iniciado em 1987 resgatou muitas características originais do Teatro, porém o antigo restaurante ficou incompleto.

Em breve o visitante vivenciará o clima original deste ambiente, tal qual foi concebido em 1911.

[capa]

CORAL PAULISTANO

O coro dos Contrários

Dias 15, 16, 17 e 18 de outubro de 2002, 18h

[contracapa]

PROGRAMA

MARCOS CÂMARA (1958) - FLOR, BOCA, PELE, CÉU (Poema: Augusto de Campos)

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918) - DIEU! QU'IL A FAIT BON REGARDER (Poema: Charles D'Orleans)

DAMIANO COZZELLA (1929) - RUIDISMO DOS POBRES

LAMARTINE BABO (1904-1963) - HISTÓRIA DO BRASIL (Arranjo: Damiano Cozzella)

FREDERICO RICHTER (1932) - BACANAL (Poema: Manoel Bandeira)

CAETANO VELOSO (1942)/**GILBERTO GIL** (1942) - PANIS ET CIRCENSIS

H. VILLA-LOBOS (1887-1959) - MELODIA SENTIMENTAL "Floresta Amazônica" (Poema: Dora Vasconcellos) Solista: Sílvia Tessuto, *mezzo-soprano*

GILBERTO MENDES (1922) - POEMA DOS OLHOS DA AMADA (Poema: Vinícius de Moraes)

AUGUSTO DE CAMPOS (1931) - LYGIA (Arranjo: Damiano Cozzella)

GILBERTO MENDES (1922) - REVISITAÇÃO (Poema: José Paulo Paes)

ALMEIDA PRADO (1943) - SÃO PAULO... "Mapa Brasileiro" (Texto: Mário de Andrade)

OSVALDO LACERDA (1927) - QUEM TUDO QUER SABER... "Provérbios"

GILBERTO MENDES (1922) - SALADA DE FRUTAS; MOTET EM RÉ m BEBA COCA-COLA

LENINE (1959) - OLHO DE PEIXE (Arranjo: Mara Campos)

ALMEIDA PRADO (1943) - ORÁCULO (Texto: Virgílio)

LENINE (1959) - O QUE É BONITO? (Ambientação: Mara Campos)

NESTOR H. CAVALCANTI (1949) - O MORCEGO (Poema: Augusto dos Anjos)

AUGUSTO DE CAMPOS (1931) - CIDADE, CITY, CITÉ (Adaptação livre inspirada na obra de Gilberto Mendes)

texto O coro dos contrários, 22 em 2002, de Mara Campos

AR

QuestionAR o que é correto, o que é previsível, a técnica pela técnica, o conceito do belo, do padrão, do bom gosto... O gosto ao gosto?

QuestionAR a aprovação obediente, passiva, típica de “colonizados” diante do que é acenado (imposto?) como bom e aceitável.

QuestionAR a hemorragia de informações que aprimoram nosso desempenho, mas também alimentam nossa ansiedade, a necessidade de justificAR a cada instante nossas preferências, a impessoalidade e a insegurança que nos rouba o privilégio de errAR. A MENTE QUER RESPIRAR.

CantAR o nosso tempo, os nossos dias, nossas dúvidas, fraquezas, nossa ingenuidade e grandeza, nossa generosidade em assimilAR, muitas vezes sem o filtro da crítica, tudo o que nos atrai, nos comove, nos perturba.

CantAR nossa coragem e irreverência pARa digerir tudo isso, pARa transformAR o que devoramos, em busca talvez de nossa identidade.

Re - avaliAR o que herdamos pARa criar outros pARâmetros. Ou ainda recusá-los. CantAR os “nossos sotaques”, nossas diferenças, o que é sublime e o que repugna sem receio de não agradAR, sem esmolAR o aplauso fácil e complacente.

O sonho sempre, não a miragem.

Diversidade sim, não o individualismo.

Elite - inevitável, nunca a exclusão.

Técnica imprescindível, exibicionismo não.

InovAR pela ação, não pela reprodução.

Re - ação.

O CORPO QUER RESPIRAR!

Diminuir as distâncias temporais e estéticas que nos sepARam de pensadores, compositores e obras que respeitamos e amamos sem o medo de profaná-las.

AproximAR esse canto das pessoas que são mais do que olhos e ouvidos exaustos.

Não se conformAR com o esquecimento, com o que morre sem dAR frutos porque já nasce velho...

Não aceitAR a fadiga crônica daquilo que ainda nem foi vivido, pois então nos confirmAREmos seres incompletos insalubres, hipocriativos, sonolentos.

Não se contentAR com modismos e “ismos” de toda a espécie, mas tomAR especial e único cada momento, cada evento, cada advento sonoro, porque sagrado, porque gerado, porque vivo.

MudAR a direção do olhAR quantas vezes for preciso com a mesma dignidade com que tentamos

OLHar para dentro de nós mesmos, o que nunca é fácil.

O ESPÍRITO QUER RESPIRAR...

A R

A (xx) R-TE

(Mara Campos)

CORAL PAULISTANO

Regente Titular MARA CAMPOS. **Regente Assistente** TIAGO PINHEIRO. **Pianistas** ROSANA CIVILE, RENATO FIGUEIREDO. **Sopranos** ANITA DEIXLER, CLÁUDIA ARCOS, DÊNIA CAMPOS, ELIANE DE AQUINO, GISELE CASTRO AFECHÉ, HELOISA PETRI, HYE KYUNG HONG KIM, LEA DENISE M. REZENDE, MITSUE SAKAMOTO, ROSEMEIRE MOREIRA, SAMIRA MOREIRA, SIRA MILANI, VERA PLATT. **Contraltos** ANDRÉIA DE ABREU, ELIETI GORSKI DAMACENO, KÁTIA NOVAES, KEILA DE MORAES, LIANA CONRADO, LUCIA M. P. STOPIGLIA, MARIA LUCIA WALDOW, NARILANE CAMACHO, SAMIRA KALIL RAHAL, SILVIA TESSUTO, SILVANA FERREIRA, TÂNIA VIANA. **Tenores** ADRIANO BRITO, EDUARDO SIMÕES DE GÓES, HELDER SAVIR, JOSÉ ANTONIO PALOMARES, NELSON CAMPACCI, ROBERTO GAGLIOTTI, SATOCHI YOSHII, SÉRGIO SENGHER, SÉRGIO WERNEC. **Baixos** DIÓGENES GOMES, FERNANDO BOMFIM THOMÉ, JAN SZOT, JONAS MENDES, JOSÉ ANTONIO SOARES, JOSÉ MARIA CARDOSO, JOSUÉ ALVES GOMES, PAULO MENEGON, RONALDO GARCIA, XAVIER SILVA. **Inspetor** DILSON C. DA SILVA. **Montador** IVO BARRETO.

Agradecimentos

Carolina de Campos Barbosa, Dilson Corrêa, Diógenes Gomes, Edmar Bulla, Eduardo Góes, Fabiana Friscio, Jonas Mendes, José Palomares, Kátia Novaes, Marília de Campo Barbosa, Nelson Campacci, Sílvia Tessuto, Tânia Viana, Wunderman e à administração do Theatro Municipal pela colaboração prestada, sem a qual não seria possível a realização deste evento.

[2002]

[capa]

CLÁSSICOS e MODERNOS ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Dia 25 de novembro de 2002, às 21h

[contracapa]

PROGRAMA

Claire de Lune

Debussy

Coreografia: PROFa RUTH RACHOU

Figurinos: GESSY PEREIRA DOS SANTOS

Elenco: ALESSANDRA DE SOUZA, ANA CAROLINA DE PAULO, ANA PAULA CREPALDI, BÁRBARA FAUSTINO, CAROLINA RIBEIRO, DRYELLE ALMEIDA, ELEN GONÇALVES, FABIOLA DE SOUZA, FERNANDA DE ANDRADE, FLAVIA JACOMINO, JOYCE FARIAS, VANESSA DESTRO, VANESSA PINTO

A Bela Adormecida (suíte do ballet)

Tchaikovsky

Coreografia Original: MARIUS PETIPA

Adaptação Coreográfica: PROFa MANUELA LEITE

Figurinos: STAGE FANTASY

Adágio da Rosa

Princesa Aurora: PRISCILA ANDRADE

Princesas Convidadas: BRUNA CASTRO, JESSICA D'ALMEIDA, NATALIA BRASIL, VALERIA SCHIAVON

Príncipes Convidados: LEISON DOS SANTOS, EDSON ONÓRIO, GABRIEL TENÓRIO (bailarinos convidados)

Fadas Prateadas e Douradas: FERNANDA BUENO, JESSICA D'ALMEIDA, NATHALIA BRASIL, PRISCILA LIMA, TALITA RUBIO, TATIANE ILANI

Variação Fada Lilás: VALÉRIA SCHIAVON

Grand Pas de Deux Pássaro Azul

Fada Florine: DENISE EVRARD

Pássaro Azul: ANDRÉ SOUZA

Valsa: ANDRELINA MAGALHÃES, BRUNA CASTRO, CIBELE FRANÇA, FERNANDA BUENO, FERNANDA LOPES, JESSICA D'ALMEIDA, JOICE CAMPOS, MARIA LUIZA COSTA, NATALIA BRASIL, PRISCILA LIMA, TALITA RUBIO, TATIANE MILANI, VALERIA SCHIAVON, THIENE SANTOS

Memorial

Michael Nyman

Coreografia: PROF^a JULIANA RINALDI

Adaptação e Arranjos: ROSE PAVANELLI

Figurinos: ROMILDA

Alunos: ALINE PROETTI, ANDREA RODRIGUES, LIGIA DELGADO, LUZIA SANT'ANNA, MARIANA CUNHA, VANESSA PORCINO, VIVIANE RUIZ

O Corsário (suíte do ballet)

Adolphe Adam

Coreografia Original: MAZILIER

Adaptação Coreográfica: PROF. ALI JOSÉ

Figurinos: JORGE LUIS SILVA

Grand Adágio: BARBARA FAUSTINO

A Escrava e o Mercado: VANESSA PINTO e ALEXANDRE FERNANDES (bailarino convidado)

Elenco: ALESSANDRA DE SOUZA, ANA CAROLINA DE PAULO, ANA PAULA CREPALDI, DRYELLE ALMEIDA, ELEN GONCALVES, FABIOLA DE SOUZA, FERNANDA ANDRADE, FLAVIA JACOMINO, JOYCE FARIAS

Elenco Convidado: (7^o A) ANDREIA HERRADA, CAMILA BENINCASA, DÉBORA BEZERRA, JESSYCA NASCIMENTO, KELLY FRANÇA, LETICIA SAMEZIMA, LILIAN CAMOEZI, NADIA BRANDÃO, THAYNÃ BOER

Milonga del Angel

Astor Piazzola

Coreografia: PROF^a RUTH RACHOU

Figurinos: GESSY PEREIRA DOS SANTOS

Elenco: ANDRELINA MAGALHÃES, BRUNA CASTRO, CIBELE FRANÇA, DENISE EVRARD, FERNANDA BUENO, FERNANDA LOPES, JESSICA D'ALMEIDA, JESSIKA CRIOLEZIO, JOICE CAMPOS, MARIA LUIZA COSTA, NATHALIA BRASIL, PRISCILA ANDRADE, PRISCILA LIMA, TALITA RUBIO, TATIANE MILANI, VALERIA SCHIAVON, THIENE SANTOS

Raymonda (suíte do ballet)

Glazunov

Coreografia Original: MARIUS PETIPA

Adaptação Coreográfica: PROF^a KATIA DIAS

Figurinos: GESSY PEREIRA DOS SANTOS

Elenco: ALINE PROETTI, ANDREA RODRIGUES, GEIZA MINELLE, LIGIA DELGADO, LUZIA SANT'ANNA, MARIANA CUNHA, VANESSA DESTRO, VANESSA PORCINO, VIVIANE RUIZ

Elenco Convidado: (5^o A) ANA PAULA MORAES, ANGÉLICA MARTINS, JOYCE SOUZA, LARISSA OLIVEIRA, LIRA WANDERLEY, LUCIANA HONÓRIO, MARJORIE FILELLINI, PATRICIA CARVALHO, RENATE OLIVEIRA, ROSEANA VIANA, THAÍS MARTINS, THAYNÃ LEOPOLDO, WALKÍRIA BOBERG, VIVIANE YJICHI

Bailarinos Convidados: CESAR ALBUQUERQUE, CHARLES SANTANA, EDSON SOUZA, FLAVIO SCARAMAL, RODRIGO SOUZA, RODWALNEY HAMILTON, RONEY FONSECA, WILBERT ROMERO

ESCOLA MUNICIPAL DE BAILADO

DIRETORA: ESMERALDA PENHA GAZAL

ASSISTENTES MARIÂNGELA D'ANDRÉA, YÁRA LUDOVICO

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO: DAMARIS DE FARIA

2006

CORPO DOCENTE: ALI JOSÉ, BETH DURÃO, DIANA DAMOUS, JULIANA RINALDI, KÁTIA DIAS, KÁTIA ROCHA, LENI LUQUE, LUIS AUGUSTO RIBEIRO, MANUELA LEITE, MARIA MOMMENSOHN, NELLY GUEDES, NYDIA ARAÚJO, PATRICIA RICCI, REGINA VAZ, ROSANA GOMES, RUTH RACHOU, SANDRA GOMES, SALOLY FURTADO, SELMA SIMÕES, SERGIO ROYER, SIDNEY ASTOLFI
PIANISTAS: CLAUDIA PADILHA, CRISTINA CARNEIRO, EUZELI SCHWAB, FERNANDA FERREIRA, LUCIANO TOSCANO, NELSON CAFRUNI, ODETE CARRERA, ROSE PAVANELLI, ROSELY CHAMMA EZEQUIEL, SIDNEY CANTILENA, SIRAN BARDAKJIAN, VÂNIA MACHADO, WILMA SIMÕES

[capa]

O CORO DOS CONTRÁRIOS

CORAL PAULISTANO

1936-2006

[contracapa]

AR

Question**AR** o que é correto, o que é previsível, a técnica pela técnica, o conceito do belo, do padrão, do bom gosto... O gosto ao gosto?

Question**AR** a aprovação obediente, passiva, típica de "colonizados" diante do que é acenado (imposto?) como bom e aceitável.

Question**AR** a hemorragia de informações que aprimoram nosso desempenho, mas também alimentam nossa ansiedade, a necessidade de justific**AR** a cada instante nossas preferências, a impessoalidade e a insegurança que nos rouba o privilégio de err**AR**.

A MENTE QUER RESPIRAR.

Cant**AR** o nosso tempo, os nossos dias, nossas dúvidas, fraquezas, nossa ingenuidade e grandeza, nossa genero(poro)sidade em assimil**AR**, muitas vezes sem o filtro da crítica, tudo o que nos atrai, nos comove, nos perturba.

Cant**AR** nossa coragem e irreverência p**AR**a digerir tudo isso, p**AR**a transform**AR** o que devoramos, em busca talvez de nossa identidade. Re - avali**AR** o que herdamos p**AR**a cri**AR** outros p**AR**âmetros. Ou ainda recusá-los. Cant**AR** os "nossos sotaques", nossas diferenças, o que é sublime e o que repugna sem receio de não agrad**AR**, sem esmo**AR** o aplauso fácil e complacente.

O sonho sempre, não a miragem.

Diversidade sim, não o individualismo.

Elite - inevitável, nunca a exclusão.

Técnica imprescindível, exibicionismo não.

Inov**AR** pela ação, não pela reprodução.

Re - ação.

O CORPO QUER RESPIRAR!

Diminuir as distâncias temporais e estéticas que nos sep**AR**am de pensadores, compositores e obras que respeitamos e amamos sem o medo de profaná-las.

Aproxim**AR** esse canto das pessoas que são mais do que olhos e ouvidos exaustos.

Não se conform**AR** com o esquecimento, com o que morre sem d**AR** frutos porque já nasce velho...

Não aceit**AR** a fadiga crônica daquilo que ainda nem foi vivido, pois então nos confirm**AR**emos seres incompletos insalubres, hipocriativos, sonolentos.

Não se content**AR** com modismos e “ismos” de toda a espécie, mas tom**AR** especial e único cada momento, cada evento, cada advento sonoro, porque sagrado, porque gerado, porque vivo.

Mud**AR** a direção do olh**AR** quantas vezes for preciso, com a mesma dignidade com que tentamos Olh**AR** p**AR**a dentro de nós mesmos, o que nunca é fácil.

O ESPÍRITO QUER RESPIRAR...

A R

A(ma)**R** - TE

[MARA CAMPOS]

O CORO DOS CONTRÁRIOS

FREDERICO RICHTER [1932] Adaptação: Mara Campos
Bacanal (Poema: Manuel Bandeira)

CLAUDE DEBUSSY [1862-1918]
Ruidismo dos pobres

LAMARTINE BABO [1904-1963] Arranjo: Damiano Cozzella
História do Brasil.

HEITOR VILLA-LOBOS [1887-1959]
Melodia sentimental - fragmento de “Floresta do Amazonas”
Solista: RICARDO FUKUDA, *violoncelo*

MÁRIO DE ANDRADE [1893-1945]
O dia em que nós formos brasileiros -
fragmento de carta à Carlos Drummond de Andrade

AUGUSTO DE CAMPOS [1931]/**DAMIANO COZZELLA** [1929]
No entrei / Lygia

GILBERTO MENDES [1922]
Uma vez uma vala (Poema: Augusto de Campos)
Salada de frutas (Poema: Gil Nuno Vaz)
Motet em ré menor Beba Coca-Cola (Poema: Décio Pignatari)

LENINE [1959]
Olho de peixe (Arranjo: Mara Campos)
O que é bonito? (Ambientação: Mara Campos)

NESTOR DE HOLLANDA CAVALCANTI [1949]
O Morcego (Poema: Augusto dos Anjos)

AUGUSTO DE CAMPOS [1931]
Cidade, city, cité (adaptação livre inspirada na obra de Gilberto Mendes)

--

Convidados: Fabiana Friscio, Edson Carvalho. **Participação Especial:** Integrantes do Coral Juvenil da Escola Municipal de Música. **Concepção do Espetáculo:** Fernando Grecco, José Palomares, Mara Campos. **Confecção de Figurinos e Cenografias:** Fernando Grecco, José

Palomares, Kátia Rocha. **Direção Cênica e Musical:** MARA CAMPOS.
Regência: TIAGO PINHEIRO e MARA CAMPOS.

CORAL PAULISTANO

Regente Titular: Mara Campos. **Regente Assistente:** Tiago Pinheiro
Pianistas: Renato Figueiredo, Rosana Civile

Sopranos: Anita Dexler, Dênia Campos, Eliane de Aquino, Heloisa Petri, Hye Kyung Hong Kim, Marcia Degani, Marly Jaquiel Ramos, Mitsue Sakamoto, Narilane Camacho, Rosemeire Moreira, Sira Milani, Vera Platt

Contraltos: Andréia de Abreu, Cláudia Arcos, Daniela de Carli, Kátia Novaes, Keila de Moraes, Liana Conrado, Lucia Stopiglia, Maria Lucia Waldow, Samira Kalil Rahal, Silvana Ferreira, Tânia Viana

Tenores: Adriano Brito, Alberto Cunha, Alexandre Bialecki, Danilo Stollagli, Fernando Grecco, Helder Savir, José Antonio Palomares, José Fernando de Mattos, Ricardo Iozí, Roberto Gagliotti, Sérgio Wernec

Baixos: Diógenes Gomes, Flávio Costa, Jan Szot, Jonas Mendes, José Maria Cardoso, Josué Alves Gomes, Paulo Menegon, Paulo Vinicius Rocha Vaz, Xavier Silva

Inspetor: Dilson Corrêa. **Montador:** Ivo Barreto

AGRADECIMENTOS

EDSON CARVALHO
FABIANA FRISCIO
FLÁVIO COSTA
HENRIQUE AUTRAN DOURADO
JONAS MENDES
MITSUE SAKAMOTO
SILVANA FERREIRA
TATIANA LONGO FIGUEIREDO
VANESSA MELLO DE SOUZA
XAVIER SILVA

Academia Paulista de Letras - 100 anos
A Semana de Arte Moderna volta ao Teatro Municipal

O significado da Semana de Arte Moderna para o panorama geral da literatura e das artes do Brasil continua aceitando diversas interpretações. Seja como abertura de novos temas e horizontes, seja como um dos pontos culminantes da reflexão sobre a possibilidade de uma arte estruturalmente brasileira, a Semana de 22, como ficou conhecida, foi protagonizada por alguns dos nomes mais expressivos da arte e da literatura brasileira na época, tais como Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Ronald de Carvalho, Victor Brecheret, Anita Malfatti e Heitor Villa-Lobos, entre outros.

Em uma crítica mordaz a toda arte edulcorada, que se valesse de formas européias sem enraizá-las na vivência histórica brasileira, um dos pontos fortes da Semana de 22, como se sabe, foi a iconoclastia e a irreverência. Porém, como pano de fundo, ela propunha algo muito mais grave. E, de certa maneira, pretendia redefinir algumas linhas de força da história da arte brasileira. Por isso exerceu grande impacto sobre a produção das gerações subsequentes, que superaram alguns de seus impasses e aprofundaram algumas de suas conquistas.

Assim, as ideias modernistas, contribuíram para a formação de um dos períodos mais intensos da literatura brasileira, com as obras Carlos

2009

Drummond de Andrade, Cecília Meireles, João Cabral de Melo Neto, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Guimarães Rosa, entre outros, que levaram a literatura da condição nacional à universal.

A comemoração dos cem anos da Academia Paulista de Letras neste ano de 2009, levada a cabo no Teatro Municipal, retoma o mesmo cenário de 1922 e presta homenagem à Semana de Arte Moderna. Assim, de maneira oportuna, enaltece o centenário de sua existência e, ao mesmo tempo, tece um elogio a um dos momentos decisivos da literatura brasileira.

dia 13 de julho de 2009 - 19h30
Teatro Municipal de São Paulo

PROGRAMA

Parte I

Abertura informal da Semana de Arte Moderna

Parte II

Velha modinha / Oscar Lorenzo Fernandez (1897 - 1948)

Bachianas Brasileiras Nº 5 / Heitor Villa-Lobos

Tarde uma nuvem rósea lenta e transparente.
Sobre o espaço, sonhadora e bela!
Surge no infinito a lua docemente,
Enfeitando a tarde, qual meiga donzela
Que se apresta e a linda sonhadamente,
Em anseios d'alma para ficar bela
Grito ao céu e a terra toda a Natureza!
Cala a passarada aos seus tristes queixumes
E reflete o mar toda a Sua riqueza...
Suave a luz da lua desperta agora
A cruel saudade que ri e chora!
Tarde uma nuvem rósea lenta e transparente
Sobre o espaço, sonhadora e bela!

Soprano: Cláudia Riccitelli

Solo de violoncelo: Julio Cerzo Ortiz

Regência: Maestro León Halegua

Cello Ensemble:

Julio Cerzo Ortiz

Angelique Camargo

Fabrizio Rodrigues

Tereza Catto

Lara Ziggatti

Adriana Holtz

Vana Bock

Cristina Geraldine

Parte III

22, Semana de Arte Moderna, na concepção e apresentação do ator Ayrton Salvanini.

Textos de Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Oswald de Andrade.

Participação do violonista clássico Axel Giudice, interpretando Villa-Lobos.

Mário de Andrade:

Ode ao Burguês

Peru de Natal

Quando eu morrer quero ficar... (poema de amor a São Paulo)

Manuel Bandeira:

Pneumotórax

Dia dos mortos

Gravação sobre a doença e adolescência de Manuel Bandeira

Modinha - música cantada de Manuel Bandeira e Villa Lobos

Poema O Bicho

Trem de Ferro

Poética

Vulgivaga

Azulão (música cantada de Manuel Bandeira e Jaime Ovalle)

Pasárgada

Oswald de Andrade:

Textos esparsos sobre o Modernismo, Manifesto Antropofágico, etc.

Texto O Touro Negro (entrevista concedida três dias antes de sua morte)

- *Painéis cenográficos:*

A Boba / Anita Malfatti

Abaporu / Tarsila do Amaral

Cinto mulheres de Guaratinguetá / Di Cavalcanti

Ayrton Salvanini [imagem]

Ator, compositor, autor e diretor teatral, poeta, cantor, com 60 anos de idade, 45 anos de carreira, 30 dedicados à palavra e seus grandes mestres em aproximadamente 9.000 apresentações realizadas. Ayrton Salvanini pertence à família de artistas: neto de cantor de ópera na Itália (parte de pai) e de sanfoneiro (parte de mãe). Sua mãe foi cantora, atriz, professora de acordeão e piano, e seu pai foi cantor, violonista, compositor e professor de violão. Irmão do maestro e compositor Hareton Salvanini e pai da cantora Íris e do músico Iuri.

Alex Giudice [imagem]

Nasceu em Rosario Argentina, em 1965. Reside no Brasil desde 1986 atuando como professor concertista e produtor musical. Compartilhou palcos com Fito Paez, Juan Baglietto, Lito Vitale, Luiz Melodia, Hermeto Paschoal, Yamandú Costa, Hamilton de Hollanda entre outros. Trabalha com Ayrton Salvanini há 17 anos, em 2003 montou o Duo Villa-Lobos com o flautista suíço Edmund Rass com quem parte em Setembro deste ano para uma tournée na Europa. Seu nome, está publicado no livro Violões do Brasil onde constam os principais violinistas da história do violão do país.

Cláudia Riccitelli [imagem]

A soprano Cláudia Riccitelli, cantora de intensa trajetória internacional, consagrou-se no cenário lírico nacional como uma das artistas mais completas da atualidade. É detentora de vários prêmios nacionais, dentre eles o Prêmio Carlos Gomes de Destaque Vocal, o Prêmio Revelação da Revista BRAVO! dentre outros. Formou-se em Composição e Regência pela Faculdade Paulista de Arte, tendo aperfeiçoado seus estudos teóricos com H. J. Koellreutter. Estudou canto com Leilah Farah, Helly-Anne Karan e Anna Maria Kieffer, no Brasil, e com Rita Patané, em Milão.

León Halegua [imagem]

Nascido em Montevidéu, Uruguai, graduou-se em regência e composição pela Escuela Normal de Música, sob a orientação do Maestro Guido Santórsola. Estudou regência na Universidad Nacional de Cuyo, Argentina e na Universidad de Compostela, Espanha. Criou e dirigiu a Orquestra Barroca de Montevideo com participações para Jeunesses Musicales. Especializou-se em Regência Sinfônica com o maestro Isaac Karabtchevsky trabalhando como seu assistente na Orquestra Sinfônica Brasileira. Como regente, em Israel, realizou turnê incluindo Uruguai, Brasil, Argentina, Chile e Venezuela. No Brasil atua à frente das principais orquestras, realizando

importantes concertos sinfônicos-corais e de ópera, com solistas de renome internacional, restando mencionar uma intensa atividade didática e de direção artística.

Equipe de Realização:

José Renato Nalini - Presidente da Academia Paulista de Letras
Anna Maria Martins - Secretária Geral da APL
Antonio Clementin - Produtor Cultural
Fernanda Campos - Assessora de Imprensa
Sandra Campos - Design Gráfico
Saul Nahmias e Toby Cotrim - Produção e vídeo

Agradecimentos I:

Alencar Burti
Arnedio Oliveira
Beatriz Franco do Amaral
Carlos Augusto Calil
Edson Garcia
Francisco Antonio Garcia
Gilberto Kassab
Giselda Penteadó Di Guglielmo
Guido Palomba
Henrique Nelson Calandra
Jorge Carlos Machado Curi
José Manuel Castro Santos
Luiz Flávio Borges D'Urso
Marcel Domingos Solimeo
Márcia Camargos
Paulo Dimas de Bellis Mascaretti
Rodrigo Petronio
Sileni Monteiro de Arruda Rolla

Agradecimentos II:

Clube Paineiras do Morumbi
Esporte Clube Pinheiros
Círculo Militar de São Paulo
Associação Viva o Centro
Amosampa - Ação Local Largo do Arouche
Ordem dos Advogados do Brasil - Seção São Paulo - OAB SP
Sindicato dos Clubes do Estado de São Paulo - Sindi-Clube

[Capa]

MUNICIPAL ANO 100

2012SEMANA DE ARTE MODERNA
1922 - 2012

[Contracapa]

MUNICIPAL ANO 100

SEMANA DE ARTE MODERNA
1922 - 2012
Noventa anos

dias 15, 17, 23 e 25, às 20h - dia 19, às 18h

MAGDALENA

dias 16, 18 e 24, às 20h - dia 26, às 18h

ANDRADIANAS

PRÓLOGO . QUADRO 1 SUÍTE VILA RICA . QUADRO 2 PEDRO MALAZARTE

dia 25, às 16h - MÚSICA DE CÂMARA

CAIO PAGANO piano e QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

dia 26, às 11h

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO e PABLO ROSSI piano

TEMPORADA 2012 - fevereiro

[Página 2]

NO BALANÇO DA VANGUARDA

Marcia Camargos

Saído das pranchetas do escritório de engenharia e arquitetura do consagrado Ramos de Azevedo, o Theatro Municipal de São Paulo, concluído em 1911, vinha atender as demandas de um palco adequado para receber as grandes óperas estrangeiras. A elite cafeeira entendia que chegara a hora de inserir a metrópole emergente no mapa artístico e cultural da América do Sul. Por falta de espaço apropriado, até então as companhias líricas, em sua maioria italianas, faziam o trajeto Rio de Janeiro - Buenos Aires. O roteiro feria os brios da alta sociedade paulistana que havia selecionado como emblema da capital o desenho do braço de um bandeirante acima da frase voluntarista de "não sou conduzido, conduzo".

O novo teatro propiciou a ampliação da malha urbana, que pôde crescer para o outro lado do Viaduto do Chá. Ao mesmo tempo, satisfazia o orgulho e as aspirações cosmopolitas da oligarquia, que agora dividia o poder com os enriquecidos barões da indústria em franca expansão. O desejo de legitimação e inserção no panorama cultural brasileiro explica, ao menos em parte, porque eles financiaram um evento de vanguarda, que viria desafiar os preceitos estéticos vigentes. A semana de 22, realizada no leque das comemorações do centenário da Independência, em pleno mês de carnaval, agitou o universo artístico e literário da Pauliceia de quase 600 mil habitantes. Com a dupla Mário e Oswald de Andrade à frente, seus idealizadores articularam um evento que significou uma mudança de paradigma nas artes plásticas, na literatura e na música, inaugurando ousadas maneiras de expressão artística. Foram subvencionados pelo comitê liderado por Paulo Prado, que incluía os mais importantes representantes da classe dominante, transformando a plateia do teatro no que Menotti Del Picchia descreveu como uma "admirável corbeille de elegância, de beleza e de espírito." Em artigo de 15 de fevereiro daquele ano para o Correio Paulistano, órgão do PRP - Partido Republicano Paulista - o poeta e jornalista justificava o provável sucesso da iniciativa, que definia como acontecimento histórico para a vida mental do país e uma festa de alta repercussão social para São Paulo, devido ao fato de estarem a ela ligados nomes dos mais genuínos representantes da "mais fina aristocracia paulista".

Ao custo de 47 mil réis, que 90 anos depois equivaleria a cerca de R\$25 mil, pagos pelo aluguel do teatro, teve início o festival alardeado na imprensa, em meio a propagandas de máscaras, lança-perfumes, confetes e serpentinas para as alegres batalhas dos corsos carnavalescos. Os ingressos vendidos na sede do Automóvel Clube de São Paulo davam direito às três récitas pelo preço de 186 mil réis para camarotes e frisas, mas era possível adquirir bilhetes separados para cada uma das programações.

Foram três saraus de conferências, audições musicais e leitura de poemas nas noites de 13, 15 e 17 de fevereiro, no palco. Cerca de cem obras, incluindo maquetes, desenhos arquitetônicos, esculturas em bronze, mármore e madeira, além de óleos, desenhos, colagens e aquarelas, ficaram expostas nos hall de entrada durante a semana inteira. Desnecessário dizer que a imponência do edifício eclético de detalhes neoclássicos contrastava com a tônica irreverente dos vanguardistas,

acusados de chocar a elite endinheirada com os versos sem rima de Manuel Bandeira, declamados por Ronald de Carvalho, os quadros sem perspectiva de Anita Malfatti, as esculturas surpreendentes de Victor Brecheret e a música dissonante de Villa-Lobos.

Iconoclasta e espontânea, pulsando entre forças contraditórias, a Semana de 22 propunha novos olhares sobre antigos repertórios, deixando a zona de conforto rumo às experimentações no âmbito do desconhecido e do incerto. Na época, causou escândalo. Firmou-se ao longo do tempo em instituições como o movimento Pau Brasil, Verde Amarelo, e os antagonísticos Antropofagia e Anta. Hoje, noventa anos depois, o ideário modernista inaugurado naquele evento segue como fonte de inspiração, ilustrando como é possível conjugar o léxico das vanguardas nacionais e estrangeiras com nossas raízes populares mais autênticas.

[imagens no texto abaixo:]

Capa do **Programa da Semana de Arte Moderna, 1922**. [acima] Capa do **Catálogo da Exposição**, ambas criadas por Emiliano Di Cavalcanti]

Vista do Anhangabaú com Theatro Municipal ao fundo, foto da década de 1920.

[Capas da programação do Municipal criadas por Di Cavalcanti, Quirino e Tarsila, respectivamente.]

[Foto do almoço de encerramento da Semana]

(Casa Guilherme de Almeida)

[Exemplar de Pauliceia Desvairada com dedicatória do autor a Guilherme de Almeida, 1911]

participantes da semana de arte moderna de são paulo, 1922

arquitetura - antonio garcia moya, georg przrembel - **pintura** - alberto martins ribeiro, anita malfatti, antonio paim vieira castelo, emiliano di cavalcanti, ferrignac, joão f. de almeida prado, jonh graz, vicente do rego monteiro, zina aita - **escultura** - hildegardo leão veloso, victor brecheret, wilhelm haarberg - **música** - alfredo gomes, ernani braga, frutuoso de lima vianna, guiomar novaes, lucilia villa-lobos, paulinia d'ambrósio, heitor villa-lobos - **literatura** - álvaro moreyra, afonso schmidt, agenor barbosa, elysio de carvalho, guilherme de almeida, luis aranha, mário de andrade, menotti del picchia, moacir deabreu, oswald de andrade, ribeiro couto, rodrigues de almeida, ronald de carvalho, sérgio milliet

[imagem no texto:]

Cicero Dias, Gilberto Freyre, Sergio Buarque de Holanda, José Américo de Almeida, Rodrigo Mello Franco de Andrade e Antonio Bento, década de 30
Exemplar de Os Condenados, de Oswald de Andrade.
O Mamoeiro, de Tarsila do Amaral, 1925
Pagu, Elsie Lessa, Tarsila do Amaral, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Eugenia Álvaro Moreyra, 1922
Vicente do Rego Monteiro
Desenho de Victor Brecheret
A Estudante Russa, de Anita Malfatti, 1915
Menotti del Picchia
Capa do livro Raça, de Guilherme de Almeida

[Página 6]

MAGDALENA

Aventura Musical em dois atos

Heitor Villa-Lobos

Libreto de FREDERICKI BRENNAN e HOMER CURRAN

Produção original: THÉÂTRE DU CHÂTELET

Diretor geral: JEAN-LUC CHOPLIN [Paris]

Direção musical: SÉBASTIEN ROULAND

Direção cênica: KATE WHORISKEY

Cenários: DEREK McLANE

Figurinos: PAUL TAZEWELL

Coreografia: WARREN ADAMS

Desenho de luz: ALEXANDER KOPPELMANN

Châtelet - Théâtre Musical de Paris

[imagem no texto: Villa-Lobos na década de 20]

[Página 7]

Magdalena, uma Aventura Musical de Villa-Lobos

Luis Gustavo Petri

Os anos de 1947 e 1948 foram especiais - e controversos - na vida do compositor. Junto com o enorme sucesso internacional, apareceu o câncer de bexiga que o levaria onze anos depois. Sua vida foi salva na época por uma muito bem sucedida cirurgia e ele pode realizar esse e outros tantos projetos até 1959, quando faleceu. Sorte da humanidade!

Nessa época, Villa recebeu um convite tentador: um musical para a Broadway. Mais uma experiência para sua já extensa obra com incursões em vários gêneros.

Robert Wright e George Forrest haviam feito sucesso com um musical baseado em música de Edward Grieg, *Song of Norway*, e tiveram a ideia de fazer o mesmo com Villa-Lobos, com a diferença de que Villa-Lobos era vivo.

Villa-Lobos aceita o convite. Como o tempo era exíguo e a ideia era manter o formato de *Song of Norway*, continuando o modelo que eles fizeram com a música de Grieg, foi sugerido que Villa utilizasse composições já escritas por ele. Villa escolheu o que havia melhor em sua produção e conseguiu costurar com maestria o enredo. Os libretistas Brennan e Curran reclamaram um pouco da métrica e das características da música, mas acabaram por se render ao encanto da música do brasileiro.

Nesta versão de *Magdalena*, o desafio é justamente manter as características do musical americano, mas com a brasilidade da composição original.

Musical ou ópera? Eu prefiro a descrição do compositor: "Uma Aventura Musical". Vocalmente encontramos na composição uma solução inteligente. Villa-Lobos não abriu mão do lirismo e nem da impostação do canto lírico e conseguiu uma mistura muito rica. Nos papéis mais característicos como do General Carabaña ou do "astrólogo" Zoggie, Villa-Lobos aproximou-se

da comédia musical, e com Maria, Pedro, Tereza e o Padre, a escrita é mais próxima da ópera. Independentemente do rótulo, *Magdalena* é um lindo espetáculo.

Quem conhece a extensa obra de Villa reconhece com facilidade trechos como o coral das *Bachianas Brasileiras n° 4*, *a Valsa da Dor*, *Remeiro de São Francisco*, *Impressões Seresteiras*, *Guia Prático*, entre outras, aumentando o prazer de descobrir a sensibilidade do mestre na construção musical da obra em função do enredo e da dramaturgia, escolhendo a dedo o seu melhor material. Para o restante do público, aqui e ali são ouvidos temas nitidamente brasileiros e, mesmo para quem não conhece nada de Villa-Lobos, há certa familiaridade com a obra.

Nos teatros da Broadway, os musicais são executados com orquestra pequena, e Villa mais uma vez consegue efeitos impressionantes mesmo com esta redução. A ambientação na floresta e da noite parisiense são ricamente ilustradas no uso da paleta orquestral, oferecendo combinações muito criativas apesar dos poucos recursos disponíveis.

Fico honrado de poder estar à frente da primeira encenação dessa *Aventura Musical* aqui em São Paulo e, de certo modo, poder auxiliar a corrigir certa injustiça com a obra de Villa-Lobos. *Magdalena* teve uma curta temporada na Broadway por causa de uma greve de músicos. Aqui no Brasil, foi muito pouco executada e, finalmente, temos condições de conhecer este trabalho da maneira como certamente Villa-Lobos endossaria.

MAGDALENA

Aventura Musical em dois atos
Heitor Villa-Lobos

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL - CORAL LÍRICO MUNICIPAL - CORAL DA GENTE

Maria: Rosana Lamosa
Teresa: Luciana Bueno
Pedro: Rubens Medina
General Carabaña: Sávio Sperandio
Padre José: Saulo Javan
Velho (Le vieil homme): Miguel Geraldi
Zoggie: Paulo Queiróz
Major Blanc: Pedro Ometto
Solis: Adriana Magalhães
Ramon: Walter Fawcett
Chico: Giovanni Camargo
Conchita: Juliana Soares
Juan: Marco Watanab

Regência e Direção musical: Luis Gustavo Petri
Direção cênica original: Kate Whoriskey
Direção cênica - Reposição: Jean-Philippe Delavault
Versão português: Claudio Botelho
Cenografia: Derek McLane
Figurinos: Paul Tazewell
Coreografia original: Warren Adams
Coreógrafa e Adaptação de coreografia: Dinah Perry
Desenhos de luz: Alexander Koppelman
Maquiagem e Caracterização: Westerley Dornellas
Regente do Coral Lírico: Mário Zaccaro
Regente Coral da Gente: Silmara Drezza

Coordenação de produção do TMSP: Rosa Caramaschi
Direção de produção: Rosana Caramaschi
Produção no Brasil: Casa da Ópera

Duração: 2h com intervalo

Apoio: Institut Français, Consulado Geral da França em São Paulo

O Theatro Municipal de São Paulo agradece ao Consulado da França em São Paulo pela cooperação para a realização da ópera *Magdalena*

[Página 9]

IRINEU FRANCO PERPETUO

1944 foi um ano de inflexão na carreira de Villa-Lobos. Com o Estado Novo, que lhe dera prestígio e um emprego sólido, nos estertores, o compositor resolveu aceitar o convite de viajar aos EUA. Em Los Angeles, regeu a *Janssen Symphony Orchestra* e recebeu os cumprimentos de Stravinsky; em Nova York, concertos, homenagens e a valiosa amizade de Olin Downes, respeitado crítico do . Começava aí uma relação das mais frutíferas: até a morte, em 1959, Villa-Lobos não passaria um ano sem visitar os EUA, recebendo encomendas das grandes orquestras norte-americanas e escrevendo até para o cinema.

1944 foi ainda o ano do estrondoso sucesso de *Song of Norway*, musical que reaproveitava obras do compositor nacionalista norueguês Edvard Grieg (1843-1907). O espetáculo estreou na *Los Angeles Civic Light Opera*, de Edwin Lester, e teve nada menos de 860 performances no *Imperial Theatre*, em Nova York, e foi o primeiro show da Broadway a cruzar o Atlântico depois do fim da II Guerra Mundial, com 526 récitas em Londres.

Celebrando o êxito em um restaurante nova-iorquino, Lester, o outro produtor do espetáculo, Homer Carrant, e os letristas e adaptadores da música de Grieg, Robert Wright e George Forrest, pensavam em qual seria o próximo passo. Depois do clima nórdico, decidiu-se por uma história ambientada nos trópicos. Entraram, assim, em contato com o compositor mais célebre do Hemisfério Sul, Villa-Lobos, que receberia dez mil dólares de cachê pela empreitada.

O compositor embarcou para os EUA em 1947, com a mulher, Mindinha, e o amigo José Vieira Brandão, compositor, pianista e intérprete preferencial de sua música.

A ideia inicial de Wright e Forrest era adaptar obras preexistentes de Villa-Lobos, como haviam feito com Grieg. O compositor, contudo, optou por outra forma de trabalho: “Digam-me o que escrever e eu escreverei. Vocês conhecem tudo o que eu já compus, só me digam o que querem usar e eu decorarei de uma outra maneira, se os direitos autorais estiverem livres; caso contrário, eu escreverei algo ainda mais lindo”, afirmou.

Fechado em um hotel, com Wright e Forrest, Villa-Lobos escreveu, em um mês, 321 páginas de música. Detalhe: àquela época, não havia um libreto disponível. Só se sabia que a ação seria ambientada no rio Magdalena, na Colômbia, em 1912, e que teria quatro personagens: Teresa, uma tempestuosa e divertida cozinheira francesa; Carabaña, um colombiano expatriado e elevado a general; Pedro, um jovem rebelde, motorista de ônibus; e Maria, sua amada, uma espécie de líder nativa. Só depois de a música estar pronta Frederick Hazlitt Brennan foi chamado para finalmente escrever o libreto.

A estreia do espetáculo aconteceu em 26 de julho de 1948 em Los Angeles, no *Philharmonic Auditorium*, onde ficou em cartaz durante três semanas, concluindo a temporada da *Los Angeles Civic Light Association*.

O compositor, contudo, não pôde comparecer. Diagnosticado com câncer na bexiga, foi operado no Memorial Hospital, em Nova York, em 07 de julho de 1948. Além do auxílio do governo brasileiro, a renda obtida com *Magdalena* foi fundamental para custeio da cirurgia.

Na Broadway, em Nova York, *Magdalena* estreou no *Ziegfeld Theater* em 20 de setembro de 1948, ficando em cartaz até 4 de dezembro do mesmo ano. Depois de décadas de esquecimento, a “aventura musical em dois atos”, como o compositor classificou a obra, foi revivida em um concerto no *Alice Tully Hall*, em 1987, como parte das celebrações do centenário de nascimento de Villa-Lobos.

O concerto acabou gerando uma gravação em disco e, aos poucos, vieram novas retomadas da obra: em 1992, no *College of Wooster* (Ohio, EUA); em 2003, no Festival Amazonas de Ópera,

em Manaus; em 2012, no Theatro Municipal do Rio de Janeiro; e, no mesmo ano, o *Théâtre du Châtelet*, em Paris, na produção que temos agora a oportunidade de assistir.

Os 26 números musicais que constituem a partitura evocam, muitas vezes, algumas das melodias mais populares do compositor. No começo e no final da obra, por exemplo, ouvimos um motivo coral das *Bachianas Brasileiras n.º 4*. Logo se sucedem vários temas originalmente escritos para piano solo: trechos de *Ibericarabe*, *Impressões Seresteiras*, *Valsa da Dor*, *Festa do Sertão*, *Kankukus* e *Na Corda da Viola* compõem com a orquestração caracteristicamente luxuriante da fase final de Villa-Lobos, que também reaproveita música vocal, como as *Modinhas e Canções* e trechos da ópera *Izath*.

Um autor maduro revisitando suas obras, ou um truque fácil para ganhar dinheiro? Richard Rodgers (1902-1979), depois de ver *Magdalena*, vaticinou: “é a partitura musical mais importante desde *Porgy and Bess*”. Vindo de quem vinha, o elogio não queria dizer pouca coisa: norte-americano, Rodgers foi um dos autores de maior sucesso da Broadway, escrevendo mais de 900 canções e 43 musicais, dentre os quais clássicos como *Oklahoma*, *South Pacific* e *The King and I*.

[imagem no texto: Capa e página central do programa de Magdalena no *Ziegfeld Theatre*]

ATO 1

Um final de tarde nos subúrbios de Puerto Honda na Colômbia. A vila dos índios Muzos está situada às margens do rio Magdalena, em uma clareira na orla da floresta virgem. É dia da festa de Virgem. O missionário Padre José conseguiu reunir ao seu redor todos os Muzos, a começar por sua chefe, Maria. Somente Pedro, o amor de infância de Maria, se recusa a ir à igreja e adotar a fé católica.

O Padre José deve deixar a vila para uma viagem para o sul do país. Na sua ausência, ele confia à Magdalena o santuário e a imagem da Virgem que ele abriga. Os índios Muzos trabalham como mineiros nas minas de esmeraldas localizadas na propriedade do coronel Carabaña. Sob as ordens de Maria, eles decidiram paralisar o trabalho, pois ela deseja protestar contra as intenções violentas dos contramestres contra seu povo. Pedro e Maria se opõem à maneira de lidar com este conflito: Maria defende que o amor e o respeito mútuos são a chave da resolução de qualquer conflito, enquanto que Pedro considera a hipótese do general Carabaña ter roubado as terras e as minas dos Muzos e que a religião transformou seu povo em um povo de covardes. É por isso que Pedro e Maria se opõem violentamente quando o Major Carlos Blanco, braço direito do general, chega para se informar sobre as razões da greve.

Em vista da determinação de Maria em prosseguir com esta greve, Blanco decide informar o general pessoalmente sobre a situação, já que ele se encontra em Paris. Em Paris, o general Carabaña se esbalda com a deliciosa comida de Teresa, sua amante, orgulhosa e cólerica, encarregada do café *O pequeno rato negro* que, sob uma aparência respeitável, é um verdadeiro antro. Quando o major Blanco chega e anuncia a situação das minas ao general, este último decide voltar para o campo na Colômbia e convence Teresa a lhe acompanhar.

Ao chegarem ao porto de Puerto Honda, Maria está lá para receber o general e Teresa. Ela os convida para uma “festa de amor” organizada no santuário em sua honra. Pedro se revolta uma vez mais contra o que lhe parece ser uma traição de seu povo.

Enquanto o general e Teresa se dirigem à festa, Pedro irrompe acompanhado dos índios Chivors bêbados. Ele se revolta contra os seus, afirmando que a devoção deles à Virgem destruiu toda a vontade deles e que eles deveriam se livrar dela o mais rápido possível. O general e Teresa se recusam a ficar na festa. Maria fica de guarda no santuário. Pedro, que previa roubar a Virgem, chega com dois Chivors. Enquanto seus companheiros se escondem, Pedro desvia a atenção de Maria. Ele pede a ela que o desculpe por estragar a festa e anuncia que o general não virá mais. Eles se reconciliam no final e Pedro confessa seu amor. Ele conduz Maria à floresta e os Chivors aproveitam para se apoderar da Virgem.

[Imagens no texto do espetáculo]

ATO 2

Uma clareira à luz da lua. O astro brilha tão forte que os pássaros acreditam que é dia e se instalam sobre a grande sequóia: é a ocasião da festa ancestral da árvore que canta, celebrada pelos Muzos.

Enquanto Pedro e Maria anunciam que decidiram se casar, surge Manuel, portador da horrível notícia: a Virgem desapareceu. A multidão precipita-se para partir em busca dela, mas Maria, sozinha com Pedro, compreende que ele é a origem deste desaparecimento. Ela renuncia ao casamento e decide ir até a casa de Carabaña para propor um acordo sobre as minas.

Enquanto Pedro se junta aos Muzos, o major Blanco chega e anuncia que o general decretou a proibição de os índios se reunirem em lugares públicos até que o trabalho seja retomado nas minas.

Pedro, furioso, chama os seus à revolta e os convence a irem até a casa do general para exigir a devolução de suas minas.

Um banquete está sendo preparado na fazenda do general. Em vista do ciúme de Teresa, o general se recusa a receber Maria. Mas o major Blanco entende isto de uma outra maneira: se o general casar com Maria, desse modo, ele comprará a paz com o seu povo e continuará sendo o proprietário das minas. Seu único obstáculo será Pedro, embora seja suficiente eliminá-lo. Seduzido por esta tática, o general propõe casamento à Maria, enquanto chegam os insurgentes. Quando eles ameaçam a vida de Carabaña, Maria os faz parar e então, assina o contrato de casamento. Eles devem, então, se retirar e Maria os segue. O major Blanco anuncia que colocou uma bomba no ônibus de Pedro e que depois de sua morte, tudo deverá voltar ao normal.

Teresa assistiu à toda a cena. Louca de ciúme, ela incita o general ao seu vício preferido e lhe serve sua deliciosa comida. Incapaz de se controlar, o general se empanturra até morrer. Ao longe, ouve-se a explosão do ônibus de Pedro.

No santuário, o Padre José está de volta. Ele encontra Maria arrasada acusando-se de todos os males. Ele a conforta, mas deve constatar que ele deixou um povo em paz e o reencontra com ódio e cheio de amargura. Mesmo que a Virgem tenha desaparecido, diz ele, isto não a impede de cuidar daqueles que têm fé. Maria se recolhe em prece. Nesse momento entra Pedro, machucado, mas com vida. Maria pula no seu pescoço, vendo em sua sobrevivência o milagre que havia pedido à Virgem. Ela lhe suplica a volta da estátua milagrosa, mais Pedro se opõe, argumentando que depois que ele a levou, seu povo finalmente despertou. Maria foge novamente.

Enquanto Maria e seu povo se reúnem para dizer uma ação de graças, Pedro penetra no santuário. Ele traz a Virgem. Maria o acolhe a seu lado, feliz e satisfeita.

[Página 12]

[Imagem: Retrato de Mário de Andrade por Dimitri Ismailovitch, 1937]

ANDRDIANAS

PRÓLOGO - QUADRO 1: SUÍTE VILA RICA - QUADRO 2: PEDRO MALAZARTE
concepção e direção CLEBER PAPA

“Aquele Gênio supliciado, aquele homem amarelo, aquele carnaval alucinante, aquela paisagem invertida se não são jogos da fantasia de artistas zombeteiros, são seguramente desvairadas interpretações da natureza e da vida. Não está terminando o vosso espanto. Outros ‘horrores’ vos esperam. Daqui a pouco, juntando-se a esta coleção de disparates, uma poesia liberta, uma música extravagante, mas transcendente, virão revoltar aqueles que reagem movidos pelas forças do Passado.” (Extraído do manifesto de Graça Aranha)

CLEBER PAPA

O espetáculo *Andradianas* não reconstrói 22, nem sequer olha o período com nostalgia. Afinal, à semana de 22 atribui-se um caráter simbólico, ideias e momento que se tornaram um traço da nossa Cultura ou quando muito um marco idealizado de novos processos e circunstâncias em vertiginoso movimento, caracterizando uma verdadeira arte brasileira de natureza peculiarmente

antropófaga, surgida da digestão das influências estrangeiras e da mistura com a visão de nação acentuada naquele período.

Noventa anos depois não faz sentido qualquer tentativa de repetir 22. As relações são astronômicamente diferentes, pelo próprio contexto em que se dá a comunicação, os meios de pagamento, a forma como hoje reconhecemos (ou não) a arte.

Noventa anos depois a arte continua necessitando ser legitimada e reconhecida. Mudaram os que dizem o que é e o que não é arte. Não nos unimos socialmente, nem economicamente, nem filosoficamente (como salientou Daniel Piza). Cresceram as dúvidas sobre qual o valor da arte se reside na arte em si e seus atributos simbólicos, ou se vale um ingresso, um vale-refeição, ou uma moeda no semáforo.

Devemos refletir sobre 22 e os anos seguintes. Devemos refletir 22 e os anos seguintes. Se no início do século 20, Freud foi leitura obrigatória para Mário de Andrade, hoje podemos pensar não mais no homem como reflexo do seu inconsciente, mas numa arte em que o homem passa a ser fruto da sua consciência.

Essa transição de difícil compreensão é, provavelmente, um dos novos desafios deste tempo em que a resposta para “qual é o valor da arte?” esteja ainda distante de ser encontrada. Falhamos em não universalizar o acesso.

Andradianas propõe-se a ser um chamado à reflexão, deixando questões por responder e abrindo um espaço para que novas indagações surjam.

As intervenções realizadas no TMSp são reveladoras do quanto conhecemos (desconhecemos) de nós próprios. E também tem uma ópera.

A ópera escrita por Mário de Andrade (libreto) e por Camargo Guarnieri (música), baseia-se certamente na história em que o personagem Pedro Malazarte, com a morte do pai, recebe de herança parte de uma casa que é dividida entre os irmãos. A ele coube uma porta. Com esta possibilidade tão pequena, decide sair pelo mundo e fazer sua própria herança com ela. Primeiro caça um urubu jogando a porta num bando deles. Na ópera, o urubu vira um gato e isto de fato pouco importa, pois vale a sua utilidade como suporte para as jogadas de Malazarte para ganhar dinheiro, comida de graça e outras facilidades.

O gato é o próprio alterego de Malazarte: instrumento e algoz. Um incômodo criativo proposto por Mário e assumido por Guarnieri para a expressão perturbadora de uma cultura ainda em construção.

A casa de ópera é o Brasil - um mural simbólico de múltiplas funcionalidades e estranhas possibilidades. A casa de Mário, a ópera de Mário é uma visão rasa e conservadora desta mistura pantagruélica que denominados Pátria, um festim antropofágico. É preciso abrir mais este conceito, deixá-lo amplo o suficiente para que as plateias possam devorá-lo, insaciáveis.

PRÓLOGO

FRAGMENTOS DAS MÚSICAS - Heitor Villa-Lobos: Melodia Sentimental / Ernst Widmer: Salmos 150 / Fabiano Lozano: Cascata de Risos / Lamartine Babo: História do Brasil / Ronaldo Miranda: Belo Belo / Osvaldo Lacerda: Moda dos Quatro Rapazes / Sérgio Molina: Cerâmica / Gilberto Mendes: Poema Sobre um Quadro de Orlando Marcucci / César Guerra-Peixe: Série Xavante - Ritual da Perfuração da Orelha / Nivaldo Araneda: Ismália / Xavier Baraburu: Lundu do Escritor Difícil

CORAL PAULISTANO

Regente do coro: Tiago Pinheiro

QUADRO 1

SUITE VILA RICA

Mozart Camargo Guarnieri (1907-1993)

- I Maestoso
- II Andantino
- III Misterioso
- IV Scherzando

- V Agitado
- VI Alegre
- VII Valsa
- VIII Saudoso
- IX Humorístico
- X Gingando

Iniciada de forma algo estabana, com a infeliz Carta aberta aos músicos e críticos do Brasil - um ataque virulento ao dodecafonismo -, a década de 1950 foi, nas palavras de Marion Verhaalen, “muito fértil para Guarnieri, tanto no que diz respeito a sua atividade criativa de compositor quanto na de professor. Além disso, sua bem-sucedida carreira de regente de orquestra mantinha sua agenda repleta de compromissos regulares que se traduziam em intensa atividade”.

O Quarto Centenário da cidade de São Paulo, em 1954, rendeu duas importantes partituras orquestrais, a *Sinfonia nº 2* - laureada com o primeiro prêmio no concurso Carlos Gomes, feito na ocasião - e a *Suíte IV Centenário*, encomenda da Orquestra Sinfônica de Louisville (EUA).

E, entre 1956 e 1961, o compositor paulista atuou ainda como assessor artístico-musical de Clóvis Salgado, ministro da Educação e Cultura, ao qual dedicou a *Suíte Vila Rica*, de 1958.

A obra nasceu da única incursão cinematográfica de Camargo Guarnieri: a trilha sonora do filme *Rebelião em Vila Rica* (1957), dos irmãos Geraldo e Renato Santos Pereira, que narra uma revolta estudantil em Ouro Preto, em 1945, fazendo alusões ao ambiente político do final do século XVIII - quando a cidade se chamava Vila Rica.

Começando com o tema que na verdade encerra o filme (associado ao herói assassinado pela polícia), a Suíte possui, na opinião de Verhaalen, “caráter bastante diferente das outras obras do compositor. As estruturas das frases são quadradas e os movimentos individuais não são muito desenvolvidos”. À época (1959), o crítico Caldeira Filho escreveu: “Notável o interesse que Camargo Guarnieri conserva nas peças pequenas, de si despreziosas e destinadas ao fundo sonoro da película. Ouvidas em concerto, readquirem personalidade e autonomia e nos surpreendem pela integral validade sinfônica que possuem”.

A composição da trilha sonora fora precedida pela gravação em fita, pelos diretores do filme, de canções típicas da região de Ouro Preto, em consulta a moradores da cidade. Destas, a suíte aproveitou *Tim, tim, oi lá lá*, entoada pelo oboé no quinto movimento, *Agitado*. IRINEU FRANCO PERPETUO

-
Que corpo é esse? Brasileiro? O que ele carrega como memória do modernismo? O que continua nos impulsionando, de lá até aqui? Não temos identidade definida? O modernismo nos definiu?

O novo espetáculo do BCSP para as comemorações da Semana de 22 do Theatro Municipal colocou todo o elenco em movimento criativo, questionando nossa herança cultural brasileira, nosso percurso e nossa identidade.

Com essas questões em mente, nos deparamos com a música de Camargo Guarnieri, que nos impôs um grande desafio: dialogar com algo que já estava lá e já estava construído para um outro tempo.

Curiosamente, esse tempo também nos pertence e criamos assim, com a música, uma nova paisagem. Moderna, pós-moderna ou contemporânea, não importa. O que nos impulsiona, afinal, é o que ainda está por vir. Então, que sejamos sempre antropofágicos, gulosos, abertos, eternamente inacabados e sempre “em obras”. Lara Pinheiro

-

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL - BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Regente: Carlos Moreno

Coreografia: Lara Pinheiro

Figurinos: Fábio Namatame

Desenho de luz: Joyce Drummond

Maquiagem e Caracterização: Westerley Dornellas

Duração: 30min

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO - Concepção e Direção: Lara Pinheiro. Coreografia: Lara Pinheiro, Camila Ribeiro, Fernanda Bueno, Gleidson Vigne, Hamilton Felix, Jaruam Miguez, Henrique Lima, Liliâne de Grammont, Marisa Bucoff, Raymundo Costa, Tutto Gomes, Vivian Navega Dias e Woody Santana. Assistentes de Coreografia: Susana Mafra, Kenia Genaro e Lumena Macedo. Elenco: Adilson Júnior, Andressa Barbosa, Bruno Gregório, Camila Ribeiro, Carolina Franco, Carolina Martinelli, Cleber Fantinatti, Erika Ishimaru, Fabiana Fornes, Fernanda Bueno, Gleidson Vigne, Hamilton Felix, Jan Alencar, Jaruam Miguez, Jefferson Damasceno, Henrique Lima, Laura Ávila, Leonardo Hoehne Polato, Liliâne de Grammont, Manuel Gomes, Marisa Bucoff, Patu Nunes, Raymundo Costa, Renata Bardazzi, Roberta Botta, Thais França, Tutto Gomes, Victor Hugo Vila Nova, Vivian Navega Dias, Wagner Varela, Woody Santana e Yasser Diaz. Pré-profissionais: Luana Nery e Paula Miessa.

[Página 16]

QUADRO 2

PEDRO MALAZARTE

ópera de um ato de Mozart Camargo Guarnieri
libreto de Mário de Andrade

Alexandre Eulálio

Comentário escrito para o programa do espetáculo Pedro Malazarte & TC - Composições de Camargo Guarnieri sobre textos de Mário de Andrade realizado por ocasião dos 30 anos da morte de Mário de Andrade (07/12/1975, TMSP/SMC)

O projeto musical de Mário de Andrade é quase tão ambicioso como o da obra literária dele. Nada mais consequente: profissional no campo do ensino da música, professor do Conservatório como era mestre do Brasil, tratou de propor apaixonadamente - através de compêndios, de artigos, de ensaios - um autêntico plano decenal da música brasileira. Primeiro, a definição ao mesmo tempo tipológica e topológica a fisionomia e da personalidade musical do Brasil através dos seus substratos populares. Em seguida, o libertário transfigurar dessas virtualidades na criação erudita, com plena consciência da função social.

Propondo sem esquematismo algum a reelaboração do conceito mesmo de música brasileira aos jovens compositores do tempo, Mário levou avante a missão de inventor dele - com aguda inteligência e lucidez a toda prova. Indicando, sugerindo, promovendo discussão, propondo soluções, equacionando novos estudos, tratou de motivar os músicos moços a fim de que assumissem identidade cultural profunda e coerente. Identidade definida em situação, aqui e agora. A sua proposta de radical autoconhecimento, a busca desse eu coletivo, pretendia romper com a ignorância e a rotina acadêmica; caminhava no sentido de uma criatividade solidamente orientada pelos impulsos musicais profundos da comunidade popular.

A poderosa intuição antropológica de Mário de Andrade superava as próprias deficiências e se enriqueceria pelos anos afora com a abordagem sempre mais abrangente e livre desse problema. Entendida as mais das vezes pela metade, quase sempre como a pregação de limitado nacionalismo folclorizante (ainda hoje parecem pensar assim quase todos aqueles que se interessaram pela questão), a sua proposta vem clarissimamente exposta nos escritos teóricos que deixou, hoje reunidos na edição uniforme das *Obras (Música, doce Música; Aspectos da Música Brasileira; Pequena História da Música)*, a partir do *Ensaio sobre a Música Brasileira*, que é de 1928. Camargo Guarnieri, de todos os compositores que então se aproximaram de Mário de Andrade, parece ter sido aquele que melhor apreendeu a complexidade milionária da proposta dele. No mesmo ano da publicação do *Ensaio* - livro que funciona como um rebate, chamando à caserna de si mesmos veteranos e recrutas, e que na última página se reafirma "uma obra interessada, uma obra de ação" - começa a fecunda parceria dos dois. Que se inicia, nada menos, com um projeto de ópera, ópera nacional, é claro, diretamente ligada às preocupações expostas no voluminho há pouco editado pela Casa Chiarato.

1928 é ano decisivo para Mário de Andrade; de muito trabalho, como sempre. *Macunaima*, que deveria aparecer em livro em julho, exige-lhe as últimas e urgentes alterações. Além disto, a sua atividade desdobra-se na vasta correspondência para os quatro cantos do país, em artigos de crítica musical e literária, polêmicas, ensaios sobre folclore, comunicações para progresso, sem se falar na obra propriamente de criação - os vários poemas que então compõe.

Ainda não é tudo. Outras aventuras apaixonavam o desinsofrido autor do *Losango Cáqui*. A 10 de outubro, escrevendo a Manuel Bandeira, depois de repelir deliciado uma louvação do amigo à 'rapsódia' do herói sem nenhum caráter, referia-se ainda à nova experiência:

"Falar nisso COMUNICO-VOS que escrevi o libreto de uma ópera!!! Sobre isso até careço consultar você. Tomei um passo do ciclo de Malazarte, coisa pouco conhecida e creio que só mineira, está no Lindolfo Gomes, e fiz em 2 dias pra acaso urgente um libretinho-merda de ópera-cômica em um ato. Malazarte flirta uma dona casada, de fato só para bispar a janta boa dela. Ela é baiana, moram em Sta. Catarina casada com um alemão. Ele foi na cidade vender o mate dele e a cena está só com a baiana pondo a janta na mesa pro namorado que vem. Está inquieta esperando, e abre a janela entra uma rajada de coro (pretexto para aproveitar o coro do Baldi, a ópera vai ser cantada no ano que vem). É uma ciranda pedindo pra dançar na casa. Ela manda o pessoal dançar e põe o resto na mesa: caninha do Ô, língua do Rio Grande, doce de bacuri, tacacá com tucupi. (Nem um só doce baiano só pra moer). Ciranda amazônica passando por baiana em Santa Catarina. Ciranda vai e assim fica perto entrando intermitentemente na ópera. Está claro que o meu interesse é fazer um espetáculo musical bonito, movimentado, cheio de possibilidades musicais e coloridas, nada mais".

A carta prossegue dando detalhes do enredo, que não transcrevemos a fim de deixar ao leitor o prazer de acompanhar no próprio texto a trama divertida. Fazemos menção apenas às partes musicais mais importantes:

"Alamão reconhecido brinda a *mulher de brasileiro*, solo de barítono";

"Malazarte cai do alto sobre uns fardo de algodão ad hoc. - Que está fazendo aqui? Solo de tenor em recitativo e embolada"; "obrigou a mulher a cantar uma modinha, solo de soprano, acompanhamento de viola (instrumental, orquestra de câmara) e refrão de coro no palco"; "Malazarte: - Fica com teu marido, dona. Ele é bom etc., pretexto para música reflexiva, semi-tristonha".

Mais além continua, autocrítico:

"Meu texto não tem nada que valha por si. Os versos são bestas, sem nenhuma correção. O caso é que vale a musicalidade. Músico: Mozart Camargo Guarnieri, 21 anos, moderno, brasileiroíssimo, inteligente. Obra de mocidade para ele. Isso não tem importância nem meu texto. O caso de consulta é o nome da peça. Malazarte só, fica Graça Aranha. Uma de Malazarte? Pedro Malazarte? Escolha."

O autor da partitura daria também, posteriormente, depoimento sobre o modo pelo qual surgiu a ideia do seu trabalho. "Na casa de Mário de Andrade em 1928 - conta Camargo Guarnieri - ele, Lamberto Baldi e eu conversávamos, quando surgiu a ideia de uma ópera nacional. Mário ficou assanhado e, três dias depois, me deu o libreto pronto. Precipitei estudá-lo e a escrever a música, mas logo cheguei à conclusão de que as minhas forças de compositor ainda não alcançariam o objetivo visado. Pus fora o trabalho feito, mas prossegui ruminando o assunto, até que, em 1930, fiz nova investida. Os resultados, porém, não se modificaram, e dessa tentativa conservei apenas o tema da janta, que é o mesmo da abertura da ópera. O mesmo processo de rinação do argumento e o exame da melhor maneira de realizá-lo musicalmente me tomaram todo o ano de 1931, até que me senti com forças de por as mãos à obra. E tudo ocorreu então fluentemente. Iniciando *Pedro Malazarte* a 1º de janeiro, pude concluí-lo a 6 de fevereiro de 1932" (Eurico Nogueira França, *O Pedro Malazarte de Camargo Guarnieri no Municipal. Correio da Manhã*, RJ, 25 de maio de 1952).

Conta ainda Guarnieri que, na primeira versão musical, a ópera era para grande orquestra. Conversando, porém, com o amigo autor do texto, confessou-lhe parecer inadequada tal instrumentação para uma comédia lírica que durava unicamente cinquenta e cinco minutos, e na qual contracenavam apenas três personagens. Nestas circunstâncias, quem sabe se não daria melhores resultados uma orquestra reduzida? Para sua grande surpresa lia pouco depois, na edição da *História da Música* de Mário, recém-aparecida, que o compositor do *Pedro Malazarte*, insatisfeito com a primeira tentativa, havia reinstrumentado a ópera. Já que assim estava consignado em letra-de-forma, e pelo próprio autor do libreto, o compositor conformou-se - não sem *sense of humor* - em reduzir para orquestra de câmara a primeira partitura.

Transcreveu-a, portanto, para duas flautas, dois oboés, duas clarinetas, dois fagotes, duas trompas, duas trompetas, harpa, tímpano, instrumentos brasileiros de percussão, além de quinteto de cordas. "A concepção cênica primitiva, anota Nogueira França, foi também modificado por sugestão do Maestro Baldi, que achou de pouco efeito dramático limitar-se a ação apenas a um interior - a sala da rústica morada do teuto-brasileiro, o Alamão da ópera. A cena dividiu-se assim em duas partes, pondo-se à direita do casebre o terreiro de São João, com seus elementos característicos, mastro e fogueira".

Levado à cena pela primeira vez em 1952, no Teatro Musical do Rio de Janeiro (Temporada Nacional de Arte, aí novamente montado em 1959, após uma segunda apresentação ao público paulista em 1955. E se Antonio Rangel Bandeira (*Caixa de Música*, Rio de Janeiro, 1959) vê-lo como uma "espécie de *Prosopopéia* da ópera nacional", para Luis Heitor (*150 Anos de Música no Brasil*, Rio de Janeiro, 1956) Pedro Malazarte constitui um "delicioso *scherzo*" pontilhado de humorismo subtil.

Nogueira França, por sua vez, pensa que o trabalho de Mário e Guarnieri deixa de ser autêntica obra-prima apenas por não ter conseguido o libretista dar uma motivação real ao coro, cuja presença em cena é factícia e não se entrosa com a ação, ainda que musicalmente tenha sido perfeitamente superado pelo compositor nesse aspecto. E mais recentemente acrescentou que *Pedro Malazarte* traz indicações de rumo estético certas para a criação de uma grande ópera brasileira.

"De qualidade superior, a música se nutre de brasilidade irresistível, e a unidade da obra resulta da admirável precisão com que essa música se adapta ao significado e até aos valores fonéticos do texto de Mário de Andrade. Camargo Guarnieri faz circular na partitura grande número de elementos rítmicos-melódicos brasileiros. Mas *Pedro Malazarte* não é ópera folclórica. Trata-se de trabalho de criação autônoma, de um compositor que estuda e assimila a música popular sem se ater a nenhuma espécie de literalidade e, salvo em simples citações episódicas, não pretende dar nenhuma fotografia do documento musical anônimo".

As redondilhas da Serra do Rola-Moça fazem parte, como se sabe, do rapsódico Noturno de Belo Horizonte. Neste poema Mário de Andrade transpôs, com respiração unanimista, a visita feita às velhas cidades do ouro em 1924. Era durante a célebre excursão do grupo modernista paulistano a Minas Gerais. A cantante musicalidade, o conteúdo mítico, a estrutura cíclica desse fragmento tornaram-no um dos textos mais populares do autor. O lirismo despojado do texto e a contida dramaticidade do tema provocaram também o interesse dos compositores: em 1941 Camargo Guarnieri o musicava, conseguindo uma das mais belas realizações para canto e orquestra de toda a obra dele.

Já os *Quatro Poemas de Macunaima* foram compostos sete anos mais tarde, 1948. Peças independentes entre si, cada uma representando estado psicológico diferente, devem ser executadas sem interrupção. O texto é complexo, de diferentes procedências - misto de palavras africanas, ameríndias e portuguesas, mas os temas musicais de todas elas foram criações individuais do compositor.

O concerto abre-se com a peça mais recente do programa de hoje: o *Ponteio 48*, para cordas de 1958. Conforme o próprio Mário anotou certa vez, "ponteiado, pontear indicam prelúdio, preludiar, improvisar". Camargo Guarnieri adotou com felicidade esse título para meia-centena de prelúdios que compôs. Essa forma aparentemente livre e divagante no entanto é fruto de requintada estrutura cujo exigente rigor redundava na transparência cristalina própria a toda obra de Camargo Guarnieri.

Nota: As três últimas peças comentadas neste artigo não fazem parte da programação dos 90 anos da Semana de 22.

[Imagens neste texto: 1. Estúdio de Guarnieri. Na parede, fotos de Mário e de Lamberto Baldi, e ao centro um retrato seu pintado por sua irmã Maria Cecília. 2. Foto de Mário de Andrade, Lamberto Baldi e Camargo Guarnieri, 1942. Coleção Camargo Guarnieri.]

[Página 20]

PEDRO MALAZARTE

ópera de um ato de MOZART CAMARGO GUARNIERI

Pedro Malazarte: Sebastião Teixeira
Baiana: Edinéia de Oliveira
Alamão: Eric Herrero
Atriz: Daniela Farias
Bailarino: Mario Talarico

Regência e Direção musical: Carlos Moreno
Direção, Concepção e Cenografia: Cleber Papa
Figurinos: Fábio Namatame
Coreografia: Dinah Perry
Desenho de luz: Joyce Drummond
Maquiagem e Caracterização: Westerley Dornellas
Regente do Coral Lírico: Mário Zaccaro

Coordenação de produção do TMSP: Rosa Casali
Direção de produção: Rosana Caramaschi
Produção: Casa da Ópera

Duração: 45min sem intervalo

Os direitos de releitura da imagem do quadro *Abaporu*, para a cenografia do espetáculo *Pedro Malazarte*, foram cedidos pela Família Tarsila do Amaral.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL - CORAL LÍRICO

CAIO PAGANO - QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO

CLAUDE DEBUSSY (1862-1918)
La terrasse des audiences du clair de lune 4 min
Clair de Lune 5min
La Soirée dans Grenade 5min
Minstrels 3min

Heitor VILLA-LOBOS (1887-1959)
O ginete do Pierrozinho 1min
Acordei de Madrugada 2min
A Maré Encheu 2min
Manquinha 2min
Na Corda da Viola 2min

intervalo 15min

HEITOR VILLA-LOBOS (1887-1959)

Scherzo Satírico do Quarteto n° 3
“Pipocas e Patócas” 5min

ROBERT SCHUMANN (1810-1856)
Quinteto Op. 44, em Mi Bemol Maior 30min
- *Allegro Brillante*
- *In modo d'una marcia. Un poco largamente*
- *Scherzo: Molto vivace*
- *Allegro ma non troppo*

CAIO PAGANO piano
QUARTETO DE CORDAS DA CIDADE DE SÃO PAULO
BETINA STEGMANN violino
NELSON RIOS violino
MARCELO JAFFÉ viola
ROBERT SUETHOLZ violoncelo

[Imagem na página: fotografia de Guiomar Novaes, 1966]

A Semana de Arte Moderna se desenvolveu em três festivais, nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro de 1922. No segundo festival, a grande atração era a pianista Guiomar Novaes (1894-1979), que estudara no Conservatório de Paris e, depois, já fizera grande carreira internacional, apresentando-se em Londres, Genebra, Milão, Berlim e Munique, em seguida, uma aclamada permanência de vários anos nos EUA.

Na Semana de Arte Moderna, ela tocou uma peça do suíço Emile Robert Blanchet (1877-1943), e três obras presentes no concerto de hoje: *O Ginete do Pierrozinho* (da suite *Carnaval das Crianças*), de Villa-Lobos, e, de Debussy, *La soirée dans Grenade* (uma evocação da música espanhola, que faz parte das *Estampes*) e *Minstrels* (peça humorística que conclui o primeiro livro dos Prelúdios).

A escolha de repertório estava longe de ser aleatória. Debussy, cujos 150 anos de nascimento festejamos em 2012, esteve presente na banca de admissão de Novaes ao Conservatório de Paris, em 1909, encantando-se com a adolescente brasileira, que chamou “a pessoa mais artística” dos 388 candidatos.

Além disso, sua influência era perceptível na produção de juventude do grande protagonista musical da Semana, Villa-Lobos, único artista com participação central nos três dias em que se desdobraram as apresentações, tendo recebido honorários de 12 mil réis.

Assim, o pianista Caio Pagano complementa sua participação como solista com mais Debussy: *La terrasse des audiences du clair de lune*, do segundo livro dos *Prelúdios*, e o lirismo de *Clair de Lune*, aquela que talvez seja a mais célebre criação do compositor, trata-se do terceiro movimento da *Suite Bergamasque*, na qual ele faz referência ao poeta Paul Verlaine (1844-1896), cuja sogra, Antoinette-Flore Maute de Fleurville, fora professora de piano de Debussy.

Já os itens remanescentes de Villa-Lobos (*Acordei de Madrugada*, *A Maré Encheu*, *Manquinha*, *Na Corda da Viola*) pertencem ao primeiro álbum do *Guia Prático*, reelaboração de temas infantis datada de 1932, e estreada quando o compositor estava a serviço da ditadura do Estado Novo.

Depois da apresentação de Guiomar Novaes, em 15 de fevereiro de 1922, houve uma palestra de Mário de Andrade no saguão do Theatro. Em seguida, intervalo, uma fala de Renato Almeida e um recital de canto e piano, com Frederico Nascimento e Lucília Villa-Lobos (pianista e primeira mulher de Villa-Lobos).

Logo depois, subiu ao palco um quarteto de cordas, constituído de Paulina d'Ambrósio e George Marinuzzi (violinos), Orlando Frederico (viola) e Alfredo Gomes (violoncelo). No programa, o *Quarteto de Cordas n° 3*, de Villa-Lobos, de 1916, e estreado em 1919.

Em sua célebre análise sobre os quartetos de cordas do compositor brasileiro, o pianista Arnaldo Estrella nota que neste, em comparação com as obras anteriores, “de um modo geral, a dinâmica é mais rica, a polifonia mais clara. Rarefaz-se o contexto sonoro e melhora o equilíbrio

na disposição das vozes. Ampliada a tessitura em que o texto musical se move, as vozes não se acotovelam, pelo contrário, movem-se mais livremente no espaço polifônico, sem aglomerações, notando-se menos frequentemente os cruzamentos ambíguos, do que resulta um tecido musical mais transparente, no qual se destacam, perfeitamente distintos, os perfis das quatro vozes”.

Esse quarteto ficou conhecido como “Pipocas e Potocas” devido ao segundo movimento, um *scherzo* no qual os arcos dos executantes praticamente não intervêm - ele é tocado em *pizzicato*, ou seja, com as cordas sendo beliscas pelos instrumentistas, entre uma ou outra breve participação do arco.

Depois da incursão pelo modernismo, Caio Pagano e o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo se juntam em uma obra-prima do romantismo: o *Quinteto Op. 44*, em *Mi Bemol Maior*, de 1842, de Schumann.

Normalmente se pensa mais no alemão Robert Schumann (1810-1856) como um autor de obras para piano solo, ou de canções. Aqui, contudo, ele fez história no terreno da música de câmara: trata-se da primeira grande obra para piano e quarteto de cordas, com um resultado tão empolgante que inspirou obras-primas análogas de Brahms, Dvorák e Franck, para não falar em autores do século XX, como Fauré, Elgar e Chostakóvitch.

Chama a atenção, especialmente, o segundo movimento, uma canção sem palavras que homenageia a um só tempo a *Sinfonia Eroica*, de Beethoven, e o *Trio em Mi Bemol*, de Schubert. Richard Wagner, depois de ouvir a obra, disse que se impressionara com os dois primeiros movimentos, e escreveu ao compositor: “vejo o caminho que pretende seguir, e posso assegurar-lhe que é também o meu, nele se encontra a única possibilidade de salvação: a beleza”. IRINEU FRANCO PERPETUO

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO
Jamil Maluf - diretor artístico e regente titular

Oscar Lorenzo Fernandez (1897 - 1948)
Batuque 4 min

Heitor Villa-Lobos (1887-1959)
Momoprecoce, fantasia para piano e orquestra 25 min

intervalo 15 min

Radamés Gnattali (1906-1988)
Sinfonia Popular n°1 25 min

Jamil Maluf - regente
Pablo Rossi - Piano

Um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 22, o escritor maranhense Graça Aranha (1868-1931) encantou-se com um jovem compositor do Rio de Janeiro, Oscar Lor, que incumbiu de transformar em ópera seu *Malazarte*: Oscar Lorenzo Fernandez (1897-1948).

O início de sua relação com a música teve origem curioso: o jovem Oscar devia seguir carreira na medicina, mas, nas palavras de Luiz Heitor Correa de Azevedo, “uma enfermidade de origem nervosa, contraída na ocasião em que terminava os estudos secundários, obrigou-o a abandonar o convívio dos livros e a permanecer, durante algum tempo, em completa inatividade intelectual”.

Nascida, portanto, do “ócio criativo”, a música logo se tornaria a principal atividade do aluno do Instituto Nacional de Música, que, aos 27 anos, chegaria a professor da instituição. Lorenzo Fernandez também participou da criação do Conservatório Nacional (depois, rebatizado Brasileiro) de Música, sob sua direção de 1936 até a morte, em 1948.

No terreno orquestral, sua obra mais conhecida é o *Batuque*, movimento final da suite *Reisado do Pastoreio* (1930), regido por sumidades como Arturo Toscanini (1867-1957) e Leopold Stokowski (1882-1977), e gravada pela Filarmônica de Nova York sob a direção do mítico e extrovertido Leonard Bernstein (1918-1990).

De uma linguagem musical francamente nacionalista, Lorenzo Fernandes foi, ainda, o braço direito de Villa-Lobos em suas atividades educacionais durante o getulismo. De qualquer forma, o Estado Novo ainda se encontrava bem longe de existir quando a flamejante pianista brasileira radicada em Paris Magdalena Tagliaferro, a quem a partitura foi dedicada, estreou-a em Amsterdã, em 1929, sob a batuta do legendário Pierre Monteux (1875-1964).

Em vez de criar uma peça original, o compositor optou pela transcrição de uma criação anterior: o Carnaval das Crianças, para piano solo, estreado em 1925 por Antonietta Rudge, cujas oito seções descrevem folguedos infantis durante o entrudo: *O Ginete do Pierrozinho*, *O Chicote do Diabinho*, *A Manha do Pierrete*, *Os Guizos do Dominozinho*, *as Peripécias do Trapeirozinho*, *As Traquinices do Mascarado Mignon*, *A Gaita de um Precoce Fantasiado* e, por fim, *A Folia de um Beco Infantil*.

O que Villa-Lobos fez, basicamente, foi orquestrar cada uma das partes do Carnaval das Crianças e moldá-las em uma peça de movimento único. O título faz alusão ao rei do Carnaval: *Momoprecoce* é o Rei Momo das crianças.

"A obra tem a natureza de uma série de variações para piano e orquestra, embora a orquestração tenha, com relação aos choros, por exemplo, um papel bem menos importante. Sua função é simplesmente criar um pano de fundo para os solos de piano, que determinam o caráter de cada máscara de Carnaval e, por outro lado, juntar as cenas", analisa o musicólogo finlandês Eero Tarasti, para concluir: "o humor, irônico, nostalgia branda e sentimentalismo da obra têm caráter francês, e fazem referência expressa a Ravel".

Se o nacionalismo de Lorenzo Fernandez e Villa-Lobos impregnava suas obras de concerto de elementos populares, o nome por excelência do *crossover* brasileiro foi o gaúcho Radamés Gnattali (1906-1988).

Com técnica pianística sólida o suficiente para tocar itens virtuosísticos do repertório, como a *Sonata*, de Liszt, e o *Concerto nº1*, de Tchaikovsky, Gnattali é reverenciado na MPB na qualidade de criador de um "jeito brasileiro" de fazer orquestração de música popular, graças a milhares de arranjos cuja coroação seria o cartão-postal musical da nação: *Aquarela do Brasil*, Ary Barroso (1903-1964).

Embora ele fizesse questão de separar sua produção popular e "erudita", ambas andaram evidentemente entrelaçadas: se os arranjos populares trazem algo do apuro neoclássico das obras "eruditas", essas, por seu turno, exibem com frequência os acentos chorões e jazzísticos, bem como a qualidade "improvisatória" e o melodismo "espontâneo" da música popular.

Caso típico é a série de cinco "sinfonias populares". A *Sinfonia Popular nº1* data de 1956, tendo sido dedicada ao radialista mineiro José Mauro (1916-2004), colega do compositor nos tempos áureos da Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Estreada em 1956, no Theatro Municipal de São Paulo, com regência de Armando Belardi, ela foi definida por Ademar Nóbrega como "uma forma clássica trabalhada em proporções reduzidas de extensão e complexidade. Boa música sem os mal entendidos da música séria..." IRINEU FRANCO PERPETUO

[Imagem no texto: Foto de Villa-Lobos com dedicatória a Mário de Andrade, Rio de Janeiro, 1941]

BIOGRAFIAS

ADRIANA MAGALHÃES *soprano*

Íntegra, desde 1994, o Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Participou das óperas *Carmen*, *Madama Butterfly*, *Eugene Onieguin*, *Nabucco*, *Tanhäuser*, *La Traviata*, *Turandot*, *Fosca*, *Un Ballo in Maschera*, *Otello*, *L'Elisir d'Amore*, *Fidelio*, *La Bohème*, *Il Guarany*, *Il Trovatore*, *La Forza del Destino*, *Macbeth*, *Sansão e Dalila*; *Manon*, *Faust*, *Colombo*, *Don Carlo*, *Romeu e Julieta*, *Lohengrin* e o espetáculo *Mulheres*, de Verdi. Apresentou-se como solista nas Vesperais Líricas do Teatro Municipal, com repertório de Strauss, Duparc, Handel, Wolf, Debussy, Verdi, Puccini, Monteverdi e canções brasileiras. Participou do concerto de comemoração dos 100 anos do compositor Richard Strauss e da adaptação da ópera *Parsifal*, pelo diretor Jorge Takla. Adriana venceu o Concurso Jovem Solista do Estado de São Paulo, ficou em 3o lugar no VI Concurso de Interpretação da Canção de Câmara Brasileira, e foi finalista do Concurso Nacional de Clipeomas - Perhappiness (PR).

ALEXANDER KOPPELMANN *desenho de luz*

Durante muitos anos, Alexander Koppelman foi técnico em iluminação residente na *Schaubühne*, de Berlim, o que lhe permitiu colaborar com diversos diretores ilustres. Igualmente muito presente no *Burgtheater*, de Viena, ele supervisionou a iluminação para Luc Bondy, de *A Gaivota e Esperando Godot*, duas peças exibidas em seguida em uma turnê em Paris, no *Théâtre de l'Odéon*. Com Bondy, ele trabalhou igualmente em *Salomé* no festival de Salzburgo e *Wintermärchen*, de Philippe Boesmans, criada na *Monnaie*, de Bruxelas, depois representada no *Châtelet* no outono de 2000. Dentro do universo da ópera, ele também fez parte da equipe de Christoph Loy (*Eugène Onéguine*, em Bruxelas), Nicolas Brieger (*São Francisco de Assis de Messiaen*, em São Francisco) e Peter Mussbach (*Wozzeck*, no Japão, *Perelá*, o *Homem do Fumo*, de Dusapin, no *Opéra Bastille*; *Arabella*, no *Châtelet*, e no *Covent Garden*, de Londres, *Billy Budd*, em Munique, e *Norma*, com direção de Peter Mussbach, nesta temporada no *Théâtre du Châtelet*).

BETINA STEGMANN *violino*

Nasceu em Buenos Aires e iniciou seus estudos de violino em São Paulo com Lola Benda, continuando com Erich Lehninger. Diplomou-se pela Escola Superior de Música de Colônia, onde cursou a classe de Igor Ozim e a classe de música de câmara do Quarteto Amadeus. Em Tel Aviv - Israel, aperfeiçoou-se com Chaim Taub. Frequentou cursos ministrados por Pinchas Zukerman e Max Rostal. Como recitalista e solista, Betina apresentou-se em várias cidades do Brasil, Argentina, Itália, Alemanha, EUA e Bélgica. Realizou gravações nas rádios WDR (Alemanha) e na RAI - Trieste (Itália), estreado, entre outras, obras de compositores contemporâneos. Participou de vários festivais no Brasil e exterior. Ex-integrante do Quinteto D'Elas, com o qual ganhou, em 1998, o Prêmio Carlos Gomes na categoria de Música de Câmara, é *spalla* da Orquestra de Câmara Villa-Lobos e professora de violino na Faculdade Cantareira.

CAIO PAGANO *piano*

"Caio Pagano é um instrumentista tão refinado, que não se pode perder nenhum de seus concertos." *Washington Post*

"O Pousser foi transcendental, e Beethoven foi primeira classe absoluta, ao mesmo tempo idiomático e original." *The New York Times*

Caio Pagano nasceu em São Paulo, em 1940. Aluno da Escola Magda Tagliaferro, estudou com Lina Pires de Campos vencendo em 1962 o Concurso Eldorado. Seguiu com seus estudos na Alemanha com Conrad Hansen e com Helena Costa, Karl Engel e Sandor Végh. Em 1970 conquistou o primeiro Prêmio do Concurso Internacional Beethoven, Portugal. Foi professor do Departamento de Música da USP (que ajudou a criar) de 1971 a 1984, ano em que se mudou para os Estados Unidos. Desde 1986 é professor de piano na *Arizona State University*, onde é *Regents Professor*, a mais alta honraria concedida por universidades norte-americanas. Apresentou-se em quatro continentes em mais de 900 concertos como recitalista, camerista e solista de orquestra. Estreou 36 obras em salas de concerto de todo mundo, das quais 25 foram escritas e dedicadas para piano e orquestra. Caio ousa programações de obras *moderns* e contemporâneas, como estreado, só no Brasil, concertos como os de Schoenberg, Bartok II, Willy Correa, Gilberto Mendes, Koellreutter, e o *Concerto de Câmara*, de Alban Berg, com a OSESP.

Caio Pagano apresentou-se com Sergiu Comissiona, Camargo Guarnieri, Szimon Goldberg, Howard Griffiths, John Neschling, Eleazar de Carvalho, Fabio Mecchetti, Ernest Bour, Morton Gould, Roberto Minczuk e Roberto Tiberiá. Como músico de câmara, apresentou-se com artistas como Pierre Fournier, Janos Starker, Thomas Friedli, *The St. Petersburg Quartet*, Maria João Pires, Gerar Caussé e o Jacques Thibaud Trio. Tocou no *Miami New World Festival*, *The Washington Interamerican Fest*, *Grenoble Festival e Montpellier Festival*. e *Music Festival*, em 2010. Pagano foi escolhido *Professor of the Year* na *Arizona State University*, em 2010. Juri de Concursos Internacionais de São Paulo, Rio de Janeiro, Panamá, Portugal, Singapura e Estados Unidos. Com Maria João Pires, Pagano criou o Centro para Estudos das Artes em Portugal, gravou *Sons de Belgais* para a *Deutsche Grammophon* e *Glissando* lançaram suas gravações.

O CD *Music for Children*, com obras de Heitor Villa-Lobos, recebeu críticas entusiásticas das revistas *BBC Music Magazine* (inclusive como “CD do Mês”), *Gramophone* (Reino Unido), *CD Compact* (Espanha) e *Fanfare* (Estados Unidos). Em 2009, a *Soundset* lançou um CD com obras de Brahms, Poulenc, Debussy e Berg (com o clarinetista Carlos Alves). Também em 2009 lançou um disco com obras tocadas na sua adolescência, *Remembrance*, e em 2010 um disco distribuído pela Revista Concerto aos seus assinantes, com obras de Schumann e Chopin. Em 2012, Caio lançará um CD com as 3 *Sonatas*, de Brahms, ao lado de Emmanuele Baldini. Caio Pagano é um artista *Steinway*.

CARLOS MORENO *regente*

Sua carreira de maestro foi projetada ao vencer o V Concurso Latino Americano para Regentes/ USP e Prêmio Carlos Gomes Revelação - Regente de Orquestra em 2003. Conquistou para a OSUSP o prêmio de Melhor Orquestra em 2006, ano em que realizou de forma de concerto encenado a ópera *Madama Butterfly*, na Sala São Paulo. Participou da direção artística de grandes óperas como *O Barbeiro de Sevilha*, *Un Ballo in Maschera* e *Rigoletto*.

O canto, o violino e a composição aliados a anos de atividade como violinista profissional e sua experiência adquirida como gestor e líder de formação humanística, o levaram a conquistar em apenas 10 anos de carreira como maestro, a execução dos mais importantes ciclos sinfônicos completos, como as sinfonias de Beethoven, Brahms, Tchaikovsky, Schumann, Villa-Lobos e suas *Bachianas Brasileiras*, Camargo Guarnieri e seus *Choros*, além de diversas outras obras. Em 2011 concluiu a histórica execução de todas as sinfonias de Anton Bruckner apresentadas na Sala São Paulo e no Teatro Municipal de Santo André, com a OSSA, hoje reconhecida como uma das melhores orquestras brasileiras. Dedica-se atualmente a pesquisa e projeto de execução das obras sinfônicas de Almeida Prado. Suas gravações *Das Lied von der Erde* e *OSSA ao Vivo* são destacadas pela excelência da crítica especializada como um colaborador junto a um universo crescente da ópera no Brasil. É regente convidado das principais orquestras nacionais e titular da Orquestra de Sto André.

CLEBER PAPA *diretor, cenógrafo e produtor*

Dirigiu espetáculos de música popular e erudita, vídeos e filmes empresariais, desenvolveu projetos de cenografia e design, ilustrou livros e revistas e, desde 1990, Papa produz e cria espetáculos e festivais de ópera e teatro, concursos de canto e produz vídeos de difusão cultural. Papa dirigiu e produziu espetáculos de ópera no Brasil e no Exterior. Criou a Cia de Ópera Curta na Casa da Ópera com Rosana Caramaschi e Luis Gustavo Petri. É autor dos espetáculos *Madama Butterfly*, *Carmen*, *La Traviata*, *Rigoletto* e *Turandot*, que integram a série *Ópera Contada e Cantada*. Também criou *Na sala com Debussy & Mallarmé* e *Na sala com Toulouise-Lautrec*, ambos da série *Música Com Texto*. Preside o Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão, hoje na sua 10ª edição, e faz a curadoria e direção da série *Notas Contemporâneas*, do MIS - Museu da Imagem e do Som, do Estado de São Paulo. Como diretor de ópera, possui no repertório, entre outras, *The Merry Widow*, *Norma*, *Il Guarany*, *Die Zauberflöte*, *Carmen*, *Lohengrin*, *Macbeth*, *Madama Butterfly* e *La Traviata*.

DEREK McLANE *cenários*

Até hoje, Derek McLane assinou os cenários de mais de trezentas produções em todo o mundo, de Nova York (on-off-Broadway) à Sydney, passando por Londres, Glasgow, Dublin, Moscou, Caracas e Toronto. Entre suas realizações mais recentes estão *Ruined* (Prêmio Pulitzer 2009, direção de Kate Whoriskey), *I Am My Own Wife* (Tony Award de melhor entretenimento). Além de Kate Whoriskey, Derek McLane colabora com diretores como, Moises Kaufman, Scott Elliot, Kathleen Marshall, James Lapine, Michael Mayer, Ethan Hawke, Joe Mantello, Stephen Wadsworth, Mark Wing-Davey, Robert Falls, Christopher Ashley e Gerald Guittierez. Em 2009, Derek McLane recebeu um Tony Award por 33 *Variações*, na Broadway. Entre outros prêmios recebidos ao longo da sua carreira, constam dois *OBIE Awards*, três *Lucille Lortel Awards*, um *Hewes Award*, um *Michael Merritt Award* e dez indicações para o *Drama Desk Awards*.

DINAH PERRY *coreógrafa*

Com formação clássica, teve um papel importante no contexto da dança dos anos 80 ao lado da Cia. De Dança Jazz Company, na qual assinou direção, além de contribuir ativamente com a

formação do panorama atual da dança e teatro-dança no Brasil. Formada pela Escola Municipal do Teatro Municipal de São Paulo, trabalhou com grandes nomes do jazz da dança de Nova York como Lene Dalle, Fred Bejamin, Jojo Smith e Redha Beintejour, entre outros. Dirigiu e coreografou inúmeros musicais e eventos no Brasil e Exterior, entre os quais destacou para o Mágico de ÓZ, ganhador do Prêmio APETESP de Melhor Coreografia. Como atriz, atuou nos espetáculos “O Mágico de ÓZ”, direção de José Capraro e Ecila Pedroso, “Cinderela”, direção de José Wilker, “XY, A verdadeira diferença entre os sexos” direção: Dinah Perry e Paulo Goulart Filho. “Amor por Nelson”, inspirado em Nelson Rodrigues, direção de Jairo Mattos, “A noite do meu bem”, inspirado em Nelson Rodrigues, direção de Jairo Mattos, “Mulheres Alteradas”, direção Dinah Perry. Dançou nas companhias FAR 15 (de Sandro Borelli), Pults (de Marcelo Bucoff e Jorge Garcia) e Cia. de Dança de Diadema (de Ivonice Satie). Atualmente, Dinah desenvolve o projeto de pesquisa Teatralização do Movimento, ligada à dança, teatro e circo, que insere uma visão teatral na estrutura e conceito da dança, buscando novas formas de pensar e fazer dança contemporânea.

EDINÉIA DE OLIVEIRA *meiosoprano*

Reconhecida como “uma voz sem fronteiras”, a meiosoprano mineira estreou como solista no *Concerto dos Cinco Continentes*, nas Olimpíadas de Seul. Ovationada pelo público e reconhecida pela crítica, interpretou recentemente o papel principal em *Carmen*, *Adalgisa*, em *Norma*, *Magdalena*, em *Rigoletto*; *Serena*, em *Porgy and Bess*, *Hexe*, em *Hanzel und Gretel*, e a *Segunda e a Oitava Sinfonias*, de Mahler. Vencedora de vários concursos de canto nacionais, Edinéia recebeu em 2005 o *Prêmio Carlos Gomes* como destaque vocal feminino brasileiro pela sua performance como Irma, em *Bug Jargal*, em Belém. Tem se apresentado nas principais salas do Brasil, sob a regência de grandes nomes como Gennady Rozhdestvensky, Roberto Minzick, Loren Maazel, Abel Rocha, Isaack KarabTevisck, Alessandro Sangiorgio, Guilherme Brenstein, Luiz Fernando Malheiro, entre outros. Debuta em 2012 como Eboli, de *Don Carlo*, e Isolier, em *Le Comte Ory*, sob a regência de Cesar Tello, na Argentina.

ERIC HERRERO *tenor*

No papel de Alamão, fez sua estreia austríaca no *Feldkirch Festival 2011* na première europeia de Phillipe Arlaud. Já se apresentou nos principais palcos do Brasil como o TMSP, Sala São Paulo, TMRJ, Theatro São Paulo (SP), Teatro da Paz (Belém), Teatro Amazonas, Teatro Carlos Gomes (Vitória) e Palácio das Artes (BH). Tem trabalhado com os principais regentes do país como Jamil Maluf, Carlos Moreno, Silvio Viegas, Luiz Fernando Malheiro, Helder Trefzger e Parcival Módolo. Sua estreia internacional se deu em 2008 no papel de Hoffmann, de *Os Contos de Hoffmann*, de Offenbach, e no festival Pézenas Enchantée (França), a convite de Sylvia Saa. Apresentou-se como Alfredo, de *La Traviata*, de Verdi, em concertos em Roma e Paris e no *Keszthely-Klassz Fesztivál 2011* (Hungria). Eric é ainda o vencedor do Prêmio Especial do VII Concurso Brasileiro Maria Callas e semifinalista do XVI Concours International de Chant de Verviers (Bélgica).

FABIO NAMATAME *figurinos*

Ator, cenógrafo, maquiador, diretor de arte, programador visual, já concebeu figurinos para os mais variados veículos como teatro, ópera, cinema, televisão, publicidade, tendo recebido vários prêmios Shell e Apetesp. Considerado o maior nome brasileiro em montagem de figurinos e cenários para teatro, cinema e televisão. Namatame fez todos os figurinos e cenários do *Castelo Rá Tim Bum*, para a televisão e para o cinema. Trabalhou com o diretor teatral de *Quixote* e no teatro fez os figurinos e a montagem de *Hamlet*, *Os desvalidos*, *Intimidade Indecente* e *Vitor ou Vitória*. No cinema, faz os figurinos de *Acquaria*, *O Guarani* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Dps seus trabalhos destacam-se os maiores espetáculos do país como *O Guarani*, *Marília Pêra canta Carmem Miranda*, *Não tenha medo de Virginia Woolf*, *Madame Butterfly*, *A Tempestade*, *Hamlet* e recentemente o musical *My Fair Lady*, em que assinou junto com Daniela Thomas o cenário e figurino.

JAMIL MALUF *regente*

Natural de Piracicaba, Jamil graduou-se em Regência Orquestral na Escola Superior de Música de Detmold, Alemanha, sob a orientação do maestro Martin Stephani. Durante sua permanência de

seus anos na Europa, Jamil regeu diversas orquestras e participou dos Seminários para Regentes com o maestro Sergiu Celibidache.

Em 1980, regressando ao Brasil, assumiu o cargo de regente titular da Orquestra Sinfônica Jovem Municipal, da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Em 1990, no âmbito dessa Secretaria, criou e tornou-se o regente titular e diretor artístico da Orquestra Experimental de Repertório. Foi também regente titular e diretor musical da Orquestra Sinfônica do Paraná. Atuou como regente da Orquestra e professor de Regência nos 12º e 34º Festivais de Inverno de Campos do Jordão, sendo também frequentemente convidado para dirigir os principais conjuntos sinfônicos do país. Por quatro vezes recebeu o prêmio de Melhor Regente de Orquestra pela APCA; o Prêmio Carlos Gomes, na categoria de melhor regente de ópera, e o Prêmio Maestro Eleazar de Carvalho, como personalidade musical do ano, concedido pelo Governo do Estado de São Paulo. Como compositor de trilhas sonoras para teatro recebeu os prêmios APETESP, APCA e PANAMCO. A partir de 1987 idealizou e apresentou os programas *Palheta*, na Rádio Cultura, da Fundação Padre Anchieta. De 2005 a 2009, foi diretor artístico do Theatro Municipal de São Paulo. Autor de vários projetos inovadores, o maestro Jamil Maluf vem dirigindo concertos, óperas e balés, nos quais sua marca de qualidade e poder de comunicação cultural são uma constante.

JEAN-PHILIPPE DELAVAUULT direção cênica

Formado pelo Conservatório de Arte Dramática de Bordeaux, Jean-Philippe Delavault estuda igualmente a musicologia e o canto e obteve uma bolsa de estudos de fundação Giogio Cini, em Veneza. Desde 1989, escreve para *Répertoire* e é colaborador na agência artística *Living Art*. Diretor assistente no *l'Opéra*, de Paris, trabalha com G. Vick. A. Serban, J.-L. Martinoty, P.-L. Pizzi e D. Krief. Posteriormente, tornou-se assistente de Robert Carsen (*l'Opéra*, de Paris, Nova York / BAM, Teatro Regio, de Turin, *Chicago Lyric Opera*, *La Haya*, Monte-Carlo, Lyon, *Cardiff*, *Toulouse*, *Caen*, *Ravenne*, *Modène*, *Anvers*, *Vlaamse Opera de Gand* e *Disneyland Paris*. Cantor e comediante, participa da criação das óperas *Beau soir*, de Gérard Pesson, e *Le Miracle secret*, de Martin Matalon, no Festival de Avignon, em 1990. Diretor na *Disneyland Paris* desde 1992, Delavault concebeu uma homenagem a Walt Disney, pela Orquestra Nacional de Lyon, e depois a adaptação e a direção *Rigoletto*, com o apoio da *Opéra royal de La Monnaie*. Em 2006, Jean-Luc Choplin o integra à equipe artística do Châtelet, onde acompanha inúmeros projetos como *Bintou Wéré*, *Opéra du sahel*, *Véronique com Fanny Ardant*, *Padmâvatî com Sanjay Leela Bhansali*; *il vespro della Beata Vrgine com Oleg Kulik*, e *Pastorale*, de Gerard Pesson, com *Pierrick Sorin*. Em 2008, dirigiu *Pygmalion*, de Rameau (direção de Florence Malgoire). Em 2009, readaptou *Buffalo Bill Wild West Show para Disneyland Paris* e dirigiu *Tancredi*, de Rossini, sob a direção de J.C. Malgoire. Um dos seus últimos projetos realizados foi *Don Pasquale*, em Toulon.

JOYCE DRUMMOND iluminação

Iniciou seu trabalho com iluminação aos 14 anos. Ao longo de sua carreira, coordenou o Departamento de Iluminação do Teatro Alfa por quatro anos. Desenhou a iluminação de diversas montagens de ópera como *Cavalleria Rusticana* e *I Pagliacci*, com direção de Aidan Lang, *Carmen*, dirigida por Carla Camurati e Hamilton Vaz Pereira, *Loca del Cairo*, por André Heller-Lopes, *A Dinner Engagement*, direção de João Malatian; musicais como *O Abre-Alas*, de Charles Moeller e Claudio Botelho, espetáculos de dança como *O Grande Circo Místico*, para o Balé do Teatro Guairá, de Curitiba, *Piccolo* e *Paradox*, para o Balé do Teatro Castro Alves de Salvador, além da *Pele*, de Patrick Delcroix, com a Cisne Negro Cia. de Dança, *Martha Graham... memórias*, de José Possi Neto, com a Studio 2 Cia de Dança, *Fishermen of airs*, de Carolyn Carlson, e *Laços*, de Deborah Colker, com a Cia. Sociedade Masculina, além de diversos trabalhos em teatro, música e exposições.

LARA PINHEIRO coreógrafa

Mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP, Lara Pinheiro é coreógrafa, bailarina e diretora do Balé da Cidade de São Paulo. De 1989 a 1993 estudou na Alemanha, onde frequentou a escola *Folkwang Schule*, em Essen. Estagiou na *Milton Meyers Company*, em Nova York, durante o inverno de 1990/1991. No Brasil estudou balé clássico principalmente com Ismael Guiser, Yoko Okada e Neide Rossi. Integrou o grupo Terceira Dança, ícone da dança contemporânea paulistana dos anos 90, e, com esse mesmo grupo recebeu o Prêmio APCA de 1995 - Prêmio Especial do Júri. A partir

de 2000, à frente do grupo Dança Povera, trabalhou com instalações e vídeo-dança, nos quais a relação corpo/espaco foi o tema central, como na instalação *Paisagens Secretas* (2000), na performance *De Zero a Um* (2005) e nos vídeos-dança *Paisagens* (2000), um dos ganhadores do Prêmio Sergio Motta, e *Capte-me* (2007). Em 2003, Lara foi coreógrafa residente do projeto *Ex-It 03*, em Bröllin, Alemanha. Em 2008 participou do projeto *Under-Score*, de Armando Menicacci e Christian Delécluse, como coreógrafa convidada, dentro da Mostra Ses de Artes de 2008. Recebeu a bolsa *Vitae-Antorches-Andes* para participar do *American Dance Festival* e em 2008 foi chefe da curadoria de dança do CCSP, onde implantou novos projetos e mostras de dança. Em 2009, Lara foi convidada a ser assessora de dança da Secretaria Municipal de Cultura. Em 2010 foi nomeada diretora do Balé da Cidade de São Paulo.

LUCIANA BUENO meiosoprano

Estreou na ópera *O Barbeiro de Sevilha*, como Rosina, sob a direção de Enzo Dara. Desde então vem se apresentando nos principais teatros do Brasil como *Carmen* (Carmen), Donna Elvira (*Don Giovanni*), Santuzza e Lola (*Cavalleria Rusticana*), Gertrudes (*João e Maria*), Suzuki (*Madame Butterfly*); Meg Page (*Falstaff*), Katish (*O Mikado*), Giulietta (*Os Contos de Hoffmann*), Marguerite (*A Danação de Fausto*), Aksinya (*Lady Macbeth de Mzenski*), La Cenerentola (*Cenerentola*), Romeo (*I Capuleti e I Montecchi*), Mulher (*O Cientista*), Mãe (*Poranduba*) e Tereza (*Magdalena*). Participou da ópera *Madama Butterfly* como Suzuki, na *Royal Opera Canada*. Seu repertório inclui participações no *Glória*, de Vivaldi, *Messias*, de Händel, *Requiem*, de Verdi, *Missa em Dó Menor*, de Mozart, *Nona Sinfonia*, de Beethoven, e *Lobgesang*, de Mendelssohn. Luciana estudou técnica vocal com Pier Miranda Ferraro (Itália) e Leilah Farah (Brasil). Atualmente desenvolve repertório com Ricardo Ballester.

LUÍS GUSTAVO PETRI regente

Um dos maiores nomes da regência no Brasil, Petri criou e é o regente titular da Sinfônica de Santos desde 1994, sendo responsável pela visível ascensão e atuação social da orquestra na região. A sua carreira é marcada por sucessos como regente, compositor e diretor musical. À frente das mais importantes orquestras como a Sinfônica Municipal de São Paulo, Sinfônica do Estado de São Paulo, OSPA (Porto Alegre), OSP (Paraná), OSB (Brasileira), Filarmônica de Manaus, entre outras, Petri é um dos responsáveis pela difusão da música erudita na Baixada Santista através da implantação de projetos para crianças da região, educação e formação de público. No Theatro Municipal do Rio de Janeiro regeu a estreia nacional da versão de concerto de *Candide*, de Bernstein, (2000/2002), bem como a estreia na cidade do Rio de Janeiro do musical *Magdalena*, de Villa-Lobos (2010), entre vários concertos com a OSB e a orquestra do Theatro Municipal. Juntamente com Cleber Papa, criou o *Ópera Cantada e Contada*, projeto que inova o formato de pocket ópera e que encontra sucesso absoluto em várias cidades brasileiras. Em agosto de 2011, Petri dirigiu *Roméu et Juliette*, no Theatro São Pedro, com sucesso de público e crítica. Foi o diretor musical de *My Fair Lady*, *West Side Story*, *Vitor ou Vitória*, *Cabaret*, com Beth Goulart, *Lago 21*, *Cidades Invisíveis*, entre outros. Recebeu vários prêmios por seus trabalhos como compositor e diretor musical, entre eles Shell, APETESP e APCA.

MARCELO JAFFÉ viola

Aos seis anos de idade, orientado por seu pai, Alberto Jaffé, Marcelo iniciou-se no violino. Aos 14 anos, passou a tocar viola, ganhando, no mesmo ano, o 1º Prêmio no Concurso Nacional da Universidade de Brasília. Aperfeiçoou-se na Universidade de Illinois e no Centro de Música de Tanglewood, nos Estados Unidos. apresentou-se em vários países, com destacados conjuntos camerísticos e orquestrais. Atuou como maestro da *Kamerata Philharmonia* e foi diretor artístico da Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo. Atualmente, reside em São Paulo, é professor de viola da ECA-USP e apresentador da Rádio Cultura.

MÁRIO ZACCARO regente do coro

Formado em Piano pelo Conservatório Musical Beethoven, Mário Zaccaro aperfeiçoou-se com Antonio Bezzan. Em 1973 recebeu o Prêmio Governador do Estado. Compositor, arranjador e pianista, estudou com Cyro Pereira, Robert Shaw, Eleazar de Carvalho e Luis Arruda Paes e

compôs trilha sonora para cinema, destacando-se na área popular e erudita. Foi diretor artístico da Jazz Sinfônica e regente assistente de Isaac Karabtshevsky. É regente titular do Coral Lírico desde 1985, que, sob o seu comando, recebeu o Prêmio APCA, em 1996, e o II Prêmio Carlos Gomes de 1997. À frente da Sinfônica Municipal regeu *Quatro Peças Sacras*, de Verdi, *Concerto para Mão Esquerda*, de Ravel, e óperas como *Carmina Burana*, *Così fan Tutte*, *Mefistófeles* e *Madama Butterfly*. Sob o seu comando estiveram solistas como Arnaldo Cohen, Amaral Vieira e o tenor Juan Domingues Flores. Em 1997, recebeu o Prêmio APCA como Melhor Regente Coral.

MIGUEL GERALDI tenor

Iniciou seus estudos com Gledys Pierri. Venceu o V Concurso Carlos Gomes, o II Concurso Aldo Baldin e o III Concurso Internacional de Canto Bidu Sayão. Miguel debutou no TMSP como Alfredo Germont, em *La Traviata*, em 2001, e atuou com orquestras no Brasil e no exterior. Protagonizou as óperas *L'Elisir d'Amore*, *La Bohème*, *Rigoletto*, *Cecilia*, *Loreley*, entre outras. Em 2011 participou do concerto em homenagem a Neyde Thomas e do concerto de reabertura do TMSP, com a *Missa de Glória*, de Puccini. Foi Arlecchino, em *I Pagliacci*, e Don Jose, em *Carmen*, no Teatro São Pedro. Cantou a *Paixão Segundo São João*, de Bach, com a OSM e Nicolau Figueiredo, participou das comemorações da Itália no Brasil, interpretando Alfredo Germont, em *La Traviata*, e Don Jose, em *Carmen*, da Casa da Ópera, no concerto de abertura do Festival de Londrina, sob a regência de Daisuke Soga.

NELSON RIOS violino

Iniciou sua formação musical na Escola de Música de Piracicaba, sob orientação de Maria Lúcia Zagatto e posteriormente de Elisa Fukuda. Participou dos principais festivais de música no Brasil (Campos do Jordão, Brasília, Londrina, Curitiba) e em Mendoza, Argentina. Como bolsista da Vitae, frequentou a *Carnegie Mellon University*, em Pittsburgh, EUA, em 1996. Integrou a orquestra Sinfônica da Paraíba, a de Câmara de Blumenau e a Jazz Sinfônica do Estado de São Paulo, entre outras. Como professor, lecionou na Escola Municipal de Música e em importantes Festivais de Música no Brasil e no exterior. Atualmente é membro das orquestras de Câmara Villa-Lobos e Sinfônica da USP.

PAUL TAZEWEEL figurinos

Formado pela *North Carolina School of the Arts* e *Tisch School of the Arts*, da Universidade de Nova York, Paul trabalha com teatro, balé e ópera. Na Broadway, assinou os figurinos de *Memphis*, *Guys and Dolls*, *Hot Feet*, *Caroline or Change*, *A Raisin in the Sun*, *Drowning Crow*, *Elaine Stritch at Liberty*, *On the Town*, *Fascinating Rhythm*, *Def Poetry Jam*, *In The Heights*, *The Color Purple* e *Bring in-da Noise* (os três últimos lhe valeram uma indicação para o *Tony Awards*). *Off-Broadway*, no caso de *Ruined* (direção de Kate Whoriskey), *McReele*, *Flesh and Blood*, *Fame*, *Boston Marriage* e *Harlem Song*. Paralelo à carreira em Nova York, Paul é convidado tanto nos EUA, como internacionalmente. Foi convidado da *New York City Opera*, *Glimmerglass Opera*, *l'Opera Theatre*, de Saint-Louis, *Pacific Northwest Ballet* e do *Boston Ballet*. Suas criações lhe valeram os prêmios *Helen Hayes Awards*, um *Lucille Lortel Award* e um *Irene Sharaff Award*.

PAULO QUEIROZ tenor

Natural do Rio de Janeiro, Paulo estudou no Brasil com Eliane Sampaio e na Europa com Reri Grist e Nicolai Gedda. Apresentou-se no TMSP em *Le Nozze di Figaro* (Don Basilio), *Os Contos de Hoffmann* (Spalanzani), *Salome* (Narraboth), *Candide* (Os Três Vilões), *Andrea Chénier* (Incredibile), *Falstaff* (Dr. Caju), e *Ariadne auf Naxos* (Mestre de Dança), e nas obras *A Child of Our Time* (Tippett), e *Messias* (Handel), com a OSM. Com a OSESP, cantou em *Salome*, em 2008, e no *Rosenkavalier*, em 2009. Um dos melhores cantores-atores de sua geração, foi dirigido por Aidan Lang, José Possi Neto, Jorge Takla, Ana Carolina, André Heller-Lopes e Alberto Felix Alberto, entre outros. Trabalhou com os maestros David Machado, Roberto Duarte, Reinaldo Censabella, Gábor Ötvös, Ira Levin, Rodolfo Fischer, Mário Zaccaro, Jamil Maluf, Abel Rocha, Isaac Karabtshevsky, John Neschling e Sir Richard Armstrong,

PABLO ROSSI piano

".....Rossi possui um belo som e grande requinte. Sua grande atenção aos detalhes de estilo criaram

uma atmosfera encantadora. Ele mostrou total controle nas passagens rápidas (...) é um jovem talento de rara distinção, que está destinado a ir longe em sua carreira de concertista." SAKIA CONSTANTINO, Chipre.

Vencedor do 1o Concurso Nacional Nelson Freire para Novos Talentos Brasileiros, em 3002, Rossi vem compondo uma história musical e artística brilhante. Aos sete anos venceu o IV Concurso Jovens Intérpretes de Lages. Desde então, venceu o Concurso Magda Tagliaferro (1998), *Encuentro Internacional de Jóvenes Músicos* (Córdoba/Argentina 2001) e o Concurso Internacional *Ciutat de Carlet* (Espanha, 2002). Atuou como solista frente à Orquestra de Câmara do Kremlin, Sinfônicas do Paraná, Santa Catarina, Ribeirão Preto, Sergipe e Salvador. Nos dois últimos anos, Pablo apresentou mais de vinte recitais nos Estados Unidos, na Europa e América Latina. Gravou seu primeiro CD aos 11 anos, com obras de Chopin, Bartók, Schumann, Tchaikovsky, Rachmaninoff, Shostakovich e Nepomuceno. Em 2008, gravou ao vivo em Londres, o CD *Pablo Rossi - Live at Steinway Hall*, com obras de Mozart, Villa-Lobos, Prokofiev e Chopin. Atualmente, reside em Moscou. Através de bolsa do Governo do Estado de Santa Catarina, e patrocínio do empresário Roberto Baumgart, estuda no Conservatório Tchaikovsky com Elisso Virsaladze.

PEDRO OMETTO barítono

Bacharel em Canto pela Unesp, desde 2004 Pedro é membro do Núcleo Universitário de Ópera, com o qual vem se apresentando em papéis de Gilbert & Sullivan como Capitão Corcoran, Lord Chancellor e o papel-título em *O Feiticeiro*, além de Petrus, Tiger Brown e Boris, entre outros. Como bolsista do Festival de Inverno de Campo do Jordão, em 2005, fez o Médico em *A Queda da Casa de Usher*, de Philip Glass. Estreou no teatro musical em 2010 como o Príncipe/Lobo na montagem brasileira de *Into the Woods* (Sondheim). Estudou interpretação com Jonathas Joba e Rodrigo Miallaret. Tomou parte em festivais e *masterclasses* com Fernando Portari, Rosana Lamosa, Sandro Christopher, Regina Klepper, Mara Zampieri, Juan Pons e Michael Chiodi. Em 2010 fez a estreia mundial dos *Cânticos da Terra*, de Almeida Prado. Estudou técnica vocal com Benito Maresca e atualmente estuda com Márcio Gomes.

ROBERT SUETHOLZ violoncelo

Natural de Milwaukee, Wisconsin, EUA, Robert trabalhou sob a orientação de George Sopkin - membro-fundador do Quarteto Fine Arts - Wolfgang Laufer, atual violoncelista do mesmo quarteto, e Uzi Wiesel, violoncelista do Quarteto de Cordas de Tel-Aviv. Teve *masterclasses* com Janos Starker, Isaac Stern e Chaim Taub. Em 1997, obteve o mestrado sob a orientação de Hans Jørgen Jensen, da Universidade de Northwestern, Chicago. Completou o doutorado em Música na USP, em 2011. Atuou em orquestras internacionais como a *Israel Sinfonietta* (três anos como *spalla*) e a Sinfônica de Milwaukee, nos EUA, entre outras. Desde 1985 reside no Brasil e foi *spalla* das sinfônicas da USP e da Sinfonia Cultura. Robert é professor de violoncelo na ECA-USP.

ROSANA LAMOSA soprano

Reconhecida pelo público e crítica como uma das mais importantes sopranos brasileiras, Rosana é frequente nos palcos de ópera do Brasil, como protagonista nos principais títulos e estreias mundiais. São festejadas suas atuações como Melisandre, Mimi, Violetta, Susanna, Elvira, Maria (*La Fille du Regiment*), Gilda, Manon e Lucy (*O Telefone*). Interpretou Cecy (*Il Guarany*) no Teatro São Carlos (Lisboa), Armide (*Gluck*), no Buxton Festival, na Inglaterra, e Gilda (*Rigoletto*), na *Michigan Opera House*. Apresentou-se no *Carnegie Hall*, em Nova York, no *Concert Hall*, de Seoul, e em teatros do Brasil como solista nos principais concertos. Recebeu o Prêmio APCA de melhor cantora em 1996 e o Prêmio Carlos Gomes (1999 e 2002). Em 2009, recebeu a Ordem do Ipiranga do Governo de São Paulo por serviços prestados à arte e cultura. Gravou *Canções de Amor*, de Cláudio Santoro, a ópera *Jupyra*, de Braga, com a OSESP, a *Bachiana Brasileira nº 5*, de Villa-Lobos, com a Nashville Symphony Orchestra, *Canções*, de Gilberto Mendes, e a *Missa de Nossa Senhora da Conceição*, de José Maurício Nunes Garcia, com a OSB.

RUBENS MEDINA *tenor*

Nascido em São Paulo, Rubens Medina deu início aos estudos de canto sob a orientação de Marcel Klass. Passou a estudar interpretação e técnica vocal com a professora Helly-Anne Caran. Sua voz de grande potência faz dele o tenor ideal tanto para personagens líricos, quanto de maior dramaticidade. No TMSp protagonizou as óperas *La Bohème*, *La Traviata*, *Tosca*, *I Pagliacci*, *La Forza del Destino*, *Il Guarany* e *Fosca*. No TMRJ cantou em *Il Guarany*, *La Bohème*, *Il Tabarro* e no espetáculo *Tupi Tu És*, sob a direção de Ivaldo Bertazzo. Foi protagonista em *Cavalleria Rusticana*, *Dido e Eneás*, *O Anjo Negro*, de João Guilherme Ripper, *Requiem*, de Verdi; *Der Freischütz*, *Colombo*, de Carlos Gomes, *Carmen* e em *I Pagliacci*, na Virada Cultural 2011. Rubens realizou um concerto de canções brasileiras no Consulado Brasileiro, em Berlim, ao lado da meiasoprano Adriana Clis e do pianista Ricardo Balestero, no projeto chamado Cultura na Copa.

SAULO JAVAN *baixo*

Reconhecido pela crítica e público como um dos grandes artistas de ópera do Brasil, Saulo interpretou Ramphis (*Aida*), em Aracaju, foi solista do Concerto Inaugural da Orquestra do Theatro São Pedro, com obras de Carlos Gomes, interpretou o papel título da ópera *Don Pasquale* no Theatro São Pedro (SP) e integrou o elenco da Cia. Brasileira de Ópera no papel de Don Bartolo, em turnê pelo país. Em 2009, interpretou Dulcamara, em *L'Elisir d'Amore*, no Theatro Carlos Gomes, em Vitória, Don Bartolo, em *Il Barbiere di Siviglia*, no Theatro São Pedro, e apresentou-se na primeira récita nacional da ópera *Dulcinéia e Trancoso*, de Eli-Eri, no papel de Bozo, em Recife, no XII Festival Virtuosi. Participou da ópera *Salomé*, com a OSESP na Sala São Paulo, e interpretou Simone, em *Gianni Schicchi*, no Theatro São Pedro. Em novembro de 2008 cantou a *Petite Messe Solennelle*, de Rossini, sob a regência de Naomi Munakata, na Sala São Paulo.

SÁVIO SPERANDIO *baixo*

A voz e a presença cênica marcantes de Sávio o tornam um dos artistas mais solicitados no Brasil, destacando-se por atuações em *Il Trovatore*, *La Forza del Destino*, *Macbeth*, *Die Zauberflöte*, *Falstaff*, *Don Carlo*, *La Bohème*, *Il Guarany*, *L'Elisir d'Amore*, entre outras. Cantou em *O Barbeiro de Sevilha*, no Teatro Colón de Buenos Aires; no Festival de Ópera de Ercolano, na Itália, e no Teatro Real, de Madri, *L'Italiana in Algeri*, no Festival Rossini, em Wildbad, na Alemanha, Don Profondo, em *Il Viaggio a Reims*, no *Rossini Opera Festival*, de Pesaro, e no Teatro Arriaga, de Bilbao. Cantou ainda *Don Pasquale*, no Teatro Real, de Madri, Gran Sacerdote, em *Zelmira*, no *Rossini Opera Festival*, e *Una Cosa Rara*, no *Palau de les Arts Reina Sofia*. Recentemente participou de *Aida*, em Porto Alegre, *O Barbeiro de Sevilha*, com a Cia. Brasileira de Ópera, *La Bohème*, no Teatro Pedro II, e *Nabucco*, no Palácio das Artes (BH) e no TMRJ.

SEBASTIÃO TEIXEIRA *barítono*

É um dos artistas mais presentes nos palcos brasileiros. Foi duas vezes agraciado pela APCA como melhor cantor erudito. Recebeu o prêmio Carlos Gomes como Destaque Vocal Masculino e a Medalha de Honra ao Mérito Collegium Musicum da Fundação Clóvis Salgado (BH), e a Medalha Carlos Gomes (Campinas). Em seu repertório constam mais de 38 papéis em diferentes títulos. Interpretou os principais em *Il Barbiere di Siviglia*, *La Bohème*, *Carmen*, *La Forza del Destino*, *Don Pasquale*, *Madama Butterfly*, *Cavalleria Rusticana*, *I Pagliacci*, *Il Cappello di Paglia di Firenze*, *Dido and Eneas*, *Tenente Kijé*, *Pelleas et Mélisande*, entre outras. Cantou a 8ª *Sinfonia*, de Mahler, *Rigolletto*, e as estreias mundiais das óperas *Anjo Negro*, de João Guilherme Ripper, *A Tempestade*, de Ronaldo Miranda, e *O Cientista*, de Sílvio Barbato.

WESTERLEY DORNELLAS *maquiador e caracterizador*

Desde 1986 realiza trabalho de caracterização. Estudou em São Francisco (EUA) com o *make-up artist* Monet Mansano. Para o cinema, destaque para os longas *A Dança dos Bonecos*, *Feliz Ano Velho*, *Fogo e Paixão*, *Capitalismo Selvagem*, *Menino Maluquinho 1*, *Por Trás do Pano*, *Aleijadinho*, *Samba-Canção* e *Durval Discos*. Foi vencedor de oito prêmios AVON e no teatro assinou os looks de *Hair*, *História*, de Dorothy Parker, *O Beijo da Mulher Aranha*, *Grease* e *A Megera Domada*. Na Rede Globo, fez supervisão de maquiagem nas séries *Abolição*, *República*, e *Sampa*, nas novelas *Renascer*, *O Rei do Gado* e *O Beijo do Vampiro*, e no programa *Angel Mix*. No SBT, Dornellas foi supervisor de maquiagem da novela *Éramos Seis*.

WALTER FAWCETT *tenor*

Natural de São Paulo, iniciou sua carreira como solista na *Moody Chorale*, de Chicago, em 1987. Em 1989 estreou como solista principal no papel de Joseph na produção *Candlelight Carols*. Pouco depois foi convidado para ser solista do Gordon Choir, de Boston, sob a regência de C. Thomas Brooks. Dedicou-se à carreira lírica solo no ramo sacro e secular, tanto em óperas como em recitais, tendo atuado nos EUA, Canadá, Europa, América-Latina e Austrália. Desde 2001 integra o Coral Lírico do Theatro Municipal de São Paulo. Estudou com Frances Van de Putte (San Antonio, TX), Dra. Julia Graddy e Gerald Edmonds (Chicago, IL), Margaretha Lillowa (Viena, Austria), C. Thomas Brooks (Boston, MA), e Helly-Anne Caram, (São Paulo).

INSTITUTO BACCARELLI

O Instituto Baccarelli é uma associação civil sem fins lucrativos, que atende mais de 1300 crianças e jovens em programas sócio-culturais, que visam oferecer formação musical e artística de excelência, proporcionando desenvolvimento pessoal e oportunidade de profissionalização na música. Com sede na maior favela de São Paulo - Heliópolis, o Instituto Baccarelli oferece para os moradores da comunidade uma estrutura de ponta e professores altamente qualificados, aulas individuais e em grupo, de teoria e técnica, além de prática de conjunto em 3 orquestras, 26 corais e 3 grupos de câmara, podendo ir da musicalização à especialização em um instrumento.

CORAL DA GENTE

O Coral da Gente é a porta de entrada no Instituto Baccarelli para crianças e adolescentes da comunidade Heliópolis. O programa oferece aulas de técnica vocal, postura, respiração, expressão cênica, percepção e teoria musical, compondo uma sólida base para a formação de músicos. Ministradas por professores altamente qualificados, as atividades do Coral da Gente são lúdicas e coletivas, visando um aprendizado prazeroso e uma formação que contemple também o desenvolvimento de valores para a vida em sociedade.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

Diretor Artístico e Regente Titular ABEL ROCHA. **Regente Assistente** LUÍS GUSTAVO PETRI. **Gerente da Orquestra** CLARISSE DE CONTI. **Primeiros-violinos** PABLO DE LEÓN (*spalla*), MARTIN TUSKA (*spalla*), FLÁVIO GERALDINI, MARIA FERNANDA KRUG, FABIAN FIGUEIREDO, ADRIANO MELLO, FÁBIO BRUCOLI, FÁBIO CHAMMA, FERNANDO TRAVESSOS, FRANCISCO AYRES KRUG, GRAZIELA RODRIGUES, HEITOR FUJINAMI, JOHN SPINDLER, JOSÉ FERNANDES NETO, MIZAEL DA SILVA JÚNIOR, PAULO CALLIGOPOULOS, RAFAEL BION LORO, RODRIGO MONTEIRO BRAGA e SÍLVIO BALAZ. **Segundos-violinos** ANDRÉ CAMPOS, LAÉRCIO DINIZ, NADILSON GAMA, OTÁVIO NICOLAI, ALEX XIMENES, ANDRÉ LUCCAS, ANGELO MONTE, EDGAR MONTES LEITE, ELIANE OLIVEIRA, EVELYN CARMO, LILIANA CHIRIAC, OXANA DRAGOS, RICARDO BEM-HAJA, SARA SZILAGYI e UGO KAGEYAMA. **Violas** ALEXANDRE DE LEÓN, SÍLVIO CATTO, ABRAHÃO SARAIVA, TÂNIA DE ARAUJO CAMPOS, ADRIANA PACE, ADRIANA SCHINCARIOL, ANTONIO CARLOS DE MELLO, EDUARDO CORDEIRO, ERIC SCHAFER LICCIARDI, MARCOS FUKUDA, ROBERTA MARCINKOWSKI e DHYAN TOFFOLO. **Violoncelos** MAURO BRUCOLI, RAIFF DANTAS BARRETO, CRISTINA MANESCU, RICARDO FUKUDA, FLÁVIA SCOSS NICOLAI, GILBERTO MASSAMBANI, IRAÍ DE PAULA SOUZA, JOEL DE SOUZA, MARIA EDUARDA CANABARRO, SANDRO FRANCISCHETTI e TERESA CATTO. **Contrabaixos** RUBENS DE DONNO, VALERIE ALBRIGHT, MAURO DOMENECH, IVAN DECLIEDT, MIGUEL DOMBROWSKI, RICARDO BUSATTO, SÉRGIO SCOSS NICOLAI, ALTER MULLER, GABRIEL SAKAMOTO e SANDERSON CORTEZ PAZ. **Flautas** CARMEN GARCIA, CÁSSIA CARRASCOZA, CRISTINA POLES, MARCELO BARBOZA e MARCO CANCELLO. **Oboés** ALEXANDRE FICARELLI, RODRIGO NAGAMORI, GIANE MARTIN, MARCOS MINCOV e ROBERTO ARAÚJO. **Clarinetes** OTINILO PACHECO, LUIÍS AFONSO MONTANHA, DIOGO MAIA SANTOS, DOMINGOS ELIAS e MARTA VIDIGAL. **Saxofones Alto e Barítono** JOSUÉ DOS SANTOS. **Fagotes** RONALDO PACHECO, MARCOS FOKIN, FÁBIO CURY, MARCELO TONI, OSVANILSON CASTRO e SÉRGIO GONÇALVES. **Trompas** MÁRIO ROCHA, ANDRÉ FICARELLI, ANGELINO BOZZINI, DANIEL MISIUK, DAVID MISIUK, DEUSENIL SANTOS, ROGÉRIO MARTINEZ e VAGNER REBOUÇAS. **Trompetes** FERNANDO GUIMARÃES, MARCO MOTTA, BRENO FLEURY, EDUARDO MADEIRA e PAUL MITCHEL. **Trombones** RONEY STELLA,

GILBERTO GIANELLI, HUGO KSENHUK, LUIZ CRUZ e MARIM MEIRA. Tuba GIAN MARCO DE AQUINO. **Harpa** ANGÉLICA VIANNA e TALITA MARTINS. **Piano** CECÍLIA MOITA. **Tímpanos** MARCELO CAMARGO e SÉRGIO COUTINHO. **Percussão** MARCELO CAMARGO, MAGNO BISSOLI, PASCHOAL ROMA, REINALDO CALEGARI e SÉRGIO COUTINHO. **Assistente** YARA DE MELO. **Inspetor** CARLOS NUNES. **Montadores** ARI CASSIANO, PAULO BRODA e VITOR DE OLIVEIRA. **Arquivo Artístico do Teatro Municipal** Coordenadora MARIA ELISA PERETTI PASQUALINI; Assistente IVAN CORSINO; Arquivistas GIANCARLO CARRETO, JOSÉ CONSANI, JULIANA SOARES, LEANDRO J. SOARES, LEANDRO J. SILVA e MARION SCHUST HEDJAZI; Copista ANA CLAUDA DE AL. OLIVEIRA. Chefe de naipe. Músico convidado.

ORQUESTRA EXPERIMENTAL DE REPERTÓRIO

Regente Titular JAMIL MALUF. **Regente Assistente** THIAGO TAVARES. **Primeiros Violinos** CLÁUDIO MICHELETTI (*spalla*), ANA CAROLINA R. GUIMARÃES, ARIEL SANCHES, DANILO FERREIRA, DÉBORA OTT FALCÃO, GABRIELA DA SILVA FOGO, LUIZ GUILHERME NÓBREGA, LUCAS OLIVEIRA DA SILVA, MARCO AURÉLIO FERRI, RENAN BARBOSA RODRIGUES, RENATO PEREIRA, RODOLFO GUILHERME DA SILVA, WANESSA DOURADO, WELLINGTON DE OLIVEIRA, WELLINGTON R. GUIMARÃES e WILLIAN GIZZI R. ARAÚJO. **Segundos violinos** LUIS FERNANDO DUTRA (monitor), ALEXANDRE DO CARMO BRITTO, CAIK RODRIGUES, DANILO ALVES, DIOGO AMORIM SILVA, DOUGLAS ARAÚJO, EVALDO ALVES, HENRIQUE FRANQUIM, JESSÉ XAVIER REIS, JONAS ALVES, JULIANA GARCIA, MATHEUS MENDOZA BAIÃO, RAMON RODRIGUES DE ANDRADE, RÔMULO MOREIRA, SARA RAÍSSA DE MORAES e THAÍS DE SOUZA MORAIS. **Violas** ESTELA ORTIZ (monitora), GÉSSICA SANT'ANA, GUSTAVO ASSUMPÇÃO, JENNIFER CARDOSO, JOEL ALVES, MAURO KOITI SHIMADA, PEDRO DE CAMARGO FLORANCE, RAFAEL MARTINEZ, RODRIGO RAMOS e THIAGO NERES. **Violoncelos** JÚLIO CERREZO ORTIZ (monitor), DOUGLAS PEREIRA, ELTON ARAÚJO, JONATAS PEREIRA, LEANDRO TENÓRIO, LUIZ SENA FONSECA, PATRÍCIA REZENDE VANUCI, RAFAEL DE CABOCLLO, RODRIGO PRADO e YGOR GALINDO GHENSEV. **Contrabaixos** ALEXANDR IURCIK (monitor), ADRIANO COSTA CHAVES, DANIEL CAMARGO, FERNANDO TOSTA, GUSTAVO QUINTINO, HARAN MAGALHÃES RODRIGUES, JÚLIO NOGUEIRA e MARCOS PAULO MAGNI. **Flautas** MARCOS KIEHL (monitor), FELIPE MANCZ, HENRIQUE AMADO e JÚLIA DONLEY. **Oboés** RODOLFO MEIRA HATAKEYAMA (1º Oboé), ANDRÉA SILVÉRIO, MARCOS VICENSSUTO e RAFAEL FELIPE. **Clarinetes** ALEXANDRE F. TRAVASSOS (monitor), EVANDRO ALVES PINHEIRO MACHADO, GLEYTON LADISLAU e PAULA PIRES. **Fagotes** JOSÉ EDUARDO FLORES (monitor), ANA PAULA ADORRO, FELIPE CASTRO e MATHEUS AMARAL. **Trompas** WESLEI DE LIMA (monitor), ÁLVARO SANTOS BRAGA, EDSON E. NASCIMENTO, ERIC GOMES DA SILVA, GERSON PIEROTTI e JOSÉ LUIZ DE ANDRADE JÚNIOR. **Trompetes** LUCIANO MELO (monitor), MAURO STAHL JÚNIOR, MICHEL DE OLIVEIRA MACHADO e ROGER BRITO. **Trombones** JOÃO PAULO MOREIRA (monitor), ANDRÉ MACHADO, ARTHUR DA SILVA RITA, HÉLIO GÓES e MAURÍCIO LUNDGREN. **Tuba** SÉRGIO TEIXEIRA (monitor). **Piano** ÉRIKA RIBEIRO (monitora). **Harpa** SOLEDAD YAYA. **Percussão** RICHARD FRASER (monitor), ARTURO URIBE PORTUGAL, MÔNICA ROCIO NOVAS LOMA, ROSÂNGELA RHAFANELLE e THIAGO LAMATTINA. **Coordenador** RONALDO RIBEIRO MARIANO. **Inspetor** ALEXANDRE GREGNYCK. **Instrutor Cultural** MARIA TERESA GALANI. **Arquivista** MARIA CLÁUDIA RIBEIRO e BRUNO LACERDA. **Montadores** PAULO RICARDO DE ALMEIDA e MÁRCIO CAVALCANTE BESSA. **Chefe Administrativo** MARIA FILOMENA IANNELLA. **Apoio administrativo** HELENA BISPO DOS ANJOS.

CORAL PAULISTANO

Regente Titular TIAGO PINHEIRO **Regente Assistente** NIBALDO ARANEDA. **Pianistas** RENATO e ROSANA CIVILE. **Sopranos** ANA MARIA DEIXLER, AYMÉE WENTZ, DORA PORIETE BARRETO, ELIANE DE AQUINO, HYE KYUNG HONG KIM, LUCIANA DE AGUIAR CREPALDI, LUDMILA DE CARVALHO, MARLY JAQUIEL RAMOS, MITSUE SAKAMOTO, NARILANE CAMACHO, RAQUEL MANOEL, ROSEMEIRE MOREIRA, VANESSA MELLO DE SOUZA e ZOE CLARE RAMSDEN. **Contraltos** ALINE RÉA, ANDRÉIA DE ABREU, CLÁUDIA ARCOS, LIANA MARIA L.C. PIEREN, LUCIA PETERLEVITZ, MARIA LUCIA WALDOW, RENATA MUMME

PESCIOTTO, SAMIRA KALIL RAHAL, SILVANA FERREIRA e TÂNIA VIANA. **Tenores** ALEXANDRE BIALECKI, DANILO STOLLAGLI, FABIO DINIZ, FERNANDO MATTOS, HELDER SAVIR, JOSÉ ANTONIO PALOMARES, PEDRO VACCARI, RICARDO IOZI e SÉRGIO WERNEC. **Baixos** ADEMIR DA COSTA SILVA, ANDRÉ AGUIAR ANGENENDT, JONAS MENDES, JOSÉ MARIA CARDOSO, JOSUÉ ALVES COMES, MARCELO SANTOS, PAULO MENEGON, PAULO ROCHA VAZ e XAVIER SILVA. **Inspetor** DILSON CORRÊA. **Montador** IVO BARRETO.

CORAL LÍRICO

Regente Titular MÁRIO ZACCARO. **Regente Assistente** ERICA HINDRIKSON. **Pianistas** MARCOS ARAGONI e MARIZILDA HEIN RIBEIRO. **Preparador Vocal** CAIO FERRAZ. **Sopranos** ADRIANA MAGALHÃES, BERENICE BARREIRA, CLÁUDIA NEVES, ELAINE MORAES, ELAYNE CASER, GRAZIELA SANCHEZ, HUANG SHU CHEN, IVETE MONTORO, JACY GUARANY, JULIANA STARLING, MAGALI LETTIERI, MARCIA COSTA, MARIA ANGÉLICA FEITAL, MARIA ANTONIETA SOARES, MILENA TARASIUK, MONIQUE RODRIGUES, ELISABETH RATZERDORF, MARIVONE PEREIRA CAETANO, MARTA MAULER, RITA DE CASSIA POLISTCHUK, ROSANA BARAKAT e SANDRA FÉLIX. **Meiosopranos** ELISA NEMETH, ELIZABETH GOMES, ELOÍSA BALDIN PETRIAGGI, ERIKA MENDES BELMONTE, HELOÍSA JUNQUEIRA, KEILA DE MORAES, LAURA MORAES SANTOS, JULIANA VALADARES, MARIA LUISA FIGUEIREDO e MÔNICA MARTINS. **Contraltos** CELESTE DO CARMO, CLARICE RODRIGUES, LIDIA SCHAFFER, MAGDA PAINNO, MARIA DALVA DE ALVARENGA, MARGARETE LOUREIRO e MARIA JOSÉ DA SILVEIRA. **Tenores** ALEX FLORES DE SOUZA, ANTONIO CARLOS BRITTO, DIMAS DO CARMO, EDUARDO PINHO, EDUARDO DE GOÉS, EDUARDO TRINDADE, FERNANDO DE CASTRO, GILMAR AYRES, JOAQUIM ROLLEMBERG, JOSÉ ANTONIO MARSON, JOSÉ SILVEIRA, LUCIANOS GOÉS, LUIZ ANTONIO DONÉ, MARCELLO VANNUCCI, MÁRCIO LUCAS VALLE, MIGUEL GERALDI, PAULO QUEIROZ, RENATO TENREIRO, RÚBEN DE OLIVEIRA, RUBENS MEDINA, SÉRGIO PADELESKI, SÉRGIO SÁGICA, VALTER FELIPE e VALTER MESQUITA. **Baritonos** ALESSANDRO GISMANO, ARY LIMA JR., DANIEL LEE, DAVI MARCONDES, DIÓGENES GOMES, EDUARDO PANIZA, JANG HO JOO, LUIS OREFICE, MARCIO MARTINS, MIGUEL CSUZLINOVICS, ROBERTO FABEL e SANDRO BODILON. **Baixos** CLAUDIO GUIMARÃES, FERNANDO GAZONI, JOSÉ CARLOS LEAL, JESSÉ VIEIRA, JOSÉ NISSAN, JOSUÉ SILVA, LEONARDO AMADEO PACE, MARCOS CARVALHO, ORLANDO MARCOS, RAFAEL THOMAS e SÉRGIO RIGHINI. **Secretária** CRISTINA CAVALCANTE. **Montador** ALFREDO BARRETO DE SOUZA.

BALÉ DA CIDADE DE SÃO PAULO

Diretora Artística LARA PINHEIRO. **Diretor Artístico Assistente** FERNANDO MACHADO. **Bailarinos** ADILSON JUNIOR, ANDRESSA BARBOSA, BRUNO GREGÓRIO, CAMILA RIBEIRO, CAROLINA FRANCO, CAROLINA MARTINELLI, CLEBER FANTINATTI, ERIKA ISHIMARU, FABIANA FORNES, FERNANDA BUENA, GLEIDSON VIGNE, HAMILTON FELIX, IGOR VIEIRA, JEAN ALENCAR, JARUAM MIGUEZ, JEFFERSON DAMASCENO, HENRIQUE LIMA, LAURA ÁVILA, LEONARDO HOEHNE POLATO, LILIANE DE GRAMMONT, MANUEL GOMES, MARISA BUCOFF, PATY NUNES, RAYMUNDO COSTA, RENATA BARDAZZI, ROBERTA BOTTA, THAÍS FRANÇA, TUTTO GOMES, VICTOR HUGO VILA NOVA, VIVIAN NAVEGA DIAS, WAGNER VARELA, WILLY HELM, WOODY SANTANA e YESSER DÍAZ. **Pré-profissionais** LUANA NERY e PAULA MIESSA. **Estagiário da Escola de Dança de São Paulo** ROBSON LEDEZMA. **Assistente de Coreografia e Ensaiadoras** KÊNIA GENARO, LUMENA MACEDO e SUZANA MAFRA. **Maitres de Ballet** HUGO TRAVERS, MILTON KENNEDY e LILIANE BENEVENTO. **Assistentes de direção** SILVANA MARANI. **Inspetor** DEOCLIDES FRAGA NETO. **Coordenadora técnica** RAQUEL BALAKIAN **Iluminadora** SUELI MATSUZAKI. **Sonoplasta** JÉFERSON SANTOS. **Supervisora do Figurino e Camareira** BRUNA FERNANDES. **Estagiária** JULIANA ANDRADE. **Maquinista** WILSON LUIZ. **Contrarregra** MARCELO BESSA. **Pianista** WIRLEY FRANCINI. **Secretaria** DORA DE QUEIROZ. **Expediente** LENIRA ALBERTO. **Médico Ortopedista** JOEL LA BANCA. **Fisioterapeuta** REGINA GRECCO. **Professores Convidados** KLENIO CASARIN *pilares*, FLAVIO LIMA *yoga*, e MIRIAN DRUWER *contemporâneo*.

CORAL INFANTIL

Presidente Emérito SILVIO BACCARELLI. **Patrono** ZUBIN MEHTA. **Diretor Artístico** ISAAC KARABTCHEVSKY.

CORAL DA GENTE

Coordenadora Artística e Pedagógica SILMARA DREZZA. **Pianista** CLAUDIA CRUZ. **Cantores** ALEX MARQUES, ALINE FERREIRA DE LIMA, ANA JÚLIA DE OLIVEIRA PINTO, ATILA NASCIMENTO SOUZA, BEATRIZ DE SOUZA SOBRINHO, BEATRIZ MAIA DE ALMEIDA, CLAUDIO MATEUS MARQUES LIMA, DANIELLY MARISA TEIXEIRA DA SILVA, DOMYNIQUE STHEFANY M. DE ANDRADE, FABIOLA DE SOUZA RODRIGUES, GABRIELA TEIXEIRA CABRAL MORETTI, GEIZIANE OLIVEIRA SOUTO, GISELE CARNEIRO LIMA, ISAAC NASCIMENTO DA SILVA, KAROLINA SÔNIA OLIVEIRA DA CRUZ, KATHLEEN NASCIMENTO, KLEICY JORDÃO DE MORAIS, MARIA APARECIDA DE OLIVEIRA ALVES, MAYARA FELISBINA CADÓ, PALOMA EDUARDA, RUBENS DE LIMA BATISTA, THAYNARA SEPULVEDA DE JESUS, VINÍCIUS MATHEUS OLIVEIRA e WERICK ALVES DO NASCIMENTO.

EQUIPE DE PALCO DO TMSP

Coordenador LAURO LEMES. **Chefe da Cenotécnica** ANÍBAL MARQUES (Pelé). **Chefe de Palco** SIDNEI GARCIA DA FONSECA. **Técnico de palco** EDSON ASTOLFI, JESUS ARMANDO BORGES, JÃO BATISTA BERNARDO DA CRUZ, JORGE RODRIGUES DO ESPÍRITO SANTO, JOSÉ MUNIZ RIBEIRO, LUIS CARLOS LEÃO, WAGNER BAPTISTA CARDOSO e WILSON JOSÉ LUIZ. **Contrarregra** MARCELO CAVALCANTE BESSA e DIOGO VIANA DA CUNHA. **Chefe de Som** SÉRGIO LUIS FERREIRA. **Operador de som** KLEBER MARQUES VAZ. **Chefe de iluminação** ROBERTO FERNANDES DE PAIVA. **Iluminadores** EDUARDO VIEIRA DE SOUZA, ANSELMO PLAZA, RAFAEL LEONID PLAZA e YURI MELO. **Central de Produção** ELISA GAIÃO PEREIRA, IVANI RODRIGUES UMBERTO, MARCELA DE LUCCA MACHADO DUTRA, JOSÉ PEREIRA, JOSÉ CARLOS SOUZA e JOSÉ LOURENÇO. **Camareiras** ANA MARIA S. DOMINGUES, LEONOR OLIVEIRA GUERRA, MARIA CÂNDIDA PEREIRA PIRES e MARIA DE LOURDES MARCONATO. **Assistente de Produção** TMSP PEDRO GUIDA. **Técnicos Contratados. Camareiras** ANDREA DE LIMA DIAS, ARIANE DE ALMEIDA SÁ, ISABEL RODRIGUES MARTINS, LUCIA HELENA ALVES, MARIA APARECIDA ESTEVES, MARIA AUXILIADORA DE SOUZA GONÇALVES, MARIA GABRIEL MARTINS e REGIANE F. BIERRENBACH. **Maquinista** ANTONIO CARLOS DA SILVA, CLAUDIO BOI, JOCENI SERAFIM DA SILVA, JÚLIO CÉSAR SOUZA DE OLIVEIRA, LOURIVAL FONSECA DA CONCEIÇÃO, MARCELO LUIZ FROSINO, MARCIO RENATO DE JESUS e THIAGO DOS SANTOS PANFIETI. **Contrarregras** ALESSANDER OLIVEIRA, ANTONIO CÉSAR GOMES SÁ, CARLOS BESSA, KELLY CRISTINA DA SILVA, PETER MENDES DE OLIVEIRA e ROGÉRIO FEBRAIO. **Técnicos de luz** MARCOS AURÉLIO SANTOS, OLAVO CADORINI CARDOSO, PAULO DE JESUS NERI e RAONI FELIPE DA GAMA NONATO. **Técnico de Som** GUILHERME RAMOS DE SOUZA.

FICHAS TÉCNICAS

PRÓLOGO ANDRADIANAS diretores assistentes DIEGO DAC e ROSANA CARAMASCHI. **Pesquisa** ROSANA CARAMASCHI **Malabaristas** LUIZ LOBASSI, ALEX BINGÓ e JOÃO CARLOS DUTRA. **Flauta** HENRIQUE AMADO. **Designer textos** SERGIO SALGADO. **Projeção textos** KARIN UZUN. PEDRO MALAZARTE DIRETOR ASSISTENTE MARIO TALARICO. **Pianista Preparadora** KARIN UZUN. **Assistente Figurino** JULIANO LOPES. **Confecção. Alfaiate** DOMINGOS DE LELLO. **Costureiras** JUDITE GERONIMO DE LIMA e GERALDA JOSÉ FERREIRA. **Equipe Maquiadoras** NAYRA PONTES e ITAMAR BITTENCOURT. **Equipe Cabeleireiros** LILIAN AKIMI e ROGER FERRARI. MAGDALENA **direção geral de produção** CLEBER PAPA. **Diretores Assistentes** DIEGO DAC e MARIO TALARICO. **Direção de Palco** DOMINIQUE MONNERAT. **Assistente de direção de palco** JONATAS COSTA. **Coordenação geral figurinos** ROSANA CARAMASCHI. **Supervisão dos figurinos (França)** MARIE ODILE CROS. **Assistente Figurino** PALOMA NEVES. **Produção de Figurinos** SUELLEN GARCIA. **Texto Programa** IRINEU FRANCO PERPETUO. **Pianista preparador** PAULO HENRIQUE ALMEIDA. **Adaptação vocal do texto em português bilingue** MARIA ELISA PERETTI PASQUALINI. **Adaptação vocal do texto em português** LUCIANO ROSSA e VINÍCIUS CALVITTI. **Atores**

FABRIZIO SANTOS, LEANDRO DESTÁCIO e REINALDO ESQUIVEL. **Bailarinos** ALINE CAMPOS FERRO ROCHA, ALEXANDRE CARDOSO DA SILVA, CATARINA PINHEIRO SILVA DO SACRAMENTO, FABIANA SANTOS FIGUEIREDO, FELIPE DOS SANTOS GUEDES, FLÁVIO EVERTON DA CONCEIÇÃO, FRANCISCO KLEBER CANDIDO DA SILVA, TIAGO SILVA DIAS, MARCELA PINHO CUNHA, MARINA ROSELINO RICCI, ROBERTA FARIAS DE MELO, SAYURI DE BARCELO HAYASAKA, VINÍCIUS RODRIGUES ANCELMO e WESLEY FERNANDEZ. **Treinador Animal** LUIS OLIVEIRA. **Equipe cabeleireiros** MIMA BAIANA, JEFFERSON SOUZA, LILIAN AKIMI e ITAMAR BITTENCOURT. **Confecção de figurinos** THÉÂTRE CHÂTELET DE PARIS. **Adaptação, reparos e confecção dos figurinos no Brasil. Costureiras** NILDA DANTAS, MARIA ALVES, FLÁVIA DANTAS e ISIS. **Usina de figurinos. Assistente de Produção** VÂNIA ALMEIDA. **Interprete** NATÁLIA CANDIDO GOMES. **Direção técnica** DILSON TAVARES. **Construção e adaptação dos cenários** TK CENO CENOGRAFIA E PRODUÇÕES **Produção de Montagem dos Cenários** SORAYA KOLLE. **Cenotécnicos** PAULO ROGÉRIO, MANUEL LOPES DE SOUZA, JULIANO TRAMUJAS, ADRIANO ROBSON COSTA e AWAL DIAS. **Montadores** EDILSON QUINA, EDNILSON QUINA, EDSON QUINA e RICARDO LEANDRO. **Apoio** MARCELO MATOS, DANIEL LEOPOLDINO DA SILVA, HUGO TEIXEIRA SOARES, VALDELI RAFAEL DE SANTANA, ALAN MELO e MARCOS BOJAR. **Operador de luz** LEANDRO PEDOTT. **Técnicos de Luz** ALEXANDRE CAMPOS ANACLETO, SIDNEY SERGIO ROSA, SILVIO BRAGA CRUZ e BRUNO RODRIGOS DA SILVA. **Bombeiros** PAULO FERREIRA DE LIRA, JOSÉ FERNANDO DE BRITO e FÁBIO ABILIO DE PAULA ALVES. **Apoio de Produção** JULIANA CARDOSO e PATRICIA COSTA. **Serviços de copa** APARECIDA RODRIGUES DA SILVA e MAGNA DE LIMA. **Assessoria de Imprensa** QUATRO ELEMENTOS COMUNICAÇÃO e MARKETING CULTURAL. **Legendas** CONCERTATO. **Produção** CASA DA ÓPERA.

Coordenador de Programação do TMSP

JOÃO MALATIAN

Cerimonial

MARIA ROSA TARANTINI SABATELLI

O Theatro Municipal de São Paulo agradece o Sr. Edmilson Venturelli, do Instituto Baccarelli

PARCEIROS DO TMSP

[Logotipos das empresas Votorantim Metais e Campana]

PREFEITURA DE SÃO PAULO

Prefeito Gilberto Kassab

SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA

Secretário Carlos Augusto Calil

THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Diretora Beatriz Franco do Amaral

Diretor Artístico Abel Rocha

[Logotipo 100 anos do Theatro Municipal de São Paulo]

[Logotipo Prefeitura de São Paulo Cultura]



- 4 - Os guizos do Dominózinho 2\$000
- 5 - As peripécias do Trapeirozinho 3\$000
- 6 - As traquinices do mascarado mignon 3\$000
- 7 - A gaita de um precóce fantasiado 3\$000
- 8 - A folia de um bloco infantil - 4 mãos 8\$000
- Completo 20\$000

Danças características AFRICANAS - Collecção de 3 peças

- Nº 1 - Farrapos 3\$000
- » 2 - Kankakus 4\$000
- » 3 - Kankiks 3\$000
- Completo 9\$000
- 4\$500

Gato (O) e o rato - op. 65 n.º 3 - De Tabulas Características

- Historias da carochinha - Collecção de 4 peças

- Nº 1 - Né palácio encantado 2\$000
- » 2 - A cortezia do Príncipezinho 2\$000
- » 3 - E o pastorzinho cantava 2\$000
- » 4 - E a princezinha dançava 2\$000
- Completo 7\$000

Leida do Caboclo (A) Ondulando - Estudo

- Prole do Bêbé - Nº 1 - La famille du Bébé - Col. de 8 peças
- Nº 1 - Branquinha 3\$500
- » 2 - Moreninha 2\$500
- » 3 - Caboclinha 2\$500
- » 4 - Metadinha 3\$000
- » 5 - Negrinha 3\$000
- » 6 - A Pobresinha 1\$500
- » 7 - O Polichinello 2\$000
- » 8 - Bruxa 4\$000
- Completo 18\$000

Simplex Collectanea - Collecção de 3 peças

- Nº 1 - Valsa mystica 3\$000
- » 2 - Num berço encantado 2\$500
- » 3 - Rhodante 3\$500
- Completo 8\$000

Suite Floral - Op. 97 - Collecção de 3 peças

- Nº 1 - Idyllo na rede 2\$500
- » 2 - Uma camponeza cantadeira 2\$000
- » 3 - Alegria na horta 3\$000
- Completo 7\$000

1º Suite Infantil - Collecção de 5 peças

- Nº 1 - Bailando - Movimento de Minuetto piu animato 2\$500
- » 2 - Néné vae dormir - andante melancolico 2\$500
- » 3 - Artimanhas - Allegretto quasi allegro 2\$000
- » 4 - Deflevoas - Allegro 2\$500

- Nº 1 - Solidão 2\$000
- » 3 - O novelzinho de linha 3\$000
- » 2, 4, 5 e 6 em francez 3\$000
- Completo 8\$000

Louco Mal Secreto

- Miniaturas - Collecção de 6 peças
- Nº 1 - Choro 10 - Nº 2 3\$000
- » 2 - A viola 4\$000
- » 3 - Choro - Nº 3 3\$000
- » 4 - Sonho 9\$000
- » 5 - Japonezas 4\$500
- » 6 - Siro de Aldeia 4\$500
- Completo 20\$000

Noite de Luar

- Sertão no Estio - Cantico brasileiro
- Virgem (A) 2\$000

EM FRANCIS

- Fleur Fanée - Op. 18 3\$000
- Historietas:
 - » Nº 2 - Lune d'Octobre 2\$000
 - » 4 - Hermione et les bergers 2\$500
 - » 5 - Jouis sans retard, car vite 2\$500
 - » 6 - Le Marché 3\$000
 - » 1 e 3 em portuguez 3\$000

- Mères (Les) - Op. 45 1\$500
- Oiseau (L') - » 10 2\$000

EM ITALIAN

- Bove (II) - com Violoncello
- Nome di Maria (II) 2\$000

EM HESPANH

- Amor y Perfidia - Canção 3\$000

CANTOE HARM

EM LATIN

VIOLENO E P

- Ave Maria - N.º 19 - Soprano 2\$500
- Canto do Cysne Negro (O) - Extrahido Klionikos 2\$500
- Elegie 2\$000



Ficha técnica da Publicação

Apresentação Institucional

Andrea Caruso Saturnino
Diretora Geral

Ana Lucia Lopes
Gerência de Formação, Acervo e Memória

Rafael Domingos Oliveira
Coordenador do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Índice de fontes: vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo

Anita de Souza Lazarim
Pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa
Com a colaboração de **Daniela Torres Lima**
e **Igor Vicente Gomes da Silva**
Bolsistas da Pesquisa

Epílogo: Complexo Modernismo: a história da Semana de Arte Moderna pelo acervo do Complexo Theatro Municipal de São Paulo

Guilherme Lopes Vieira
Documentalista do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Anexo: Transcrição dos Programas de Espetáculos e Eventos

Anita de Souza Lazarim
Pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Daniela Torres Lima
Bolsista da Pesquisa

Igor Vicente Gomes da Silva
Bolsista da Pesquisa

Concepção e Organização da Publicação

Ana Lucia Lopes
Gerência de Formação, Acervo e Memória

Rafael Domingos Oliveira
Coordenador do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Anita de Souza Lazarim
Pesquisadora do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Colaboradores

Alexandre Ferreira Xavier
Conservador do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Rafael de Araujo Oliveira
Arquivista do Núcleo de Acervo e Pesquisa

Produção Gráfica
Estevan Pelli

Produção Editorial
Beatriz Ramos

Design e Projeto Gráfico
Casa Rex

Revisão
Çiça Corrêa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lazarim, Anita de Souza

Índice de fontes [livro eletrônico] : vestígios da Semana de 22 no acervo do Theatro Municipal de São Paulo / [Anita de Souza Lazarim, Guilherme Lopes Vieira ; organização Anita de Souza Lazarim, Ana Lucia Lopes, Rafael Domingos Oliveira da Silva. -- São Paulo, SP : Sustenidos Organização de Cultura, 2022. -- (Índice de fontes)
PDF

Bibliografia.
ISBN 978-65-997225-0-9

1. Documentos - Fontes 2. Semana da Arte Moderna (1922 - São Paulo, SP) - História 3. Theatro Municipal de São Paulo - História I. Vieira, Guilherme Lopes. II. Lazarim, Anita de Souza. III. Lopes, Ana Lucia. IV. Silva, Rafael Domingos Oliveira da. V. Título. VI. Série.

22-101164

CDD-706.098161

Índices para catálogo sistemático:

1. Semana de 22 : Theatro Municipal de São Paulo : Documentos : Fontes : Artes 706.098161
Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380